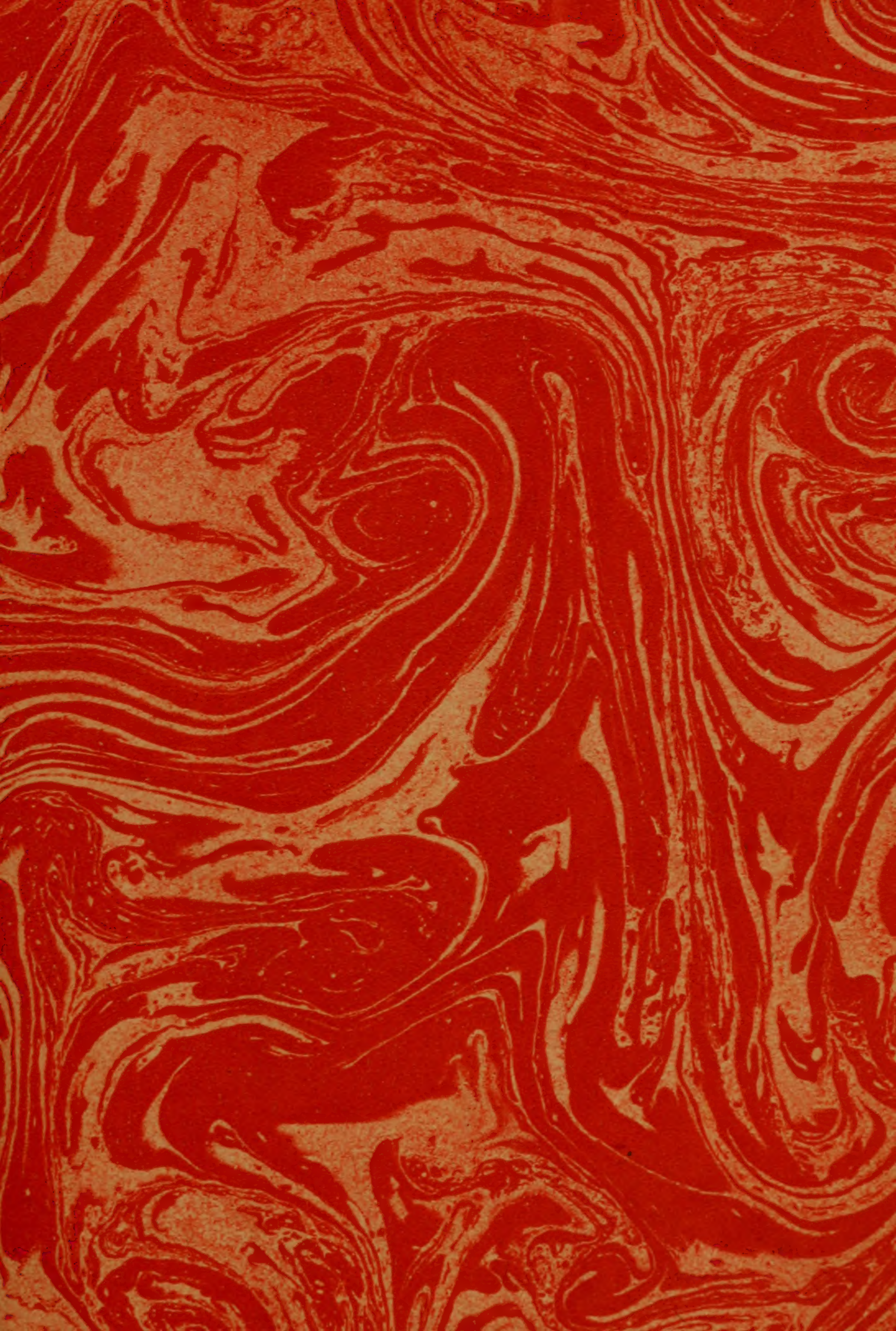
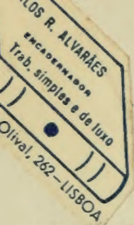

3 1761 07047086 9






LOS R. ALVARÃES
ENCADERNADOR
Trab. simples e de luxo
Olival, 262 — LISBOA

Solano d'Abreu

AMOROSOS

EM TERRA DE TOUROS
NO PAIZ DAS ARRUFADAS



GALERIA PROVINCIANA

SOLANO D'ABREU

Amorosos

Em terra de touros.

No paiz das arrufadas.



LISBOA
TYP. INDUSTRIAL PORTUGUEZA
72, R. ARCO BANDEIRA, 74

1904


LIBRARY
NOV 27 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

I


AVIA movimento desusado na quinta do doutor Carvalhosa. Realisava-se no dia seguinte a primeira tourada da epocha na praça da villa vizinha, e, conforme antigo costume, o Carvalhosa dava o gado para ser corrido, em beneficio do hospital, por amadores distinctos.

D'essas lides ficavam sempre famosas recordações, avivadas durante todo o anno nos serões particulares, nas noites do club e das pharmacias.

O enthusiasmo pela diversão principiava na vespera, á tarde, na quinta do Carvalhosa, onde se reuniam muitos convidados para acompanhar os touros até á praça, ou para os vêr na passagem.

O Carvalhosa era medico sem clinica, porque gastava o tempo a tratar das propriedades, segundo as regras e conselhos das sciencias applicadas á agricultura.

A quinta, d'estylo antigo em arvoredos e edificações, alargava-se em uma campina, cortada pelo rio, todo marginado de choupos e salgueiraes.

As marachas entravam pela terra, servindo de esconderijo quando a mosca nos dias calmosos aguilhoava o gado, obrigando-o a fugir em carreira doida caminho das mouteiras frescas, sem luz.

A entrada da quinta abria-se em largo portão sobre a estrada da villa.

Dois caramancheis, com cupulas de ferro, enramadas de jasmins, erguiam-se dos lados, sobre o muro, em fórma de torreões.

Era d'alli que a familia do Carvalhosa, e os convidados, assistiam á passagem dos touros.

*

* *

Ia-se á residencia por larga alameda de platanos, com as franças cruzadas, formando no verão abobada impenetravel aos raios do sol.

Entrava-se na casa por uma escada exterior, de cantaria enegrecida, com guardas de bojudos balaustres, tambem de pedra, sustentando largo corrimão, ornado de vasos e figuras.

Á sala da entrada seguia-se a do fogão, como lhe chamavam por ter ao fundo uma grande chaminé de marmore e bronze.

Por cima, na parede, ostentava-se a cabeça embalsamada d'um touro, notavel em bravura, nascido nas manadas do Carvalhosa, e morto n'uma praça d'Hespanha pelo mais afamado espada d'aquelles

tempos — tudo conforme dizia a inscripção, aberta em uma placa de metal branco, aparafusada por baixo da empalhada reliquia.

As janellas, ornadas de cobrejões assetinados, cahidos em prégas elegantes, abertos e presos aos umbraes por guiseiras de couro envernisado com incrustações de prata, deixavam entrar pouca luz, dando á casa um tom sevéro, sombrio.

As paredes cobertas, até quasi ao meio, d'azulejos brancos e azues, expunham episodios de corridas, batidas aos javalis e caçadas de veados.

Superiores a esse alto rodapé pendiam quadros antigos, d'assumptos campestres, e, nos intervallos, em tropheo, petrechos de lides tauromachicas — espadas e farpas sobre capas de setim vermelho — que eram estimaveis despojos de celebrados torneios.

Do tecto, talhado em almofadas de carvalho do norte, descia um lustre bronzeado, de braços abertos, franjados de crystal.

Ao meio da casa, sobre pés torneados, levantava-se uma comprida mesa de madeira preta com grossas ferragens de prata nas argolas e fechaduras das gavetas. E, em volta, antigas cadeiras de couro e pregaria dourada com largos lavores gravados no espaldar.

N'esta sala faziam-se cartazes de corridas, organisavam-se caçadas, discutia-se a bravura das rezes, as qualidades dos cavallos, a ligeireza dos galgos, e reuniam-se, na vespera da tourada do hospital, os convidados que tinham ido para levantar, ou vêr, o gado.

*

* *

N'aquelle anno a concorrencia era numerosa e animada. Uns, em volta da mesa, tomavam bebidas nevadas, outros conversavam em grupos por toda a sala.

Havia na reunião muitas senhoras.

O Carvalhosa cofiava a longa barba grisalha, n'um gesto que lhe era muito habitual, e, attencioso para todos, percorria os grupos tendo para cada convidado uma palavra lisonjeira sem mentira, uma phrase amavel sem hypocrisia.

Demorava-se especialmente junto das senhoras, fazendo-lhes as honras da casa, porque era viuvo, e a unica filha que tinha — a Laura — entretinha-se mais a discutir com os homens cavallos e touros, do que a falar com senhoras em bordados e figurinos.

*

* *

A Laura era uma esbelta rapariga com dezoito annos feitos, a pelle levemente morena, os cabellos fartos, annelados e negros, os olhos d'uma suavidade voluptuosa e meiga. A elegancia do corpo desenhava-se-lhe em linhas correctas, d'um rigor esthetico

Tinha poucos mezes quando a mãe lhe morreu, e,

logo que completou doze annos, o pae metteu-a em um collegio de Lisboa, annunciado nos jornaes em typo grande, com profusão d'elogios e a lista das approvações na ultima epocha d'exames.

A Laura conheceu immediatamente a amisade mercenaria das mestras, o egoismo e a inveja das condiscipulas, que lhe sorriam a todo o momento, e a deixavam cahir a todo o instante em desillusões d'uma rude crueldade.

Elogiavam-lhe agora na presença o talento, a bondade, a meiguice, para logo a occultas a intrigarem, com as professoras, arredando culpas proprias. e atirando para ella responsabilidades de faltas, que a pobre não tinha.

Muitas vezes a Laura, abandonando o seu trabalho, acudia aos rogos d'uma condiscipula para fazer um desenho ou emendar um bordado, e l go a collegial beneficiada mostrava a obra como se fôsse propria, e desdenhava da Laura : — «uma mandriona que levava horas e horas para dar uns pontos e fazer uns riscos, que qualquer outra fazia muito melhor em muito menos tempo.»

A victima d'essa maldade não reagia, fixava em um ponto a meiguice do olhar, architectava no espirito projectos de reacção, que nunca punha em pratica, e fazia propositos de emenda, que nunca era capaz de cumprir.

E só sahia d'essa abstracção quando duas lagrimas fugitivas lhe punham nas faces afogueadas a refrigerante sensação de dois pequenos crystaes de gelo.

Por fim, como não tinha quem lhe educasse a bondade innata, afez-se ao meio, e, se não seguiu o exemplo, deixou por menos de sentir repugnancia por aquelle procedimento. O caracter tornou-se-lhe frio, indifferente, e a alma ficou-lhe completamente nùa d'affeições.

Um dia, depois dos dezeseis annos, vieram dizer-lhe por ordem do pae: que era tempo de deixar o collegio e voltar para casa.

Sabia então falar correctamente francez e inglez, pintava com habilidade, tocava no piano musica classica, e não tinha a menor comprehensão das obrigações domesticas, que contribuem poderosamente para a felicidade do lar na constituição da familia.

O pae recebeu-a carinhosamente, abraçou-a e disse-lhe: — «que tendo acabado a educação intellectual, era necessario principiar com exercicios physicos para robustecer o organismo, debilitado naturalmente pela influencia de muitas causas deleterias, existentes nos collegios.»

E, desdenhoso pela sciencia que tinha estudado, concluia, sorrindo:

— Não creias no medicamento. Faze-te escrava da hygiene.

Uma velha creada indicou-lhe o quarto, e, no dia seguinte, um professor d'equitação veio abrir-lhe um programma de vida inteiramente nova.

Poucos mezes depois a Laura distinguia-se nos galopes á redea solta, no salto das vallas, que cortam as lezirias, nas batidas ás rapozas, e até na separação d'um curro de touros em numerosa manada.

O governo interno da casa continuava totalmente entregue á velha creada.

O pae dirigia a lavoura, pouca attenção dava á filha, e apenas algumas vezes lamentava — «que ella lhe não suavisasse o enfado das longas noites d'inverno com um bocado de musica».

A fadiga dos passeios durante o dia justificava a recusa. A narração pittorescamente colorida d'uma peripecia da vida dos campos, e até mesmo a exposição eloquente d'um novo processo agricola, em via de divulgação, deixava o pae satisfeito, lisonjeado, sem mais se lembrar da musica appetecivel.

Só o Soares — o antigo feitor da casa — extranhava aquelle modo de vida; e chorando a perda da boa ama — a mãe de Laura — dizia: — «que se ella resuscitasse logo morreria de desgosto por vêr a educação que a filha levava».

*

* *

E assim era natural e coherente que a Laura, n'aquella tarde, vespera de tourada, mais se entretivesse com a discussão dos homens sobre a arte dos cavalleiros e a raça dos touros do que com a conversa das senhoras, embora o enthusiasmo communicativo da reunião fizesse com que algumas abordassem o assumpto.

Na sala entrou o doutor Marcos Brandão — dele-

gado do procurador regio — com o fato talhado pelos mais exagerados modelos da moda, o collarinho alto, difficultando-lhe os movimentos da cabeça, as polainas alvejantes até ao bico da bota, o bigode preto de pontas eriçadas, a cara torcida, engelhada do lado direito, n'uma careta ridicula, sempre que queria segurar o monoculo.

Tinha ingenuidades tolas, celebradas e repetidas pelos amigos e conhecidos.

Muito ambicioso, não esmorecia na persistencia importuna, enfadonha mesmo, de procurar noiva rica.

No constante labutar d'essa tarefa não deixava a Laura, e, logo que entrou, depois de lhe fazer affectados cumprimentos, foi vêr, e elogiar ferverosamente, a decoração da sala.

Parou extatico em frente do fogão, encarou boquiaberto a cabeça embalsamada do touro, viu a, mirou-a em contemplativo silencio.

E, voltando-se depois para o Carvalhosa, concluiu cheio de convicção intima, sincera :

— Sim, senhor, póde-se ser boi n'esta casa.

*

* *

No meio da ruidosa animação da sala poucas pessoas ouviram o doutor.

O Carvalhosa, silencioso, perplexo, não achava regencia para o caso, quando providencialmente assomaram á porta o Fernando Silvedo e a mulher.

Fez-se em toda a sala um movimento festivo á chegada dos dois, o que sempre acontecia, por não haver n'aquella roda quem mais anciosamente fosse esperado e enthusiasticamente acolhido.

O Fernando Silvedo, ainda novo, alto, delgado, elegante, louro, olhos azues, agricultor illustrado e diplomado, era o melhor cavalleiro tauromachico d'aquelles sitios, e um dos melhores do paiz, mesmo entre os profissionaes.

A mulher — a D. Emilia — passava a vida em obras de salutares resultados na sociedade e no lar conjugal, tendo conquistado fama de modelo de esposas e de mães.

Era geral e unanime essa apreciação apesar da Emilia se envolver sempre em um véo d'encantadora modestia.

Possuindo regular riqueza vestia-se singelamente, sem a menor ostentação de luxo, que, n'aquelle meio provinciano, além de denunciar vaidade propria, iria amesquinhar e humildar outras.

A Emilia costumava dizer: — «a mulher que se envaidece com as tafularias do corpo não tem meritos pessoaes que lhe vistam e adornem a alma, ou, o que ainda é peor, necessita dos atavios para annunciar a figura.»

Odiava as touradas, e sentia profundo desgosto quando o marido entrava na lide, mas, sempre paciente e resignada, não reagia, e apenas evitava o espectaculo sob o pretexto sincero de não poder vêr o Fernando exposto a perigos.

Tinha um filho de dois annos — o Armindo —

uma creancinha rosada e loura, com os olhos azues, e a cabelleira cahida em fartos caracoes, sacudidos e agitados n'uma viva desenvoltura.

A mãe muitas vezes sentava-o no collo, abraçava-o, fitava os olhos no céo, e ficava-se assim por muito tempo a pedir a Deus, que lhe livrasse o filho da mania dos mofinos touros.

E, em fervoroso transporte de ternura, acabava por mais o estreitar, como se o estivesse a defender do sestro hereditario.

*

* *

Á entrada dos Silvedos muitas pessoas correram á porta para os cumprimentar, e, na frente de todos, a Laura que tinha por elles um profundo affecto.

A arte, a serenidade e a elegancia do Fernando a farpear um touro, a dominar e a dirigir um cavallo, tinham empolgado a admiração da Laura, creando-lhe no animo vehemente affeição, exteriorisada n'um verdadeiro culto.

E n'esse sentimento envolvia a Emilia, considerando-a unida ao marido, como um todo que a Laura não sabia separar e que unia na mesma carinhosa estima.

Por isso correu ao encontro dos Silvedos, recebeu-os com verdadeira alegria e apertou a Emilia em sincero abraço.

*

* *

A irman do prior — a D. Mauricia — uma trintona, de buço terminado em duas fartas moscas, symetricamente postas nos cantos do labio superior — quando os Silvedos entraram, chupava uma limonada, a sorvos sonoros e compassados, pelo tubo d'uma palha de centeio.

Ao vêr à Emilia — a quem invejava — tão bem recebida, parou com a gulodice e rosnou:

— A sonsa não gosta de touradas, mas veio para guardar o marido.

E suspirou saudosa:

— Já não ha mulheres, se fosse ha dez annos ...

*

* *

O doutor Brandão estava n'um grupo, atraz da Mauricia, mentindo para agradar á Laura.

Contava como tinha feito uma péga, em tempos d'estudante, n'uma tourada de curiosos — «fôra para a cabeça do boi, atirára-lhe com o barrete, abrira-lhe os braços.»

E, enthusiasmado, bateu com o pé no chão, recuou, empurrou com as costas as costas da D. Mauricia e gritou, que se ouviu em toda a sala:

— Eh! Real...

A irman do prior, espantada, atordida, tombou o copo do refresco sobre o vestido de seda côr de canella, encharcou o aventalinho de quadrados de setim branco e vermelho, propositadamente feito conforme as côres d'um centro politico de que o mano era presidente.

Todos riram, e a Laura com mais enthusiasmo do que ninguem.

Bem o notou o doutor, empertigado, muito ancho, a julgar-se homem d'espirito.

A Mauricia levantou-se, caminho da janella a sacudir o avental, e vendo a Laura ainda a rir, resmungou de fórma que a não ouvissem:

— Se a cabra não havia de lhe achar graça.

*

* *

O Carvalhosa, cortez, amavel, procurou logo desviar as attenções para outro assumpto, perguntando ao Silvedo se estreava nas cortezias do dia seguinte o *Luzitano*, o novo cavallo alter-real.

Respondeu o Fernando affirmativamente, e pediu á Laura que experimentasse depois o cavallo em um passeio.

O doutor sentiu-se humilhado por não ter que offerecer á dona dos seus pensamentos constantes, e

principiou a passar pela mente, em revista, os objectos que lhe poderiam servir para um delicado presente.

Lembrava-se d'um cachorrinho da cadella Terra Nova do official de deligencias; do quadro a missanga, representando S. João e os cordeirinhos, feito pela dona da hospedaria; do navio de cortiça, paciente e habilidosamente construido por dois embarcadiços, e exposto na pharmacia do sr. Florindo com louvor geral do publico e particular do pharmaceutico — o homem mais entendido da villa em regras da arte nova e antiga.

N'aquelle ambicioso e crescente desejo de achar objecto digno d'elle, da Laura, e do grande amor que sentia, ficou-se quedo, mudo, abstracto, a olhar para o sobrado.

Ninguem dava pela meditação do doutor, porque todos ouviam attentamente o Silvedo contar em estylo colorido, por vezes pittoresco, e sempre attrahente, peripecias de corridas, caçadas, desbastes de cavallos, ferras e tentas de novilhos.

A Laura ouvia extatica, presa, dominada pelo calor da palavra e pelo interesse do assumpto.

E tanto a suggestionava a narração, que, n'um arrebatamento quasi invencivel, sentia vontade de se abraçar á Emilia, como se abraçasse o marido.

*
* *

O Soares, — o administrador da casa do Carvalhosa — veio quebrar a fascinação, entrando na sala a dizer:

— «Que eram horas de levantar o gado.»

O Carvalhosa alvitrou:

— É melhor sahirmos já. Se algum touro se tresmalhar haverá tempo de o recolher.

Concordaram todos com o parecer e todos se puzeram em movimento.

As senhoras, e poucos homens, iam vêr a passagem para os caramanchões do portão, sobre o muro da estrada; a D. Mauricia, com o pretexto do rheumatismo, ficava na sala, para á sua vontade, em delicioso socego, se regalar de limonadas, bem carregadas d'assucar.

Foi ao cimo da escada acompanhar os que partiam, e, quando voltava para dentro, deu largas á maledicencia:

— Doidas! Se ouvissem tocar ao viatico não corriam tão ligeiras.

E, seguindo o velho costume de falar só, continuou:

— É necessario um diluvio para fazer barrela á porcaria das almas e dos corpos. Se o Altissimo o não manda, mal vae á religião. Vão lá ouvir o mano.

E foi para a mesa destapar assucareiros, cheirar garrafas, provar xaropes, lambendo e chupando depois os cabellos do buço pegajoso e empastado.



O doutor Brandão ficava com as senhoras. Não ia porque tinha mêdo.

Limitou-se a segurar corajosamente a cabeça do cavallo para a Laura montar, recebendo em troca do serviço um sorriso e um aperto de mão.

E bem recompensado se sentiu porque se julgou n'aquelle momento o homem mais feliz do mundo.

Sem arredar pé, assistiu á partida, até quasi se deixar atropelar pelos cavallos inquietos, anciosos por sahida.

A cavalgada, pouco depois, partiu a trote.

Na frente a Laura, entre o pae e o Silvedo, e, a seguir, duas filas de cavalleiros, de pampilho ao hombro, barretes de lan, variados em côr, atirados para traz, com a borla a bater na nuca.

Já longe, no fim da estrada, á entrada do campo, uma densa nuvem de pó envolvia todos, não deixando distinguir ninguem, e, apesar d'isso, o doutor Brandão não despegava olhos da poeirada.

Envergonhava-se de ter ficado, tinha desesperos de arrependimento, sentia ciumes e não atinava com motivo que os justificasse.

Immovel, pegado no logar, não se resolvia a sahir d'alli, embora ella, ao trote largo do alazão, corrêsse, corrêsse sempre, afastando-se cada vez mais.

II


sol, em pleno azul, enchia a varzea; uma aragem fresca vinha do norte, suavisando o calôr da tarde; a folhagem dos choupos, nos renques do rio, tremulava levemente; insectos d'azas iriadas, á sombra dos mouchões, volteavam no ar, zumbindo, procurando-se, ciosos; os restolhos punham na veiga um tom monotono, de palha resequida.

Os touros de cabeça erguida, desconfiados, extranhavam o logar, para onde tinham vindo, havia horas, aguardar o momento da partida para a praça.

Os cabrestos descuidados, d'olhar manso, arrastavam socegadamente os chocalhos pela terra, emquanto cortavam restos de trigo tisnado, hirsuto nos comoros dos alqueives.

Outros direitos, de cabeça alta, muito quietos, ruminavam, chocalhando compassadamente, n'um rhytmo regulado pelo movimento das maxillas, e deixavam escorrer dos cantos da bocca dois fios de baba

limpida, como dois crystaes fundidos, delicadamente fiados.

Mais ao largo, com peias nas mãos, os cavallos estavam promptos, aparelhados, com a pelle branca de carneiro merino estendida sobre o albardão, a cobrir a manta enrolada na garupa e o alforge riscado, atravessado na anca, sobre o rabicho.

Resguardavam-se do sol, á sombra das arvores, os campinos, de barrete verde encarapinhado de branco, collete vermelho aberto sobre a camisa, calções azues, sem braguilha, fechados com alçapão, meia branca, arrendada, até ao joelho, espora de metal reluzente, afivelada sobre o sapato de atanado amarello.

O maioral, estendera-se ao comprido — o peito na margem da lavoura, os cotovellos fincados na terra, a cara apoiada entre as duas mãos, o olho esquerdo meio fechado, retrahido ao fumo do cigarro, pendente do beiço inferior, quasi ao canto da bocca, aberta, n'uma attitude pasmada, indolente.

Ao vêr entrar o patrão no campo, ergueu-se e gritou aos criados:

— Eh! rapazes, leva a riba.

E logo despeiaram os cavallos, metteram-lhes o freio, deitaram a jaleca ao hombro, puzeram o pé esquerdo no estribo, apoiaram a mão no pampilho, bem firmado na terra, e, d'um salto, ficaram montados.

O Soares adeantou-se, deixou o Carvalhosa, e veio dar ordem de levantar.

O maioral, conhecedor dos touros, temendo principalmente um d'elles, e vendo tanto cavalleiro em

volta do patrão, abanou a cabeça com ares sentenciosos e gritou, sem cerimonia:

— *Ena* pae, tantos gajos! Se o gado *s'estramalha* dá pr'ahi em enfeixar n'elles, que nem um s'aproveita.

Desdenhoso, encolhendo os hombros, proseguiu:

— *Tamem* não os temos d'entregar por conto.

E com um sorriso de mófa, voltou-se para o feitor:

— Ó seu Soares, o *verdugo* até lhes chama um figo.

O *verdugo* era um possante touro negro, listão, bem armado, testa encarapinhada, largo de cachaço, muito temido no campo, destinado ao torneio de cavalleiro.

O feitor encolheu os hombros, ficou respeitosamente calado, mas não lhe faltou vontade de responder: — «não viessem cá. Assim o querem, assim o tenham.»

*

* *

Dois campinos avançaram para os cabrestos, chamaram o *palmito*, e um bonito boi de guia, castanho claro, fartamente embarbellado, roliço de carnes, armado em lyra, veio metter-se entre dois cavallos, sacudindo alegremente os guizos da colleira de couro, marcada na ponta com duas iniciaes do nome do Car-

valhosa, entrelaçadas em vistoso monograma de metal branco.

Os cabrestos, á vòz dos guardadores, seguiram o guia.

Os touros principiaram a mover-se, a caminhar vagarosamente, cercados pelos campinos que avançavam com cautela, recommendando cuidado.

O Soares e o Carvalhosa tomaram a deanteira, fazendo caminho, varrendo a estrada com avisos previdentes para quem encontravam, impondo a auctòridade propria aos rapazes, que, escarranchados nos muros, trepados nas arvores, com os braços abertos, os barretes na mão, acenavam, assobiavam, faziam uma doida vozearia:

— Eh! boi... Eh! negro... Eh! Caraça...

*

* *

O Fernando Silvedo no ultimo logar, atraz de todos, fumava pachorrentamente.

Na frente d'elle seguia a Laura, entre muitos cavalleiros.

Assim caminharam regularmente, sem incidente, até á frente dos caramanchões da quinta, onde estavam as visitas do Carvalhosa.

Ahi, para ser mais vistosa a passagem, apertaram o gado.

Os campinos, que ladeavam o boi de guia, largaram a trote.

O *palmito* seguiu, continuando, como vinha, a roçar levemente com a armadura os joelhos dos guardas.

Os cabrestos foram-lhe no encalço.

Os touros, desconfiados, mostraram difficuldade em avançar.

Um campino picou o *verdugo,* que, sentindo a ferretoada do aguilhão, se voltou ligeiro, embravecido, a cabeça erguida, a bocca espumosa.

Abriram-lhe passagem, e só a Laura, confusa, atrapalhada, lhe ficou no caminho.

O touro investiu com o cavallo, que se pôz a pino quasi a prumo.

A Laura não se aguentou, escorregando pela anca cahiu no meio da estrada, emquanto o alazão fugia em carreira desordenada.

O *verdugo* com as narinas abertas, o fôlego alto, hesitava na direcção a tomar, quando a Laura se lhe levantou na frente.

O touro sacudiu a cabeça, arrancou, correu para o vulto. E com as pontas, aguçadas como bicos de baionetas, já quasi tocava o vestido da Laura quando o Silvedo lhe cravou no cachaço a choupa do pampilho.

O *verdugo,* ferido, com a pelle rasgada a verter sangue, mugiu de dôr, baixou a cabeça, resistiu á vara, vergada d'encontro ao peito do Silvedo.

Recuou depois, e, sentindo assim alliviada a dôr, recuou mais até voltar-se, retrocedendo para o lado dos cabrestos.

O Silvedo saltou do cavallo, amparou a Laura, quasi desfallecida.

Nos espectadores dos caramanchões havia desmaios, gritos, lagrimas.

Abriu-se o portão da quinta e muitas senhoras correram para a estrada.

A Laura lançou-se nos braços da Emilia, e, apertando-a, com voz tremula, enternecida, agradecia:

— Devo a vida a seu marido.

Ha de o céo pagar-lhe com felicidades para o Armindinho, porque não sou eu capaz de saldar a divida.

Umas senhoras tentavam prodigalisar cuidados e serviços, outras distribuiam congratulações.

O Brandão excedia todos.

O Silvedo furtava-se a cumprimentos, pretextava a necessidade d'ir socegar o Carvalhosa, não fosse outro dar-lhe noticia errada das consequencias do desastre.

Partiu a galope por fóra da estrada, saltando sebes e vallas do campo, para alcançar a deanteira do gado.

A Emilia recebeu sensibilisada o agradecimento da Laura, e, ouvindo participar d'elle o nome do filho, viu pela primeira vez com agrado o marido acompanhar touros.

*

* *

Encaminharam-se para a casa da quinta.

O doutor Brandão, absorto em pensamentos, envergonhado de si proprio, reconhecia-se inferiormente pequeno á vista de tanto valor, julgava-se indignamente baixo em frente de tão elevado feito.

Phantasiava — «se houvesse um incendio no palacio da quinta elle entraria pela janella, correria ao meio das chammas para arrancar a Laura á morte.

Havia de a trazer em braços, em triumpho, até á rua. Mas... arrefecia-lhe o enthusiasmo lembrando-se de que não podia subir a grande altura sem sentir vertigens, nem supportar o fumo, sem facilmente se asphyxiar.»

E continuava a dar folga á imaginação — «se encalhasse e fizesse um rombo o barco em que a Laura costumava passear, quando o rio, nas enchentes do inverno, trasbordava pela leziria, elle deitar-se-ía á corrente, sem mesmo despir o casaco, para a trazer para terra san e salva do tremendo perigo.»

Mas... lembrou-se de que não sabia nadar e de que tinha pela agua um inexplicavel horrôr.

Não achava meio de alcançar o logar d'heroe, e acabou por pedir consolo á sabedoria das nações, repetindo o proverbio:

— Não morram os homens que as occasiões não faltam.

*

* *

Á entrada da casa, no patamar da escada exterior, entre as portas, appareceu a D. Mauricia, arrancada ás delicias da gulodice pelo barulho que vinha de fóra.

Indagava, queria saber o que tinha succedido, e apesar de, no meio da azáfama, não acolher prompta resposta, facil lhe foi averiguar depois que a Laura tinha sido victima d'um desastre.

Intimamente satisfeita, mas apparentando sentido desgosto, escancarou a bocca em maguadas exclamações, benzeu-se, levantou os braços, pôz-se a gritar:

— Senhor Jesus dos Afflictos, Senhor Jesus dos Afflictos, se o peor estiver passado, hei de levar-vos duas velas d'arratel e quarta.

Na sala, em ruidosa balburdia, todos falavam, narrando o caso, revelando impressões recebidas.

Umas — « tinham ficado atordoadas, com o coração aos pulos. Viram levantar-se o cavallo, e mais não sabiam dizer, porque lhes passára uma coisa pela vista.»

Outras declaravam—«que só um milagre do céo a salvára. Estava bem com Deus. Mais um segundo de demora e estaria irremediavelmente perdida. Abaixo do Altissimo devia a vida ao senhor Fernando Silvedo.»

No vão d'uma janella a D. Mauricia, mordaz, sarcastica, sorria e rosnava:

— Ora apanha. Alguma vez o gado havia de sahir mosqueiro. E não ha de ser a ultima se o meu padre Santo Antonio quizer.

A Laura, refeita d'animo e forças, já a rir, tranquilisava:

— Não foi nada. Estou capaz d'outra.

E a instancias carinhosas da Emilia bebia, aos golinhos, um copo d'agua com vinho do Porto.

O Carvalhosa e o Soares não tardaram muito. Entraram apressados, anciosos, e só tiveram descanço quando viram a Laura a rir da quéda.

*

* *

O doutor passeava proximo do fogão com os olhos no pavimento, o espirito concentrado.

Estava a compor um discurso.

Logo que viu entrar o Silvedo veio ao meio da sala, impoz silencio, estendeu o braço direito n'um gesto largo, solemne, e principiou, depois de tossir:

— Senhores jurados...

Abafou-lhe a palavra uma gargalhada unisona. Fôra trahido pelo habito de falar no tribunal.

Mas, sem desanimar, continuou, invocando Cesar, Napoleão, Camões e o Pintasilgo — cavalleiro tauromachico de Santarem.

Foi longa a arenga, apesar de se ouvir em toda a sala escandaloso sussurro de vozes, conversando animadamente.

*
* *

A Laura procurára uma cadeira junto do Fernando a quem repetia, explicando, as peripecias da quéda:

— Não me faltou coragem, creia. O cavallo tem pouco ensino, não quiz obedecer ao freio.

O Silvedo offereceu-se para lhe dar umas lições:

— Faremos uns passeios trocando os cavallos, se o alazão não ficou inutilisado com o beijo

A Laura acolheu o offerecimento com franco alvoroço. E tanto o desejava que temia não o vêr realisado. N'essa ancia instou:

— Ha de cumprir brevemente a sua promessa, sim?

E logo, como se uma subita idéa lhe ennuveasse o espirito, calou-se, fitando os olhos no sobrado. A precipitada transicção não passou despercebida ao Silvedo:

— Está incommodada?

— Não.

E, sem poder calar o que sentia, continuou:

— Preferia montar o cavallo sem ensino. Desejava expor a vida.

— O pesado encargo... diga, minha senhora — concluiu o Silvedo, rindo. E não acreditando na seriedade da affirmativa, seguiu alegre, ironico:

— Julgava os dezoito annos de vossa excellencia isentos d'esse mystico lyrismo, que põe na alma das meninas romanticas aspirações ideaes, sem realisação nos lodosos tremedaes da terra.

Essas só no céo encontram a venturosa mansão, porque só no céo logram ouvir os sonhados idyllios dos louros cherubins.

Pois, minha senhora, eu detesto e aborreço o outro mundo, e muito especialmente o céo, desde que ouvi dizer em pequeno, que fôra para o céo uma tia velha que passava o tempo a rezar as contas, a cheirar rapé e a puxar me as orelhas.

E, francamente, ainda hoje me repugna a companhia da pobre rabujenta.

— Ou não me comprehendeu, ou quer divertir-se, beliscando-me com as suas causticas ironias.

— Chame-lhe antes platonicas, e eu accrescentarei: como os desapegos de vossa excellencia pela vida.

— Engana-se. Sentir-me-ía verdadeiramente feliz, quando, mesmo á custa da propria existencia, contribuisse, como hoje, para dar ao nome do senhor Silvedo mais um titulo d'extraordinario valor e generosa abnegação. Era esta a hypothese.

O Silvedo reconheceu a amabilidade, curvou-se respeitoso, e protestou:

— Avoluma demasiadamente o dever cumprido. Tanto póde a generosidade de vossa excellencia!

A Laura meigamente dolorida, tornou:

— Preferia que attribuisse o exagero á minha grande estima...

E, encontrando os fascinadores olhos do Fernando cravados nos d'ella, levantou-se, vermelha de rubor, enleada de pensamentos, e afastou-se, allegando o dever cortez de attender o doutor, que ainda falava.

*

* *

Havia mais rebeldes á attenção devida ao orador.

O Soares, visivelmente impressionado, desabafava com a Emilia :

— Se a mãe fosse viva — a minha virtuosa senhora — não andaria a filha exposta a estes perigos.

Os annos do meu serviço n'esta casa, a amisade que consagro a esta familia, teem-me auctorisado a manifestar ao senhor Carvalhosa o meu modo de pensar sobre a educação da menina — a quem quero como se alguma coisa me fosse. Responde-me : «que detesta a mulher de sala e que a sua filha não póde ser a mulher de trabalho.»

A Emilia, revoltada, criticou com amargura a resposta :

— Esqueceu-lhe na classificação o typo mais importante, o unico de valor real na sociedade — a mulher de familia.

Detesta a mulher de sala mas encommendou-a a mestras estrangeiras que a não podiam instruir até lhe criarem a necessidade de empregar os idiomas estranhos no estudo de valiosos livros.

Falam linguas — uma prenda luxuosa, van, inutil como frivolo adorno ; raramente usada, como diadema de brilhantes, reservado para noites de gala. E a essa vaidosa futilidade sacrificam o profundo conhecimento da propria lingua.

Falam francez e viciam o portuguez, enchendo-o de grosseiros gallicismos, colhidos na linguagem alheia.

Sem escolha de vocação, ensinam a todas musica e pintura, porque esse estudo faz parte do programma do collegio e essas prendas são julgadas como requintes elegantes da arte de agradar.

E detesta a mulher de sala!

Não quer a mulher de trabalho, e o trabalho é o elemento moralisador, essencial, no sacerdocio da mulher de familia — a unica que não se transvia do verdadeiro fim, que não tem uma falsa comprehensão de deveres, nem um culposo desvio de destinos.

O Soares, todo attento, approvava com gestos significativos de cabeça, e, aproveitando uma pausa, falou tambem:

— E depois a menina veio do collegio e não encontrou aqui quem a chamasse a obrigações domesticas, quem lhe despertasse apêgo á casa.

A Emilia reatou o fio das considerações, que vinha fazendo:

— Quiz então a mulher de *sport* — um producto exotico, de difficil acclimação no paiz.

O homem póde dominar pela força physica como domina pela intelligencia. A mulher só domina pelo sentimento. Ao homem pertence educar o cerebro e o musculo, á mulher o coração.

E seria tão facil conseguir da extrema docilidade da D. Laura outra orientação para a bondade innata dos seus sentimentos...

— A quem vossa excellencia o diz! Concluiu o

Soares. E ficou silencioso, a repetir mentalmente as palavras da Emilia, fixando-as na memoria para as reproduzir, em occasião opportuna, quando falasse com o Carvalhosa.

Veio pôr termo ao dialogo o ruido dos applausos e cumprimentos dirigidos ao doutor, que acabára de falar.

A D. Mauricia sahiu do vão da janella, e, mellifica piedosa, dirigiu-se a todos:

— É necessario dar graças ao Altissimo por ter prestado o auxilio da sua divina graça á herdeira d'esta casa, mostrando assim como se não esquece das almas eleitas. Vou pedir ao mano prior um *Te-Deum* no altar do Sagrado Coração de Jesus.

O Carvalhosa sahiu-lhe ao encontro agradecendo-lhe o immerecido incommodo, dispensando a religiosa solemnidade. A D. Mauricia molhou os labios com a pontinha da lingua, espevitou-se na resposta:

— De muito mais é digna a Senhora D. Laura.

E, cruzando sobre o peito as mãos curtinhas, papudas, estremeceu e suspirou:

— Ai! Quem me déra as suas virtudes.

E lá foi, a passinhos miudos, toda vaidosa da sua idéa, apregoar o projecto da grandiosa festa, accrescentando mais:

— Que o mano havia de pedir para Roma a benção de Sua Santidade.

III

manhan seguinte appareceu quente e formosa. O sol surgira radioso para a caminhada do dia, sem uma nuvem a mancharlhe, de leve que fosse, a diaphana estrada azul.

Baforadas mornas vinham das charnecas, onde o fôgo lambia as vertentes para forçar o rebentar dos pastos, quando chegasse á ascensão primaveril das seivas.

Nos taludes das estradas, sobre a folhagem dos freixos, as cigarras desesperadas, impertinentes, cegarregueavam, como, se ao desafio, disputassem primazias de fôlego.

Bandos de passaros principiaram cedo a procurar bebedoiros, escoados em regato por entre a herva rasteira. E banhavam-se com as azas abertas, a plumagem do peito na corrente, e, a cada mergulho, um chilrear alegre e festivo.

*

* *

Os foguetes, subindo a direito, estralejavam sobre a praça de touros, annunciando a corrida.

Ás duas horas já as bancadas do sol estavam cheias d'uma multidão vistosa, taful, e bulhenta. As côres variadas dos barretes e das cintas mesclavam-se com a ramagem garrida dos lenços e a chita louçan das bluzas.

Cruzavam-se as chalaças, dos que já estavam regaladamente sentados, com as pragas dos que entravam e trabalhosamente conquistavam logar.

A sombra enchia-se pouco a pouco.

Entravam lavradores abordoados a cannas da India, com o chapéo claro, d'abas largas, posto ao lado, collete aberto ostentando grossa cadeia d'ouro, charuto barato, mordido, no canto da bocca. Atraz d'alguns vinham as filhas em cabello, o chaile, dobrado, deitado no braço, e na mão a sombrinha d'alpaca com cabo d'osso.

Seguidas pelas creadas subiram para os logares superiores, mais seguros, velhas proprietarias com o mantelete fechado em laço no meio do peito, e a mantilha de rendas pretas sobre o penteado chato, cataplasmado d'ingredientes luzidios.

Caixeiros, nas bancadas, gosavam sofregamente a estroinice d'uma tarde.

Atiravam com os côcos para a nuca, saboreavam repetidos cigarros, com um gosto completamente differente dos fumados durante a semana, ás escondidas, no fundo da loja, atraz da ruma de castorinas, ou da pilha das saccas de assucar.

Vinham em grupos creadas de servir com o lenço deitado para traz, a mostrar o penteado alto, com o carrapicho, no cimo da cabeça, atravessado por vistoso prego amarello, cheio de pedrarias de vidro.

Conforme iam chegando beijavam-se nos dois lados da cara, imitando as visitas das senhoras. E punham grande cuidado nas mangas empatufadas, em fórma de presunto, não se amachucassem.

Tinham vindo cedo, uns após outros, os padres das freguezias, juntando-se todos, pondo com os seus fatos pretos uma larga mancha escura no fundo branco do amphytheatro. O prior da villa — o mano da D. Mauricia — sentado no meio d'elles, encalmado, sem chapéo, para matar tempo lia um artigo da *Nação* sobre a impiedade da farta concorrencia aos espectaculos profanos com desprezo das festas religiosas.

Depois d'um periodo d'empolado estylo, parou para apreciar:

— Sim, senhores, bem escripto. Rica penna!

Ao lado o cura, que já tinha lido, concordou:

— É d'uma canna...

No coreto appareceram os musicos fardados de marinheiros — camisola azul, largo cabeção branco, bonnet redondo com o titulo da philarmonica em letras prateadas. O filho do regente conduzia o estandarte da sociedade, feito de seda azul e branca, com o nome da philarmonica bordado a ouro: *Invencivel Gremio da Sublime Arte Musical.*

Tinha sido offerecido pelo centro regenerador e bordado pela mulher do presidente da camara, sobre o risco do chefe de conservação das estradas, antigo empregado nos desenhos das obras publicas do districto.

No meio da praça um servente dos bombeiros municipaes empunhava a agulheta da mangueira de lona, e regava a arena, abafando o pó, sob um chuveiro miudinho, que se alastrava, repassando a terra.

Vendedores ambulantes, diligentes, de lado para lado, apregoavam:

— Agua fresca! Cá está a cerveja! Quem quer gazosa?...

Fóra rodavam os carros rompendo a custo por entre a multidão, agglomerada em volta dos vendedores de fructa, vinho e limonada em garrafas de vidro branco, mostrando a sobrenadar, na transparencia do liquido, cascas de limão em fita, de fórma espiral.

Pobres expunham aleijões, mettiam-se por entre

os carros, deixavam-se quasi atropellar, estendiam a mão, lamuriavam:

— Ó, meu nobre senhor, dai... i... i... a esmolinha a quem n'este mundo se vê tão aleijadinho.

Á porta dos camarotes o doutor Marcos Brandão, muito garrido e fresco no seu fato de flanella branca, esperava com impaciencia, olhava com curiosidade, os carros que chegavam.

Tinha na mão um ramo de rosas Marechal Niel, côr d'ouro vivo, globosas e perfumadas.

Subitamente manifestou-se-lhe nos olhos denunciadora alegria de desejo satisfeito, porque chegava o *breack* arreado á hespanhola, conduzindo a Laura, deliciosa, attrahente, vestida de seda branca, mosqueada de violetas de Parma. O decote mostrava, tententando esconder, o principio d'um delineamento curvilineo, afogado em mar de rendas. Os cabellos encrespados sahiam-lhe em tufos por baixo das abas do largo chapéo, enfeitado de tule branco, enflorado apenas com um ramo de myosotis, lembrando a mancha de tenuissimo chuveiro de tinta azul celeste, sobre a alvura d'um pedaço de neve. Nas orelhas duas grandes perolas pretas, como se estivessem depostas no delicado estojo de duas conchas nacaradas. Do pulso pendia-lhe, como pequena ave inerte, o leque de marfim, emplumado d'arminhos.

O carro parou, e o doutor correu a abrir a porta, estendeu a mão á Laura, auxiliando-a na descida, e offereceu-lhe as rosas, que ella agradeceu, elogiou e pregou no fecho do decote.

O Brandão, vaidoso, valorisava o presente:

— Vieram de longe, custaram um dinheirão!

A Laura sorriu com indulgencia, subiu e appareceu na frente do camarote, espraiando a vista pelo circo.

Todos os olhares se voltaram para ella, envolvendo-a n'uma ancia de curiosidade e admiração. A sua figura fascinava, e o caso sensacional da vespera dava-lhe ao nome uma popularidade de lenda, passada de bocca em bocca, augmentada d'interesse com a invenção de novas peripecias.

O Carvalhosa era geralmente estimado pela honradez de caracter e pela generosidade das acções, entre as quaes se salientava a offerta annual do gado para a tourada em beneficio do hospital. E agora todos se lembravam de que a philantropica acção estivéra quasi a custar-lhe a vida da filha.

A Laura de pé, com a mão apoiada no parapeito do camarote, n'uma posição sobranceira e magestosa, conscia da sua belleza, dominava a praça com a profundeza scintillante do olhar.

E a multidão, subjugada, contemplava-a, sentindo desejos de a victoriar com acclamações de triumpho.

Dos outros camarotes vieram amigas e conhecidas trazer cumprimentos e congratulações interrompidas pelo clarim, que dava o signal para a sahida do cortejo.

*

* *

Ouviu-se o hymno da carta estrondoso, retumbante de pancadaria e metaes.

Abriram os dois largos batentes da porta do cavalleiro, e, cercado de bandarilheiros e d'homens de forcado, montando o *Lusitano* — um soberbo alter-real preto, retinto — entrou na arena o Fernando Silvedo, aprumado, elegantemente correcto, vestido de setim vermelho, bordado a prata, calção de camurça, bota alta de verniz.

O cavallo avançou, vaidosamente emproado, mordendo o freio com orgulho.

A cortezia do Silvedo foi para o camarote do Carvalhosa, immediatamente superior ao logar da auctoridade.

Em baixo o administrador do concelho, em pé, com o chapéo na mão, agradeceu, curvando-se.

O cavalleiro recuou e voltou a repetir a formalidade, ladeando depois garbosamente em volta da praça, no meio de applausos, que o publico nunca regateava á arte e ao desinteresse com que o Silvedo concorria annualmente para abrilhantar a corrida do hospital — valioso amparo da pobreza de todo o concelho.

Acabadas as cortezias recolheu, mudou de cavallo, e voltou para receber a farpa, que o provedor da misericordia veio offerecer-lhe ao meio da arena.

Havia nos espectadores um grande interesse pela lide do primeiro touro — o *verdugo* de apregoada bravura e de celebrada fama pela proeza da vespera.

O clarim tornou a soltar as suas notas stridentes, metallicas, enthusiasticamente bellicas.

Esse som penetrou como um estylete nos ouvidos da Laura, repassando-a de calafrios. Os gratos sentimentos d'estima consagrados ao Silvedo manifestavam-se n'um infantil temor. Anciava por vêr o fim da tourada, e nunca sentira taes desejos em um espectaculo que adorava.

O Silvedo, de ferro em punho, no meio da arena, sorria, e esperava, olhando para o curro.

Bateram na porta da gaiola, puxaram o ferrolho, e o *verdugo* sahiu em impetuosa corrida, com a bocca aberta, a lingua pendente, os olhos estriados de sangue, raivosos de colera, e o bramido atroador, a vomitar ameaças.

Em duas voltas varreu a praça, deixando-a limpa de gente, sem olhar para o cavallo.

Estacou e pôz-se a escarvar o chão, levantando nuvens de poeira, que se lhe ia empastar no suor do lombo, em manchas terrosas.

O cavalleiro, elegante no seu porte, alegre na manifestação da sua superioridade, veio passar pela frente do touro, desafiando-o, desdenhando de tanta arrogancia, sorrindo de tanta bravata.

A féra obedeceu á citação, investiu com o cavallo, e recebeu em pleno cachaço o primeiro ferro, posto

magistralmente, conforme a opinião dos entendidos.

Os applausos romperam de todos os lados, a musica tocou uma marcha triumphal, ateando o calor do enthusiasmo.

A Laura respirou, encheu os pulmões d'ar, consolador, tresco.

Cobrou animo, sentiu-se alliviada d'um grande peso.

Mal tinha o Silvedo pegado n'outra farpa quando o *verdugo* lhe facilitou nova sorte, executada com a mestria da primeira.

O touro correu sobre o cavalleiro na obstinada perseguição d'uma valente recarga.

O cavallo sahiu, mas, a poucos passos, retardou-se por ter mettido um dos pés na terra fôfa, molhada, mal batida, sobre os canos da rega, concertados na vespera.

O *verdugo* achavelhou o cavallo, derrubou-o, e não o largava.

Na praça fez-se um profundo silencio. Havia espectadores de pé, paralysados em angustiosa anciedade. Outros agitavam os braços n'um instinctivo e improficuo desejo de soccorro.

A Laura tapou a cara com o panno do leque.

O espada saltou da trincheira, abriu a capa, e desviou o touro, levando-o para o outro lado da praça.

O cavalleiro, incolume, levantou-se e sorrindo tornou a montar.

Os espectadores, alliviados da dolorosa impressão,

manifestaram a sua alegria com applausos, resoantes como um trovão prolongado e repercurtido.

Voltára a vida da praça, suspensa durante a imminencia do perigo, e agora francamente expandida em viva animação, em expansivo enthusiasmo de jubilo.

A Laura, ao ouvir os applausos, atreveu-se a olhar por cima do leque, timidamente, pouco a pouco, receiosa de desagradavel vista, mas só teve que ver a serie de victorias alcançadas pelo Silvedo em combate constante, incansavel.

As ovações repetiam-se, os bravos e as palmas não se acabavam.

O cavalleiro já não provocava o touro, agradecia.

A Laura, em um impeto d'enthusiasmo, levou as mãos ao peito, arrancou do ninho de rendas o ramalhete das rosas Niel, e atirou-as ao Silvedo, que as apanhou no chapéo.

Do sol pediam então ferros curtos, e o cavalleiro pegou em dois, veio offerecer a sorte á Laura, juntou-os com as rosas na mesma mão, e, seguindo todos os preceitos da arte, cravou-os no cachaço do touro.

Em seguida levantou o braço triumphalmente, mostrando as rosas, que não tinham soffrido o menor enxovalho, nem a mais pequena macula, na pureza das suas petalas perfumadas.

A elegante destreza d'esta ultima sorte excitou o enthusiasmo. A ovação generalisou-se envolvendo o Carvalhosa e a Laura, que agradeciam commovidos, em pé, no camarote.

As senhoras acenavam com os lenços, parecendo que, de todos os lados, bandos de pombas vinham associar-se ao triumpho com a alvura das suas azas, symbolicamente gloriosas.

Depois de recolhido o touro appareceu o Silvedo na arena, desmontado, com as rosas pregadas no peito sobre o setim vermelho da casaca.

Cahiu sobre elle uma chuva de flores, rebuçados, charutos.

O Carvalhosa, chamado á praça, abraçado ao Silvedo, chorava lagrimas de jubilo e gratidão.

Os espectadores, comprehendendo o sentimento d'aquelle abraço, voltaram-se para o camarote e acclamaram festivamente a Laura, unida assim ao Silvedo sob a influencia da mesma ovação.

A Laura, fascinada, olhava e não via. Sentia nos ouvidos o marulho d'um mar revolto. A vista annuviava-se-lhe, e, em visões d'um sonho, appareciam-lhe os braços d'aquella gente estendidos no gesto largo e santificado d'uma benção.

Os lenços, agitados pelas senhoras, revolviam-se como brancas nuvens de fumo d'incenso, queimado em thuribulos, balouçados por anjos, entre nebelinas azuladas, como se viam em quadros da Virgem Santa.

Para não cahir apoiou-se no parapeito do camarote.

A aragem acariciava-a como bafo fagueiro a reanimar com beijos vivificantes um corpo inanimado e querido.

Viu um pouco. O sol, alastrado nas bancadas da

frente, feriu-lhe a retina, deu-lhe a imagem d'um facho, chispando revèrberos, suggestionando-a, puxando-a para a labareda, como se fosse borboleta attrahida para a luz que a havia de queimar e consumir.

Alquebrada, vencida pela commoção nervosa, deixou-se cahir na cadeira.

Acudiram-lhe com cuidados carinhosos, e a ninguem pareceu extraordinario aquella perturbação d'animo, naturalmente nascida em lembranças do desastre da vespera, tornadas agora em vivo estimulo de sensibilidade.

*

* *

A fatal labareda, vista pela Laura na phantasia da crise nervosa, flammejava como real e verdadeira aos olhos da D. Mauricia.

A irman do prior, no camarote d'umas amigas, olhava immovel, abstracta, com a cabeça a menear na confirmação da idéa.

Quando a ovação se extinguiu puxou da caixa e do lenço, sorveu profundamente uma grossa pitada, e, no deleite do rapé, e no goso do pensamento, sorriu, sarcastica, satisfeita.

Sentia-se bem porque pensava mal.

Manifestou a delicia do consolo n'um — Ah! — regalado e profundo. E, concluindo longas considerações, disse para os seus botões:

— Em o lume estando ao pé da estopa logo o diabo o assopra. E' regra que não falha.

*

* *

Á sahida, no meio da confusão dos carros e dos empurrões da gente de pé, o doutor Brandão ufano, lisonjeado, informava da somma de trabalho e dinheiro que lhe havia custado o ramo das rosas.

A D. Mauricia, vendo sahir no mesmo carro, ao lado um do outro, a Laura e o Silvedo, convidado para o jantar do Carvalhosa, ficou especada entre a porta dos camarotes, com o olhar fixo, preso nos dois, o pensamento ainda apegado á mesma idéa, e a palavra a confirmar a mesma opinião:

— Olá se assopra...

VI

o dia seguinte o Carvalhosa, justificadamente envaidecido com a bravura do seu gado, foi cedo para o campo rever-se nas rezes.

Quedou-se por muito tempo na pastagem a admirar os novilhos, e a indagar do maioral nomes e idades.

Pensava em uma tenta escrupulosa, feita por amadores e artistas, com um jantar final para solemnisar a tourada da vespera.

O Soares tambem tinha sahido de manhan para dar uma volta pela ceifa, antes d'ir para a eira, onde se debulhava o trigo.

O Silvedo veio offerecer o *Lusitano* — o cavallo das cortezias — á Laura, como recordação da tourada.

A Laura acceitou a offerta com infantil enthusiasmo. Era noite e ainda ella estava na cavallariça, recommendando cuidados no tratamento do cavallo.

No dia seguinte levantou-se antes da hora habitual,

porque acordára mais cedo lembrando-se do *Lusitano.*

Desceu logo para o vêr, e para se informar do appetite com que elle comera a ração.

Na tarde d'esse dia, seguida pelo creado e ao lado do Silvedo, foi campo fóra experimentar o *Lusitano* no passo, no trote, no galope e em saltos de barrancos e vallados.

Tornou-se quotidiano esse passeio.

O Carvalhosa recebia repetidas visitas de toureiros e emprezarios, que vinham escolher e contractar curros.

Consumia todo o tempo n'esses negocios, e toda a attenção enredava e prendia n'esse assumpto.

Só via a Laura á hora das refeições, informava-se das qualidades do *Lusitano* e não se cançava de aconselhar á filha que seguisse sempre as boas indicações do Silvedo no preceito de mandar o cavallo.

E concluia:

—Aprende, aprende, se não queres tornar a plantar figueiras nas estradas.

A Laura, a rir, desculpava-se:

— O erro não fôra d'ella. O cavallo não obedeceu ao freio, e o *verdugo* vinha com pressa.

O Silvedo almoçava com elles quasi todos os dias, depois do passeio da manhan, antes das horas do calor.

Agora esses passeios eram sempre para a Quinta dos Ulmeiros.

Saltavam ao portão, deixavam os cavallos entregues ao creado, bebiam na vaccaria um copo de leite

mômo, medido do jarro, e seguiam em demorado passeio pela matta e pelos jardins.

Voltavam depois a casa com um ramalhete de flôres para enfeitar o centro da mesa e deliciar o Carvalhosa que se encantava com ellas.

*

* *

A Quinta dos Ulmeiros era uma propriedade de recreio, pertencente a um velho celibatario, capitalista, domiciliado em Lisboa.

Tinha ao centro, em fórma de *chalet*, a casa da residencia, só habitada pelo proprietario nos mezes da primavera, na epocha das rosas, numerosamente cultivadas, e distinctamente escolhidas na Quinta dos Ulmeiros.

Em volta do *chalet* estendiam-se os jardins, cortados por alamedas de palmeiras, cercados de mattas de cedros, medronheiros e acacias. E, por entre o arvoredo da floresta, em grutas naturaes, cavadas na rocha, cobertas de trepadeiras, nascia agua em limpidos borbutões, e d'alli corria a alimentar lagos e cascatas.

Cuidava da quinta um casal de velhos, muito conhecidos nos arredores — o senhor José da Arrifana, e a senhora Carlota Januaria.

O marido tratava do jardim emquanto a mulher

ia á villa vender a fructa do pomar e o leite das vaccas.

A senhora Carlota, baixinha, roliça, tinha os olhinhos vivos, de rato, e o passo bambaleado de pata gorda.

Muito beata, nunca fazia a venda do leite sem ter ouvido missa, e era uma das mais fervorosas irmans da associação do Coração de Jesus, que tinha como zeladora a D. Mauricia.

Tambem era bisbilhoteira e curiosa a senhora Carlota Januaria, o que não admirava, porque os meticulosos escrupulos da sua consciencia de confessada semanal obrigavam-na a indagações esmiuçadas e a curiosidades esquadrinhadoras.

Queria conhecer a vida dos outros para a comparar com a d'ella, e tirar d'ahi estimulos para a virtude propria.

Necessitava saber de todos os casos, que a cercavam, para evitar ser cumplice inconsciente de qualquer culpa extranha.

Precisava certificar-se do rigor da bitola que possuia para avaliação dos peccados.

Muitas vezes a opinião publica beatificava pessoas, que, para a senhora Carlota Januaria, não rescendiam grande cheiro de santidade. Quem se enganava?

O confessor que expozesse a regra, explicasse o preceito, aferisse a medida.

Ella — a pobre ignorante — não sabia deslindar o caso, mas o ardente desejo da salvação eterna exigia-lhe o perfeito conhecimento das acções integralmente virtuosas, sem dualismos duvidosos.

Por estes motivos a senhora Carlota Januaria ardia em constante phrenesi de beatifica curiosidade.

Assim muito naturalmente principiou a espreitar a Laura e o Silvedo.

Logo que os via entrar na quinta seguia-os rastejando pelos cómoros, apanhando herva atraz dos troncos e das sebes, para disfarçar a vigia em que andava.

*

*   *

Um dia vieram no carro. A manhan, estava quente, e o sol escondido em nuvens de trovoada.

A Laura sem chapéo, os cabellos apanhados em mólho por baixo da nuca, a gola do corpete voltada em largo cabeção deixando-lhe o pescoço nú, onde uma fita punha um suave vinco azul. O vestido de linho claro, com enfeites de rendas cremes. No lado esquerdo do peito quatro gardenias, destacando a alvura das petalas sobre o fundo verde da folhagem.

O Silvedo tambem de claro, cinta preta, chapéo d'aba larga, luvas d'anta, e na casa do casaco um ramo de begonias tuberosas, vermelhas, de colorido sanguineo.

Conforme o costume, deixaram o carro ao cuidado do creado e entraram na quinta.

Foram para a matta, seguindo pela primeira rua, sob uma expessa abobada de cedros.

Mal tinham entrado quando em frente d'elles se levantou um melro a esfusiar assobios.

Surprehendido no cumprimento das obrigações da vida, quando mourejava no sustento da ninhada, bateu as azas, ergueu-se, e, na vertigem do vôo, foi d'encontro aos ramos, emmaranhou-se na folhagem do tunnel e não deu com a sahida.

A Laura correu para o apanhar, mas o melro, recobrando animo, voou novamente, para novamente não atinar com clareira aberta nas arvores entrelaçadas.

Desde esse momento foi uma continua corrida, uma anceosa defesa.

A Laura e o Silvedo cercavam-no, perseguindo-o. O melro fugia, pousando aqui, revoando para além.

A perseguição continuava teimosa, encruelcida, quando o melro, melhor orientado, se safou, ligeiro, por entre uns esgalhos seccos.

Já fóra do tunnel, com dois estridulos assobios, festejou a victoria.

E os dois caçadores sentaram-se de bocca aberta, quebrantados de fadigas baldadas, esbaforidos de canceiras inuteis.

A infructifera caçada fizera-lhes calor e sêde, e para esses males, procuraram salutar remedio na fonte mais proxima.

*

*   *

A agua corria d'alto no fundo d'uma gruta, coberta de madresilvas silvestres.

Entraram. O Silvedo saltou para uma pedra superior á bica, onde podia beber, curvando-se.

A Laura ficou em baixo, na frente da agua, com as saias apanhadas, repuxadas atraz para as não molhar, deixando vêr a meia de seda preta, emmoldurada na abertura do pequeno sapato de côr.

N'uma gentil curvatura estendeu a cabeça, poz a bocca na bica e fez recuar a agua.

O Silvedo bebia na represa, mas logo a agua saltou pelos lados, forçando o dique.

Molharam-se os dois, riram, recuaram, e deram nova fórma ao alegre entretenimento.

Agora bebiam aos goles amiudados, sorvidos na satisfação d'um sedento desejo, saboreados no deleite d'uma fina gulodice

O Silvedo olhou para baixo e involuntariamente viu aberto o decote, que a Laura, na sua descuidada posição, deixava escancarar.

Evolava-se das gardenias o perfume excitante, amaviosamente delicioso.

O Silvedo allucinava-se, sentia o sangue circular desordenadamente a impulsos irregulares do coração.

Procurou acalmar-se buscando refrigerio na agua.

Quando se curvou sobre a bica encontrou com a face a face afogueada da Laura, que tambem bebia.

Estremeceu sob a impressão do contacto, recuou, levantou os olhos e encontrou os olhos d'ella, attrahentes como a escura profundeza de dois abysmos, provocadores como a irresistivel tentação de dois peccados.

Olhavam-se e tremiam, tremiam e aproximavam-se.

A natureza, explodindo brutal, ferina, cegamente

vivificadora, uniu-os em um beijo, sofrego de ternuras avidamente desejadas.

*

* *

Á entrada da fonte uma flôr abria carinhosamente o pistillo ao pollen d'outra no meio das petalas côr de rosa do seu vestido de noiva e por entre perfumes glorificadores do maravilhoso hymeneu.

Um par de borboletas, de brancas azas abertas, adejava na vertigem nupciál d'uma manhan de bodas.

Pullulava a vida Cumpria-se a lei fatal. Um movimento fecundante fazia resurgimentos na incessante transformação das fórmas.

*

* *

O melro, malicioso, garoto, assobiou, como se estivesse cantando o triumpho d'uma travessura bem urdida e melhor acabada.

Na elevação d'uma rampa, fronteira á gruta da fonte, atraz das largas folhas d'uma palmeira, frondosamente aberta em verdejantes leques, a senhora Carlota Januaria sentiu o fremito de glacial arripio, deixou cahir a arregaçada d'herva que levava para

os coelhos, e evocou, com dolorosa saudade, os antigos tempos em que o patrão a abraçava debaixo d'aquellas arvores, que agora só tinham sombra para mais entristecer a caduca esterilidade das suas ruinas de mulher.

E, desabafando o odio d'essa inutilidade maninha, rugiu por entre dentes:

Que grandissima pouca vergonha...

V

INDA não tinha rompido a manhan do dia seguinte e já a senhora Carlota Januaria estava a bater desalmadamente á porta do curral das vaccas.

Pediu ao vaqueiro o leite para a venda e foi-se a caminho da villa.

Ia cedo porque necessitava lavar-se na agua lustral da penitencia.

Sentia-se conspurcada com o que tinha visto e ouvido na vespera, e a porcaria do peccado manchava-lhe a consciencia, que só encontraria purificador nos desinfectantes da confissão.

Não se demorou na venda do leite, medido a correr, sem a demora habitual da conversa com a freguezа.

Correu á egreja, entrou e foi á pia da agua benta lavar os olhos, repetidas vezes, benzendo-se cada vez que chapinhava.

Sem essa operação entendia ella que não podia ver as imagens dos altares com os olhos que tinham visto o caso da fonte.

Depois da lavagem — a primeira e unica do dia — foi ajoelhar perto do confessionario.

O sacristão — o tio André das Almas — descia da torre, vinha de tanger Avé-Marias, e, vendo a senhora Carlota, foi solicitamente dizer-lhe: — «que não havia missa nem confissão.

O senhor prior tivéra a colica do costume, e, apesar de melhor, sentia-se ainda muito moidinho, incapaz até de rezar duas salvé rainhas seguidas. Estrebuxára com a dôr um dia inteiro e só lhe passára com a sujidade de rato macho em chá d'herva cidreira.»

A senhora Carlota apiedou-se até ao extremo, deixou cahir o beiço, contristada, dolorida. E, no ardor da sua insaciavel curiosidade, queria mais explicações:

— E fez-lhe bem a porcariasinha?

— Como a graça de Deus. É remedio approvado que nunca falha -- informou o sacristão.

E ella, sempre devota admiradora das maravilhas da natureza, sempre Carlota Januaria, não podendo conter os impetos da sua alma enlevada e grata, exclamou:

— Louvado seja o Creador que até na caganita do rato poz virtude.

Resolveu ir vêr a D. Mauricia e informar-se pessoalmente das melhoras do prior.

Era cedo, hora impropria de fazer visitas, mas conhecedora dos habitos madrugadores da residencia parochial não receou tornar-se importuna.

Poz se a caminho, voltando costas ao altar, sem mais uma oração.

Temia rebentar se por mais tempo trouxesse represado, sem o confessar, o escandalo da fonte.

Contaria tudo á D. Mauricia, que, no entender da senhora Carlota, sendo zeladora da associação do Coração de Jesus, devia tambem ter o seu boccado de auctoridade ecclesiastica.

Á porta despediu-se do sacristão, e, já no fundo das escadas do adro, voltou-se para cima e pediu ao thio André das Almas — «que a desculpasse com S. Sebastião porque não tivera tempo de o ir vêr. Que lhe dissésse — que o gallo preto para a fogaça da festa lá estava na quinta cada vez mais gordo e pimpão no meio do bando das gallinhas.»

E seguiu para casa do prior.

*

* *

A senhora Carlota bateu á porta da casa parochial acudindo-lhe, no cimo da escada, perguntando quem era, a D. Mauricia, de touca branca, comprido avental de chita, em uma das mãos a tijella das papas de linhaça e na outra a faixa de panno de linho para segurar a cataplasma, que ia ser renovada sobre a combalida rotundidade abdominal do mano prior.

Apesar de atarefada em solicitudes de boa enfermeira, reconhecendo a sua amiga Carlota Januaria, mandou-a logo subir, e espera um pouco — «porque

ella nada se demorava, o mano ia melhor e não necessitava agora de assiduos cuidados.»

A senhora Carlota, já lá em cima, no patamar da escada, repetiu muitas vezes: — «que a desculpasse do incommodo mas não podia deixar de ser, tinha tanto, tanto, que contar.»

A D. Mauricia não necessitou ouvir mais para correr ao quarto do prior, atirar com as papas para cima da cama e voltar logo á casa d'espera para receber a visita.

Sentaram-se uma em frente da outra, e a senhora Carlota, antes de tudo, justificou com o escrupulo da sua consciencia o proposito a que vinha.

A D. Mauricia, a arder em curiosidade, applaudiu a devota resolução, e afervorou o religioso sentimento com prodigalidades de beatificos elogios.

E ainda ella não sabia do que se tratava.

Quando depois ouviu citar os nomes da Laura e do Silvedo ficou assombrada, escancarou a bocca n'uma sonora interjeição de pasmo:

— Devéras!

Sentada n'uma cadeira baixa descançou as mãos no collo e pôz o ouvido attento ás minucias da estupenda nova.

De tempos a tempos, quando era mais interessante a descripção, levantava os braços abertos, interrompia:

— O que me diz?!

Ou atalhava:

— O que me conta?!

Na razão directa do enthusiasmo da ouvinte subia o calor da narradora.

Quando lhe contou que os dois estavam sós na fonte, a beber agua juntinhos, na mesma bica, a D. Mauricia exclamou mais satisfeita do que indignada:

— Não me diga outra Carlotinha da minh'alma.

D'ahi até ao fim um grande espanto paralysou-a, deixou-a immovel, de bocca aberta.

Quando ouviu o resto benzeu-se, levantou-se, cuspiu fóra, e, n'uma fingida explosão de nojo, vociferou:

— Descarados!

A senhora Carlota não podia demorar-se porque tinha de fazer a venda do leite.

Mas não se foi sem tomar o café, chupado nas bordas do pires, saboreado gulosamente com estalidos de lingua depois do regalado sôrvo.

Sahiu alegre, ligeira, alliviada. Melhorára a alma com a revelação, como podia ter melhorado o estomago com um vomito.

*

* *

A D. Mauricia resolveu logo servir-se do escandalo para um ataque em fórma á reputação da Laura, e á invejavel paz domestica do Silvedo.

A Carlota não lhe trouxéra uma inesperada sur-

preza, mas mostrára-lhe uma incalculada precipitação d'acontecimentos.

E concluia a cadeia de considerações, que vinha fazendo, murmurando:

— Francamente, ainda o não esperava.

Depois do almoço fechou-se no quarto, sentou-se a uma mesa, poz em ordem os preparos da escripta, e esfregou as mãos, sorrindo diabolicamente satisfeita.

Antes de escrever meditou com a barba fincada na mão, o cotovelo sobre a mesa, os olhos pregados na primeira linha do papel.

Para a boa realisação dos seus planos deveria principiar por fazer uma denuncia ao Carvalhosa?

Esforçava-se por atinar com a verdadeira resposta da pergunta.

Depois d'algum tempo acabou pela negativa. Essa denuncia não convinha porque faria acabar os amores que ella queria ver mais publicos, mais enraizados, mais difficeis de desenlear, mais publicamente compromettidos.

Depois, quando já não tivessem remedio, o Carvalhosa os conheceria.

Iria a denuncia para a Emilia. Era preciso acabar com a paz conjugal dos Silvedos, tão alardeada por toda a gente. Era necessario tambem preparar á Laura uma cruel decepção com a falta do convite para a festa da Emilia no proximo anniversario do filho.

Poz mãos á obra, disfarçando, pintando, a lettra. Concluida a carta anonyma foi ao oratorio, ajoelhou

e pediu aos santos a feliz execução do perverso plano.

No dia seguinte iria á egreja cedo, com o pretexto de dar graças á Virgem pelas melhoras do mano, e, passando pelo correio, deitaria a carta na caixa.

*

* *

Á tarde veio o conego — honorario d'uma sé do ultramar — amigo velho do prior.

Conforme o antigo costume, á merenda, serviu-se do covilhete de ovos molles — «dignos da bocca d'um anjo» — como elle os classificava n'uma entoação de louvores, que só tinham fim com a colherada da rapadura.

Por ultimo, guloso, lisonjeiro, lambia-se e voltava-se para o prior:

— É uma santa esta tua irman.

A D. Mauricia não julgava a sua habilidade de fazer doces um requisito serio para a candidatura a uma cadeira da côrte celeste, mas, como tambem não queria deixar os seus creditos em mãos alheias, rematou:

— O que seria da humanidade se não houvesse quem consagrasse a vida á pratica das boas acções, e dos bons boccados...

VI

 Armindo — o filho do Silvedo — fazia dois annos e a mãe solemnisava a data com um baile a que concorriam as principaes familias da villa.

Os amores do Silvedo com a filha do Carvalhosa já davam, havia muito tempo, assumpto ao mexerico da terra, e toda a gente falava d'elles.

Havia curiosidade de saber se a Laura seria, como era costume, convidada para o baile da Emilia.

A D. Mauricia, encontrando uma tarde as sobrinhas do conego, dissera-lhes: — «que a Emilia sabia tudo. Assim o havia affirmado ao mano pessoa de toda a confiança.»

E as conegas — como lhes chamavam na villa — passaram a novidade aos namoros, que ellas tinham aos pares.

O Carvalhosa, ignorando tudo, continuava a dar á filha completa liberdade e muitas vezes dizia ao Soares:

— Que queria a Laura desembaraçada d'essa rede de preconceitos que tolhiam o passo da mulher portugueza, tornando-a um sêr inferior ao homem, quando se devia nivelar com elle.

*
* *

A noite do baile chegou, e a sêde da febril curiosidade foi finalmente saciada.

As salas do Silvedo enchiam-se de convidados. A seguir á da entrada, onde os homens deixavam os abafos, e alguns se demoravam esperando os namoros, havia a do jogo.

Proximo das mesas parceiros ainda de pé, impacientes, anciosos pelo momento em que podessem principiar a jogar, remexiam as cartas e os tentos.

Para esta sala abria-se d'um lado a do baile, e do outro a da vestiaria das senhoras.

Na do baile alinhavam-se cadeiras, já occupadas no seu maior numero. Ao fundo levantava-se o estrado do piano.

A Emilia escolhia umas musicas na estante proxima. Em toda a sala havia uma conversa animada viva, quando subitamente se fez completo silencio

Reinava a espectativa d'uma maliciosa curiosidade, porque a Laura assomára á porta.

Vinha differente do que fôra — os olhos com menos brilho, a face ligeiramente empannada, o cabello,

baço, o beiço descorado, as fórmas curvilineas mais arredondadas — mas, apesar d'isso, enchia a saia com a magestade do porte, com o dominio da belleza, com o imperio do sorriso, conscia de poderio, vaidosa de superioridade.

A Emilia deixou logo as musicas, desceu do estrado, veio ao encontro da Laura, estendeu-lhe as mãos, beijou-a amavelmente.

Os labios da Laura, tremulos, febrís, esboçaram um beijo.

A Emilia não obedecia a intuitos hypocritas, era sincera no seu procedimento, pautado pela norma que lêra em Balzac e que repetia muitas vezes: — quando uma mulher ama devéras um homem perdôa-lhe tudo, até o crime; se o não ama não lhe perdôa nada, nem sequer a virtude.»

O ciume dilacerava-lhe a alma com uma dôr intima, mas chorava a occultas para que as lagrimas a não rebaixassem á vista d'olhos inimigos. Não se queixava, não reprehendia, para que os gemidos ou os gritos do seu coração não perturbassem a paz domestica e a amisade materna, tão affectuosamente gosadas.

E depois o amor, o seu vehemente amor, inspirava-lhe perdão, segredava-lhe confiança.

Assim, dignamente elevada, pensava e via na altura do seu pedestal d'esposa e de mãe.

Esses magnanimos sentimentos enchiam o Silvedo de remorsos; tiravam-lhe forças para repartir um affecto a que só reconhecia ter direito a grande alma

da companheira legitima; impunham-lhe deveres de gratidão, estimulos de dignidade; abriam-lhe os olhos, faziam-lhe vêr a distancia que vai da amante á mulher.

A Laura sentia-se aviltada no seu amor proprio perante a Emilia, que a humilhava com a indulgencia, e a esmagava com a superioridade.

Desejava vêr-se longe d'alli. Viera para que a sua recusa ao convite não désse nas vistas, não chamasse attenções.

*

* *

A D. Mauricia entrou depois da Laura, atravessou a sala, dirigiu-se á Emilia, e, depois dos usuaes cumprimentos, atreveu-se a confortar:

— Ah, minha rica amiga, ninguem é completamente feliz. Mas que lhe havemos de fazer? É ordem do mundo. Quem ha que não tenha desgostos?

A Emilia sentiu-se vexada com aquella consolação insolente, repassada de malefico goso, e que não fôra auctorisada pelo azedume d'uma palavra ou pelo enfado d'um gesto.

Não podia tolerar a ousadia mas tambem não atinava com uma palavra de desforço. Voltou as costas á Mauricia, que ficou no meio da casa a rosnar:

— É mal creada a besta.

A irman do prior despeitada, raivosa como nunca, dirigiu-se á Laura, sentou-se n'uma cadeira proxima e desabafou, referindo-se á Emilia:

— Julga que todas lhe comem o marido. Não é ciume é vicio. Está desesperada, furiosa, não sei com quem. Eu não queria estar na pelle da victima. Disse-me coisas!... Credo, nem parecia linguagem de gente fina. Já me tinham dicto que esta Emilia não tivera bons principios — familias ordinarias, muita falta de chá, muita falta.

A Laura sentia vontade de se levantar e torcer o pescoço á Mauricia, quando providencialmente se avisinhou d'ellas o doutor Brandão.

*

*   *

A Mauricia enfadava-se com o doutor, temia-lhe as graças e por isso, logo que teve ensejo, afastou-se prudentemente para outro grupo.

O Brandão d'ahi a pouco exultava, porque ingenuamente queria ver um lampejo d'esperanças nas sombras da sua paixão.

A Laura não tinha uma unica pessoa a quem podesse confiar um desabafo, a quem pedisse o enxugo d'uma lagrima ou o conforto d'um soffrimento.

O Brandão enternecia-a com palavras d'estima, dava-lhe a benefica convicção de que havia alguem na terra que a não repudiava.

A Laura, encantada, ouvia-o, deixava-se doce-

mente embalar por aquella linguagem, que a aquietava como um calmante, que a consolava como goles d'agua limpida após horas de devoradora sêde.

Encontrava finalmente quem a não repellisse, quem lhe confessasse sympathia.

Mas, quando o Brandão falava em amor, ondas de sangue subiam ás faces da Laura provocando-lhe affrontamentos congestivos.

Estimava ouvir palavras d'amisade, mas não podia escutar confissões amorosas.

O Brandão sabia das relações da Laura com o Silvedo, mas nem por isso sentia esfriada a intensidade da paixão.

Tinha para o caso uma justificação muito philosophica, muito moderna e muito velhaca, como dizia o pharmaceutico da villa — o senhor Florindo — quando ouvia o Brandão affirmar: — que o dinheiro tudo lava, e o tempo tudo gasta.

*

* *

O piano tocou o signal da primeira contradança o Brandão convidou a Laura para par, levantou-se e offereceu-lhe o braço.

Quando os dois se encaminhavam para o meio da sala, sahiu-lhes ao encontro a Gabriella — uma das sobrinhas do conego — esguia, esgrouviada e loura, com o vestido aberto, pendurado dos hombros, os dentes miudinhos, acavalleirados, as faces brancas sardentas como arroz doce polvilhado de cannela

Quando estendia o braço comprido, nervoso, centenares de berloques, pendidos das pulseiras, guisalhavam como cascaveis em colleira de cão rico.

Cumprimentava com grandes flexibilidades de corpo para fazer salientar o pequenino annel da cintura, exageradamente apertada, e que lhe tinha valido a alcunha de *Vespa do cabido* — Vespa pela cintura, do cabido pelo conego de quem era sobrinha.

A Vespa dirigiu-se aos dois, e, espevitada, perguntou ao Brandão: — «se não se lembrava de a ter convidado para par na primeira contradança?»

O doutor ficou perplexo no meio das duas. A Laura ria da atrapalhação e esforçava-se por lhe deixar o braço.

A Vespa insistia:

— Não, sem dançar é que eu não fico.

O Brandão não largou a Laura, e, tomando os ares graves que a difficil sahida do aperto exigia, declamou:

— Nunca senti como n'este momento a necessidade de possuir quatro pés para ao mesmo tempo poder servir duas senhoras. Se tivesse quatro seria...

— O que é: um quadrupede.

Atalhou a Vespa, voltando-lhe as costas. E foi-se a rir caminho do grupo dos amanuenses da repartição de fazenda, do ajudante da conservatoria, do notario e do Salustiano — redactor e proprietario do *Brado Solemne*, correspondente do *Seculo* e do *Diario de Noticias* — a quem a Vespa chamou: — «para contar mais uma do Brandão».

O Salustiano, apreciando o dito da Vespa, proclamou:

— Boa piada, sim, senhora.

E offereceu-lhe o braço depois de lhe pedir a honra de dançar com elle.

A Vespa, ao ouvir o pedido, estremeceu, alegre, lisonjeada, envaidecida, porque dançar com o Salustiano era ter a certeza de figurar nas chronicas elegantes do *Brado Solemne* — o semanario de maior circulação no districto.

O Salustiano fôra caixeiro da loja onde se vendiam os jornaes de Lisboa. Fizera-se correspondente do *Seculo* e do *Diario de Noticias* e d'ahi lhe vinha consideração e dinheiro de toda a gente que ambicionava a gloria de figurar nas correspondencias quando sahia para as praias, quando fazia annos, ou quando espirrava de mais. N'este ultimo caso a constipação e os respectivos medicamentos eram mencionados com grande luxo de palavras acabadas em *ites*, *inas* e *ias*.

Enfatuado pelo honroso effeito, animado pelo lucrativo resultado, publicou o *Brado Solemne*, *semanario independente*, *defensor dos interesses do concelho*. Ignorante, prolixamente palavroso, abordando atrevidamente todos os assumptos, sem escrupulos, abandalhado, calumniando quem uma vez o não servia, era homem admirado por alguns, temido por muitos.

A Vespa formava na ala dos admiradores, e agora, que ambicionava figurar na chronica do baile em

logar supremo, reclinava-se no braço do Salustiano toda delambida e dengosa.

*

* *

Principiou a contradança, marcada pelo administrador do concelho, homem muito entendido em bailes e em francez desde que frequentára, em novo, a assembléa d'Espinho, e que namorára, em velho, a mestra franceza das filhas do presidente da camara.

Emquanto se dançava a segunda parte levantou-se na sala do jogo ruidoso alarido.

Um velho escrivão do juiz de direito levantára os oculos para a testa, limpára a traspiração da calva, atirára furiosamente com as cartas sobre a mesa, vociferando contra o secretario da administração, que lhe dera um codilho em voltarete jogado a real.

As mulheres dos dois, sentadas ao pé da mesa, vigiando o jogo, tomaram o partido dos respectivos maridos.

Principiou a do secretario do administrador:

— Quem joga não guarda cabras. Attendesse se não queria perder.

A outra retorquiu:

— Olhem a bicha assanhada...

A do secretario, ouvindo isto, vermelha, quasi apopletica, sentiu-se alvejada em uma referencia feita a um namoro, que tivéra em nova, e que não a deixára em boas famas d'honestidade.

O namoro era do exercito e conhecido pelo alferes bicho. D'aqui vinha não poder agora a boa senhora tolerar pacientemente que lhe dissessem — olhem a bicha.

Por esse motivo levantou-se, correu á vestiaria, poz a mantilha, arrastou o marido para a escada, e berrou na patamar:

— Culpados são os donos da casa. Gente d'aquella não deve entrar em salas limpas.

O secretario não ia satisfeito e ousou lembrar as remissas, deixadas na mesa.

A mulher rompeu em lagrimas, protestou — «contra aquella paz d'espirito á vista d'uma injuria atirada á honra d'elle, do marido».

O velho secretario, sem entender, abriu os olhos desmesuradamente, e, n'uma attitude de silenciosa interrogação, parou no meio da escada.

A mulher, percebendo que o esquecimento occasionava aquelle espanto, avivou a memoria do homem:

— Pois não te lembras que temos no nosso passado o alferes bicho?

O secretario soffreu uma grande decepção na sua espectativa. Julgava que fosse cousa de importancia. Encolheu os hombros, desceu a escada, e resmungou:

— Ora adeus! Com aguas passadas não moem moinhos.

E deixou-se arrastar para casa, ralado de saudades do seu riquissimo voltarete.

O Batalhoz, major reformado, de pera comprida, pintada, estomago disforme, esporins de rozeta nos saltos das botas, bulhento, espalhafatoso, voz con-

stante de commando, quando ouviu a contenda dos parceiros, empurrou a cadeira, tossiu, arrastou os pés, e repetiu o habitual estribilho:

— Boa vai ella.

*

* *

Na sala do baile não se deu pelo barulho porque a contradança ia animada, e o administrador não esfriava no enthusiasmo e na variedade das marcas.

Quando acabou a contradança a Laura juntou-se a um grupo d'homens que discutiam o projecto d'uma proxima batida ás rapozas.

O Silvedo viera tambem, e, como elle, todos ouviam attentamente a Laura discorrer sobre as condições da caçada, topographia do terreno, covis conhecidos.

D'esse assumpto, e a proposito de cavallos, divagou a Laura para a descripção das corridas em Longchamp, a que assistira em junho do anno anterior.

Faziam-lhe roda, para melhor ouvirem. O colorido palpitante da descripção, a palavra fluente, a minucia das peripecias, prendiam, enthusiasmavam.

O Carvalhosa, de longe, orgulhoso, intimamente lisongeado, ouvia a Laura

Envaidecia-se de ver a filha robusta, varonilmente vigorosa, distincta, no meio das mulheres dessoradas que a cercavam. E concluia, sarcastico, olhando-as — «e é n'esses tachos d'açorda que se ha de fazer a procreação do homem!»

*

* *

O Soares — o administrador da casa do Carvalhosa — absorto em dolorosos pensamentos, no meio da sala de jogo, em pé, olhava tristemente para a sala do baile, com os olhos fixos no grupo da Laura.

A Emilia passou por elle, estendeu-lhe a mão, apertou-lh'a, e viu-lhe lagrimas nos olhos. Comprehendeu-o, e, sem querer, mais lhe apertou a mão como se intimamente lhe pedisse soccorro na imminencia d'uma catastrophe.

Não trocaram uma palavra, separaram-se, tinham-se intelligentemente comprehendido.

A Emilia cedera a uma inesperada commoção á vista da attitude do Soares, mas bem arrependida estava de lhe ter passado ao pé, porque bem pesarosa se sentia de lhe ter mostrado que o comprehendera.

*

* *

O administrador do concelho levou pelo braço a Vespa para o estrado do piano e impoz silencio — «porque aquella senhora ia-lhes dar a honra de recitar o *Noivado do Sepulchro*».

O silencio fez-se e, quando era completo, e a recitação se aproximava, d'um grupo formado pela mulher, pelas filhas e pelos amanuenses do escrivão de fazenda, sahiu um *ze...ze...ze...ze...* sonoro prolongado, a imitar o zumbido d'uma vespa.

Uma das filhas do escrivão de fazenda namorava o Salustiano, com quem a Vespa dançava.

A mãe embraveceu de ciumes, mais do que a filha.

O amanuense, para ser agradavel á familia do chefe, sahiu-se com a allusão do zumbido — «cheia d'espirito, com carradas de pilheria, de primeirissima ordem» — como dizia depois a D. Mauricia, satisfeita com aquella nota ridicula para a chronica do baile.

O escrivão de fazenda era conhecido na villa pelo *Mocho*, alcunha que lhe vinha do nariz adunco entre dois olhos redondos a estourarem-lhe das palpebras.

A Vespa, aproveitando a recitação da poesia para se vingar, quando chegou ao verso:

O mocho pia na marmorea cruz

apontou com o leque descaradamente, insolentemente, para o escrivão de fazenda.

O Salustiano soffreu logo as consequencias d'esse desaggravo, porque foi chamado pela mulher do *Mocho* e obrigado por ella a não falar mais á Vespa, e a não mencionar a recitação da poesia na chronica do baile, publicada no *Brado Solemne*.

O Salustiano, temendo o escrivão de fazenda, resolveu-se a obedecer, porque não pagava, havia muitos mezes, os sellos dos annuncios do jornal.

*

* *

O serviço do chá veio interromper o baile.

Entraram na sala os creados com taboleiros de prata cheios de chavenas e doces.

A Laura e o Silvedo faziam as honras da casa, offereciam, insistiam — «para que acceitassem mais uma chavena, mais um bolo».

Não era necessario ateimar com as sobrinhas do conego, com a Mauricia, com as do escrivão de fazenda, porque todas essas devoravam na ancia d'uns estomagos muito necessitados e desejosos.

A D. Mauricia, alem de comer, arrecadava, enchendo os bolsos de bolos — «para uma cadellinha, que nunca ficava sem quinhão, pois que á D. Mauricia nem o comer lhe sabia bem quando o não podia repartir com a Minerva» — assim se chamava a infeliz cadella, que, apesar de servir para justificar os saques das bandejas, nunca via migalha da presa.

Com a entrada do chá dispersára o grupo da Laura, porque os homens afastaram-se, deixando servir primeiro as senhoras.

A Laura foi para uma cadeira, junto do piano, isolada.

O Brandão veio d'ahi a pouco, sentou-se proximo e, entre os dois, travou-se animado dialogo.

Muito tempo depois o Brandão, já em pé, repetia:

— Não desisto. Ámanhan irei solicitar de vossa excellencia a licença para em seguida apresentar ao excellentissimo senhor Carvalhosa o pedido da minha telicidade, que toda se resume na posse da mão de vossa excellencia.

—Impossivel, impossivel.

Replicava a Laura, enfadada.

E o Brandão sorrindo, cegamente confiado, ateimava:

— Impossivel que eu realisarei com a força do meu amor.

Isto tinha elle decorado no *Secretario dos Amantes* — rica collecção de modelos epistolares.

Afastou-se para deixar a Laura dar o braço ao presidente da camara com quem ia dançar os lanceiros.

*

* *

O Soares, entre a porta da sala de jogo, não despregava os olhos da sua menina, como familiarmente tratava a Laura.

Preoccupava-se sentidamente com os rumores da maledicencia que lhe chegavam aos ouvidos. E elle queria illudir-se — «bem sabia que a Laura e o Silvedo se juntavam porque ambos tinham a mesma mania de cavallos e touros».

Mas não conseguia o intento porque logo um facto ou uns dictos lhe malsinavam a idéa.

Andava inquieto, não dormia, a ruminar o projecto de insinuar disfarçadamente no animo do Carvalhosa o prazer d'uma viagem no estrangeiro com a filha. Mas agora substituia esse projecto por outro mais prompto e seguro.

Via na sala o doutor perseguir teimosamente a Laura, e na imaginação via-os já casados. Esse consorcio seria o elixir purificador de qualquer laivo que a calumnia deixasse na reputação da Laura.

O bom senso do Soares não era capaz de resistir á convenção social, vulgar, commoda, que faz do casamento uma efficaz pastilha de tirar nodoas.

E mais satisfeito ficou quando depois o Brandão lhe veio pedir para o receber no dia seguinte, ao meio dia.

Queria o doutor que o Soares o encaminhasse e o auxiliasse, vencendo a reluctancia da Laura e preparando o consentimento do Carvalhosa.

*

* *

O baile acabou com o *cotillon* de marcas variadas — « e muito reinadias » — como dizia a Mauricia.

Em uma d'ellas a Vespa, sentada no meio da sala, com um espelho na mão esquerda e um lenço na direita, esperava que os homens viessem, cada um por sua vez, atraz d'ella, fazer reflectir no espelho a respectiva imagem. Era da regra limpar o vidro

quando a figura reflectida era de pessoa com quem a dama não queria dançar.

Veio o escripturario de fazenda — o que tinha imitado o zumbido — e curvou-se cuidadosamente para melhor se mostrar.

A Vespa estremeceu, tossiu, demorou-se a saborear a vingança, tornou a tossir e cuspiu sobre o espelho.

Houve uma explosão de gargalhadas.

O conego — thio da Vespa — attrahido pelo barulho, veio da sala do jogo, aproximou-se da D. Mauricia, que explicava ao presidente da camara o procedimento da Vespa com o da fazenda:

— Despeitos... Está damnada porque o escripturario a deixou. E ha de ver que lhe não fazia falta, porque ainda ficou com uma boa meia duzia.

A aproximação do conego não a desconcertou, e apenas a fez mudar de assumpto.

Serena, sem titubear, voltou-se para o conego e fez-lhe vêr — «que n'aquelle mesmissimo momento estava perante o senhor presidente da camara a advogar a necessidade de se fazer, a expensas do municipio, a procissão do Coração de Jesus, o que seria um grande triumpho para a egreja, e uma salutar lição para os pedreiros livres».

O presidente da camara, espantado, admirou a descarada audacia na transição da conversa, e, com tres palavras, fez a apreciação do caractèr da Mauricia :

— Que grande peça !

A irman do prior encarou-o surprehendida, indignada.

Não se atrapalhou o presidente, que, imperturbavel, sem hesitações, explicou:

— Sim, minha senhora, *que grande peça* seria para os pedreiros livres a procissão feita pela camara.

VII

EPOIS de sahir do baile a Laura voltou para a quinta e recolheu-se ao quarto.

Não se deitou, puxou para o vão da janella, aberta sobre o jardim, uma pequena secretaria e uma cadeira, pôz em ordem papel, tinta e pennas, libertou-se dos mais incommodos adornos do vestuario, e sentou-se. Fincou os cotovellos sobre a mesa, e entre as duas mãos susteve a cabeça desfallecida.

*

* *

Amanhecia. As coisas delineavam-se, mostrando as formas ainda ennevoadas, esbatidas n'uma luz de penumbra.

Acabava a doce quietação da noite.

Ao longe, em bucolico murmurio, preludiava-se o ruidoso movimento do dia.

Os passaros chilreavam nos ramos das dormidas; os rebanhos mexiam-se, chocalhando nos bardos; os trabalhadores levantavam-se nas malhadas; as rodas das noras rangiam nas dentaduras, aproveitando a hora, emquanto as moscas não vinham aguilhoar a vacca que as puxava; os carros chiavam caminho das eiras, onde descarregavam antes de nascer o sol para o calor não debulhar o trigo.

Era a alegre symphonia da orchestra, que, a grande instrumental, acompanha os trabalhos do campo.

*

* *

A Laura tentava escrever ao Soares, queria evitar, a todo o custo, o pedido do Brandão.

Doloridamente impressionada recordava todos os successos da noite. Sentia-se humilhada pelo procedimento da Emilia, tão distinctamente altiva, tão dignamente correcta no seu logar d'esposa ultrajada. Preferia que a Emilia a tivesse esbofeteado no meio da sala, deante de toda a gente. E não lhe disputaria esse direito.

A altivez da Laura explodia indomavel — «não pedia clemencia a quem tinha de a julgar; offendera preceitos sociaes, que eram uma convenção, por não poder soffucar a vehemencia do amor, que era um sentimento natural a expandir-se indomito, incapaz

de se sujeitar a moldes, impossivel de se submetter a regras».

Reflectia — «mas não tinha o direito de roubar com essa paixão a felicidade d'um amor legitimado perante a egreja e a sociedade».

Veio-lhe uma crise de lagrimas e só tempo depois principiou a escrever.

Desabafava enchendo o papel com uma letra grossa, larga, franca. Desafogava, sentia-se alliviada á proporção que escrevia.

*

* *

Era uma hora quando o Brandão entrou no escriptorio do Soares.

Vinha expôr a sua pretenção, solicitar conselhos pedir auxilios perante as recusas da Laura, que o doutor não julgava justificadas e que estava muito longe de suppor invenciveis.

O Soares recebeu-o com a alegria de ver salvar-se a tempo a reputação da menina. Mas esmoreceu no contentamento quando soube da resistencia da Laura, e por isso limitou-se a prometter ao Brandão — que, com sincero interesse, lhe advogaria a causa junto do Carvalhosa e da filha.

O Brandão ficou de voltar no dia seguinte. O Soares, logo que elle sahiu, mandou saber se a menina já se levantára e se o podia receber.

A creada trouxe-lhe em resposta uma carta:

«Meu amigo

Escrevo lhe a chorar !... Que ninguem o saiba. O meu caracter não me deixará curvar, humilhada, perante a sociedade que me vai julgar, mas não pode, por mais alentos que procure, estancar as lagrimas do meu coração de mulher.

A educação não conseguiu transformar a natureza: a mulher ha de revelar-se sempre. Tambem se assim não fosse não poderiam todas as mães condemnadas purificar a falta, e redimir a culpa, em acrisolado martyrio.

Mas — repito — que ninguem o saiba. As lagrimas e as orações só são immaculadas quando mitigam maguas, desabafam angustias, supplicam auxilios, sem que olhos e ouvidos extranhos possam ter irreverencias para a sinceridade da intenção, ou sarcasmos injuriosos para o motivo do soffrimento. Esclareceram-me o entendimento, patentearam-me exemplos, e lições, na sociedade onde abertamente me lançaram sem peias, nem vendas, mas não poderam, por ser naturalmente impossivel, extripar, como

planta damninha, o germen dos affectos que pullulam expontaneos na alma da mulher.

Li não sei em que livro francez — «que as leis da natureza são anteriores ás leis do codigo e da moral».

No meu caso não se perdeu tudo. Não me cegam illusões, nem me quebrantam desfallecimentos, e por isso fiquei com olhos para me ver, e com força para me fazer respeitar.

E aqui tem como as lagrimas não poderam diluir a tinta com que venho pedir-lhe para dizer a quem me procurar para esposa: que não sou das que dão o amor a um e o vendem a outro pelo preço d'uma rehabilitação simplesmente ridicula por ser meramente convencional.»

O Soares, aturdido, leu e releu esta carta n'uma anciedade crescente, e, ao cabo da leitura, com as fontes a latejar e os ouvidos a zumbir, não atinava com resposta nem com resolução que attenuasse o desastre.

Passados dias procurou o Brandão a quem disse — «que a menina Laura, habituada a uma vida de liberdade e independencia, reconhecia-se inapta para fazer a felicidade conjugal de quem quer que fosse, e renunciava por esse motivo ao casamento. Como a

recusa era tomada em absoluto, para todos os pretendentes, não representava uma desconsideração para o senhor doutor. Que á vista d'essas explicações julgava a deliberação muito sensata e justa».

*

* *

O Brandão se não viu aquella justiça e sensatez, teve comtudo de acceitar a resposta como sentença inexoravel e sem recurso.

Agradeceu o incommodo do Soares, e não manifestou pesar pela nova, nem desgosto pela recusa.

Mas no dia seguinte, depois da insomnia de toda a noite, o Brandão principiou a extravasar por toda a parte o amargo despeito.

Estimulado pelos frequentadores do club e da pharmacia, vociferava injurias, dava assumpto á critica alegre de quem o ouvia.

Uma tarde estava elle na pharmacia, cheia de jogadores do gamão e do voltarete, quando pela rua passou o Carvalhosa.

O Brandão cerimonioso, amavel, veio á porta cumprimentar o pae da Laura, e, ao voltar para dentro, quando o Carvalhosa já ia longe, ejaculou:

— Anda a procurar ama para o neto.

O prior — um dos parceiros do voltarete — indignado com as palavras do Brandão, poz as cartas sobre a mesa, e invectivou:

— Ah! Bom chicote.

Emquanto o doutor disfarçava, fingindo que não ouvia, o conego — um dos outros parceiros — atirou com o az d'espadas para cima da mesa accrescentando com comica gravidade:

— A espadilha affirma.

E, saboreando o dicto, regalou-se com uma farta pitada.

O Batalhoz, sentado ao lado da mesa a ver o jogo, bateu com a bengala no chão, esfregou os pés, arrastou o banco, tossiu, escarrou e concluiu:

— Boa vai ella... boa vai ella...

VIII


prior, á noite, em casa, emquanto preparava a luz para se ir deitar, contou á irman o que se passára na pharmacia.

Tirando a chaminé do candieiro, e rebuscando os phosphoros nas profundezas dos bolsos da batina, exclamou indignado, referindo-se ao doutor.

— Veja a mana que patife!

A Mauricia alegrava-se intimamente com a narrativa e não conseguia dissimular a jubilosa satisfação na viveza dos olhos, no franzir dos beiços, no tremor das azinhas do nariz, em todos os traços physionomicos que se riam sem ella querer.

Mas fazia côro á indignação do mano, simulava exorcismos, benzendo-se, fazendo figas.

E gritava:

Credo! Credo! O doutor Brandão está fóra da graça de Deus. Não se salva o calumniador.

O padre, que tinha as suas duvidas em classificar

de calumniosas as palavras do doutor, observou acautelado:

— E, se fosse verdade, mais affrontoso era o insulto.

A Mauricia aventurou-se a aconselhar:

— Se o mano avisasse o Carvalhosa praticava uma boa acção.

O prior retrucou:

— Estima-se a denuncia e aborrece-se o denunciante.

E, caminhando para o quarto, com o candieiro em uma das mãos e a *Nação* na outra, abençoou:

A paz do Senhor nos acompanhe.

*
* *

Mas não acompanhava porque a Mauricia não tinha socego sem completar a execução dos seus perversos planos.

Agora era tempo de avisar o Carvalhosa porque não havia perigo de evitar o escandalo, já consummado e do completo dominio publico.

Recolheu-se ao quarto e escreveu uma longa carta anonyma ao Carvalhosa narrando-lhe tudo que sabia das relações da Laura com o Silvedo, não esquecendo minucias, não omittindo circumstancias que impossessem a verdade e facilitassem a crença.

E logo que se deitou dormiu tranquillamente, e

teve sonhos de suave goso, sem perturbações psychologicas, porque a consciencia estava em socego, e sem desarranjos da physiologia porque o corpo tinha ella tumescente de gorduras e empedernido de saude.

IX


Soares, afflicto com o estado da Laura, resolveu afastar de casa o Carvalhosa, e tratou de lhe despertar a vontade d'uma viagem em paizes estrangeiros.

Com esse proposito, um dia depois da Mauricia metter no correio a carta anonyma, foi ao escriptorio falar ao Carvalhosa.

Levava na mão um jornal hespanhol com o programma de uma deslumbrante corrida de touros em Madrid.

—«Depois iria o Carvalhosa a Paris para assistir ao *grand prix* no mez seguinte, em junho».

Bem sabia o Soares que o amo não era homem para resistir a uma boa tourada hespanhola, e a uma corrida no hypodromo de Longchamp.

Já se aprazava dia para a partida quando um creado pediu licença para entregar o correio.

Na correspondencia vinha uma carta com lettra desconhecida, grosseiramente disfarçada, provocando a attenção.

O Carvalhosa abriu a, e, depois de a ler, mudo, com o olhar desvairado, o sangue a afoguear-lhe as faces, o suor a gottejar-lhe na testa, encarou o Soares, estendeu o braço, deu-lhe o papel, e deixou-se cahir sobre uma cadeira porque as pernas não lhe podiam com o peso do corpo.

Era a carta anonyma feita pela Mauricia, denunciando factos, relacionando-os com outros, para lhes provar a veracidade.

O estylo era simples, conciso, frio, penetrante como a lamina d'uma navalha.

O Soares ao meio da carta já não lia porque as lettras baralhavam-se-lhe á vista em nublosa confusão.

Não lhe davam novidades, não o surprehendiam, mas fulminavam-lhe o animo com a audacia da denuncia, perturbavam-lhe a razão com a crueldade do dizer.

Transtornavam-lhe os planos architetados com tão boa fé, e, o que ainda mais cuidado lhe dava, podiam fazer-lhe perder a confiança do Carvalhosa por lhe não ter exposto toda a verdade.

O Carvalhosa, passada a primeira impressão, reagiu, e, decisivo, energico, ergueu-se e interrogou:

—Mente o anonymo?

Impunha-se a figura do velho, hirta, arrogante, dominadora.

O Soares não poude furtar-se á impressão empolgante da pergunta, não teve coragem para mentir e respondeu:

—Creio que diz a verdade.

—Pois bem, volveu o Carvalhosa, vou á noite ao club e matarei o Silvedo como ha annos mettia uma bala no coração d'um javardo. Não o desafio, porque lhe não reconheço o direito de se defender. Deixa-me só.

O Soares não se atreveu a desobedecer a essa ordem, imperiosa, indiscutivel.

Sahiu, e, porque conhecia profundamente o Carvalhosa, sahiu convencido de que seria immudavel aquella resolução.

Só a Laura era capaz de demover o pae de qualquer proposito, mas n'este caso a intervenção da filha era inadmissivel e contraproducente.

O Silvedo nunca faltava ao club, nem mesmo nas mais tempestuosas noites d'inverno.

*

* *

O Carvalhosa não sahiu n'esse dia do escriptorio aonde lhe levaram o almoço em que quasi não tocou.

Passou as horas a escrever e a pôr em ordem muitos papeis.

Durante esse trabalho, a cada momento, mais se lhe firmava no espirito a resolução.

O brio offendido, o amor filial cruelmente dilacerado, apavoravam-lhe o juizo, dominavam-lhe a vontade, justificavam-lhe, perante a consciencia, á premeditação do attentado.

Chegou a noite, abriu uma gaveta da secretária, tirou um revolver, examinou-lhe as cargas e metteu-o cuidadosamente no bolso do casaco.

Levantou-se e quando sahia, já entre a porta, voltou-se e olhou naturalmente para os retratos da filha e da mulher, pregados na parede, atraz da secretária.

Estremeceu e vacillou.

As duas figuras n'aquelle momento reviveram juntas na alma, que lhes devotára a maior affeição, que lhes prestára o culto do maior amor, em troca de supremas dores — a morte physica d'uma, e a perda moral da outra.

Os olhos não se lhe despregavam dos retratos, e, quando mais attentamente fixou o da filha, um accesso de colera accendeu-lhe o animo, um ardente desejo de vingança chammejou-lhe no cerebro.

Metteu a mão no bolso, apertou convulsivamente a coronha do revólver, voltou as costas, sahiu caminho do portão da quinta, protestando, com voz entrecortada:

— Só descançarei quando o matar.

*

* *

O Abril d'esse anno ia chuvoso, a noite estava escura, e facil foi ao Carvalhosa embrenhar-se, sem ser visto, nas arvores e nos arbustos da quinta, por fóra das ruas, na direcção dos portões, abertos para a estrada da villa.

Nunca tremera e tudo agora o sobresaltava

Os troncos das arvores erguiam-se-lhe na frente, tomavam-lhe o caminho, semelhando espectros sombrios. E os ramos gemiam ao impulso do vento, como almas mortificadas a prantear dores nos tormentos de penas eternas.

Os pés enterravam-se-lhe na relva, quebravam os galhos seccos cahidos das velhas pernadas. Afigurava-se-lhe então que ouvia ranger ossos, que caminhava sobre sepulturas abertas.

Olhava para o ceo e não via a scintillação d'uma estrella, nem o lampejar d'uma tenue luz na immensidade das trevas.

Nuvens negras assombravam tudo, rolando, revolvendo-se, sobrepondo-se, alastrando-se em densa escuridão, como elle sentia no cerebro entenebrecido correrem, accummularem-se, desfazerem-se, e voltarem sempre, as sinistras idéas que o acabrunhavam e lhe davam animo, que o levavam perdido e lhe dirigiam os passos.

*

* *

Ouviu o rodar de um carro, coseu-se com o muro e esperou. O carro veio parar em frente do portão aberto.

O Carvalhosa do lado de dentro, na sombra da parede, junto da pilastra do portão, distava poucos passos do trem que parára.

A luz das lanternas reconheceu o carro e a parelha do Silvedo.

O Carvalhosa suppoz que o Silvedo vinha estar com a Laura, como provavelmente costumava em noites antecedentes, e alegrou-se com a lembrança de o poder matar alli, no momento em que elle se lhe introduzia em casa.

De revolver em punho, os dentes cerrados, o dedo no gatilho, o Carvalhosa saltou da sombra, violento, raivoso, como lobo ferido depois da matilha lhe ter esfarrapado a ninhada.

Medonho na colera, grandioso na desaffronta, satanicamente alegre no prazer da vingança, atirou-se para o carro.

Apontou a arma e quando ia desfechar viu saltar do trem a D. Emilia, a mulher do Silvedo.

Vinha só, febril, desfigurada, os olhos mortificados, as mãos erguidas, trementes, o passo incerto, a cambalear.

Ao ver o Carvalhosa deitou-se-lhe nos braços, supplicando:

— Tambem tenho um filho, tambem tenho o direito de pedir em nome d'elle misericordia para a minha desgraça.

O Carvalhosa, aturdido por aquella inesperada apparição, commovido pela dolorosa attitude da Emilia, amparou-a, e, entre reprehensivo e indulgente, procurou serenal-a:

— Avilta-se, senhora, defendendo o marido adultero.

— Elevo-me salvando o esposo legitimo.

— Nem o ciume lhe incita o odio ?

— Não póde transformar-se em odio o amor verdadeiramente sincero. Nunca amei tanto o meu marido como hoje que receio perdel-o.

Estas ultimas palavras sahiram-lhe dulcificadas de meiguice, e, ao mesmo tempo, repassadas de terror.

O Carvalhosa temia enfraquecer, procurava coragem na réplica :

— Roubaram-me a filha, e deshonraram-me o nome. A mão que fez esses crimes apertou a minha com protestos de estima, no mesmo dia, na mesma hora talvez, em que me apunhalava o coração e me cuspia na honra. Antes me tivesse tirado a vida porque a morte é o beneficio do esquecimento, a insensibilidade da dor. Matando quem me infamou sou mais magnanimo na vingança do que elle foi na pratica do crime. Cumpro...

A Emilia tomou-lhe as mãos, apertou-lh'as convulsivamente, cortou-lhe a palavra :

— Mas vossa excellencia, eu, todos nós, a sociedade inteira, fomos cumplices d'esse delicto com a mentira dos nossos louvores, com a liberdade dos nossos costumes, com o engano das nossas educações.

E essa falsa comprehensão vai até ao desaggravo de vossa excellencia. Quer vossa excellencia castigar um delicto praticando outro igual: porque feriram vossa excellencia nos seus affectos de pae, quer vossa excellencia agora anniquilar-me nas minhas affeições de mulher e de mãe, matando-me o marido e atirando-me com o filho para o desamparo da orphandade

E as mãos que vão praticar esses crimes tambem agora apertam as mãos da victima com protestos d'estima, que vossa excellencia não póde negar á companheira da mesma jornada na via dolorosa do meesmo calvario. E essa victima — a unica victim do desaggravo de vossa excellencia se a morte é a insensibilidade da dor — cobre-lhe as mãos de lagrimas, implora-lhe perdão como se culpada fosse.

O choro embargou-lhe a voz, a commoção dobrou lhe as pernas.

O Carvalhosa ergueu a, não a deixou ajoelhar, e um pouco compassivo, quebrantado, incapaz de maior esforço sobre a propria vontade, procurou socegar a Emilia:

— Sou eu agora, senhora, que lhe peço a luz da sua palavra, a edificação do seu exemplo. Garanto-lhe que deixarei Portugal esta noite, á hora do primeiro comboio. Envie-me depois o beneficio do seu conselho, não me deixe morrer em terra extranha desamparado de todo.

Inutilmente procurou a Emilia protestar-lbe agradecimentos.

O Carvalhosa desprendeu-se-lhe das mãos, entrou na quinta, voltou para casa, seguido de longe, a occultas, pelo Soares, que o vigiára todo o dia, depois de prevenido a Emilia das tençõesdo amo.

*
* *

O Silvedo costumava vir do club depois da meia noite, e nunca a mulher o esperava.

N'aquella noite a Emilia não se deitára. Estava inquieta apesar de crer cegamente na palavra do Carvalhosa. Não podia socegar sem ver o marido. Temia que elle tivesse sabido tudo.

O Silvedo não perdoaria a intervenção da mulher quando se lembrasse de que o Carvalhosa podia suppor que essa intervenção fôra por elle solicitada. A Emilia conhecia-o profundamente, sabia que tudo o Silvedo era capaz de perdoar menos o nome de cobarde

A cada ruido, que se ouvia na rua, a Emilia estremecia. Pouco depois do relogio do quarto dar as dose horas entrou o Silvedo, sereno, satisfeito, e só admirado de ver a mulher levantada, como não era costume. A Emilia viu-o logo ignorante de tudo e ao espirito veio lhe uma revoada d'alegria, porque o julgava salvo. Quando o marido sahisse no dia seguinte já o Carvalhosa teria passado a fronteira

Correu para o esposo, pendurou-se-lhe do pescoço, beijou-o soffregamente com os labios seccos, sedentos de caricias.

Com os dedos compridos, finamente rosados, cofiou-lhe o bigode, abrindo-o para os lados, apartando-o, fazendo-lhe no meio um ninho para encher com mais beijos.

Era uma doudice d'outra idade, uma paixão de noiva, uma excitação de saudade, acalmada depois da ausencia de muitos mezes.

Não se lhe cançava o fervor do transporte, não se lhe extinguia o alvoroço do contentamento por ter alli, estreitado nos braços, o marido que horas antes julgava perder.

Quando o ciume vinha por momentos com uma subita recordação manchar o ceo d'aquella felicidade, logo a intelligencia varria para longe a nuvem, deixando o azul limpido, immaculado.

Discorria — «para ter ciumes era necessario reconhecer n'outra mulher dotes superiores aos d'ella, qualidades sufficientes para justificarem a preferencia do marido. Tinha a conciencia do seu valor d'esposa legitima. Com os ciumes confessava uma inferioridade, que se envaidecia de não ter.

Sabia bem que nenhuma outra mulher seria capaz de a vencer no confronto que o marido havia de necessariamente fazer entre a esposa e a amante.

A amante podia fascinal-o pela belleza, a esposa havia de o empolgar pelo cumprimento dos seus deveres conjugaes, e pela communhão do amor paterno porque ella era mãe legitima do filho que o marido estremecia, adorava».

Repetia intimamente consolada: — «o amor da esposa crystalisa na duradoira amisade, é semente que germina e se enraiza; o amor da amante evola-se no prazer, é flor que brilha e se desfolha»

E não tinha mão nas caricias, nos abraços, com que prendia o marido.

O Silvedo extranhava vel-a levantada áquella hora, esperando-o com tal effusão de carinhos.

A Emilia explicava com facilidade, sem atrapalhações:

— Tivera a dor, que não a deixava socegar no leito, e então não se deitára. E, como d'esta vez tinha sido extremamente violenta, chegára a antever a morte. Agora, alliviada, parecia-lhe que tinha resuscitado para a posse feliz do seu Fernando, que julgára não tornar a ver. Que lhe deixasse abrandar os nervos com a expansão da alegria e da ternura.

O Silvedo, meigo, solicito, inquieto — « queria que lhe contasse todos os pormenores do incommodo. Se adivinhasse não tinha sahido. Mas porque o não mandára ella chamar ao club?»

Afagava-lhe as faces, beijava-a, e continuava carinhoso:

— Tontinha! E é logo pensar em morrer! Como se as tuas virtudes não tivessem direito a uma prolongada existencia.

Os dias succederam-se felizes, passados no goso da serena paz conjugal toda dedicada ao amor em que o amor d'elles tinha fructificado — o Armindo, o filho amantissimo.

X


D. Mauricia andava anciosa, ardia em febril desejo de saber o que se passava em casa do Silvedo.

Ficára admirada com a sahida do Carvalhosa para o estrangeiro, deixando socegadamente, a medrar, os amores da filha.

Uma sexta feira, depois das confissões do Coração de Jesus, chamou á sacristia a senhora Carlota Januaria com o pretexto de lhe entregar, para vender ás irmans da Associação, umas medalhinhas novas, vindas de Toulouse com a gravura de Margarida Alacaque d'um lado e a do padre Colombière do outro.

Na sacristia, depois de lhe entregar as medalhas, perguntou-lhe com dissimulado interesse, apparentando simples curiosidade — « o que era feito do Silvedo e da Laura ? »

A senhora Carlota benzeu-se, por que dizia ella : — « que sem o previo signal da cruz não se atrevia a falar de tinhosos .»

E, cuspindo para longe, enojada :

— Credo, credo, que até as entranhas se revoltam contra esses peccados.

A Mauricia concordou, e quiz justificar a curiosidade:

— Eu lhe digo, senhora Carlota, é necessario conhecer as ovelhas sarnosas para evitar o contagio. São palavras attribuidas pelo mano aos melhores doutores da egreja.

— Ah! Se não fora assim, atalhou a Carlota, nem para a sombra dos peccadores eu olhava.

E, em confidencia, regaladamente bisbilhoteira, confessou:

— Qando vou a casa da D. Emilia pedir a esmolinha para a cêra das nossas festas, indago sempre das creadas...

A Mauricia, n'um phrenesi de curiosidade, interrompeu:

— E o que dizem?

— Que os patrões vivem como Deus com osanjos.

A Mauricia, espantada, com os olhos assombrados, ficou por momentos silenciosa, a fazer considerações intimas, a inventar hypotheses, e, por fim, desabafou:

— Tem bom estomago a tal Emilia.

A senhora Carlota Januaria, experiente, conhecedora de todos os anexins explicativos d'esse e d'outros casos complicados da mesma materia, já á porta, sahindo, levando as medalhas no sacco de velludo com a effigie do Coração de Jesus bordada a retroz, retorquiu e andou:

— Ora, minha senhora, o melhor é sempre da dona.

XI



Carvalhosa, no caminho de Madrid, passava a noite n'um vagão-leito, noite cruel, interminavel.

Fugia da patria, envergonhado, procurava esconder-se como um criminoso, e na patria deixava a filha aboccanhada pelos mexeriqueiros desvergonhados, impudicos, provincianamente máos nas intrigas da inveja, na divulgação dos escandalos, nas invenções da calumnia.

Na provincia como familiarmente se entra em todas as salas, facilmente se devassam todas as alcovas; como intimamente se conhecem todos os individuos, intimamente se espionam todas as familias.

No serviço da politica provinciana os mediocres reinam, avassalam, porque a conveniencia do fraco premio os deixa escravisar, e a inferioridade da intelligencia não lhes pede maior galardão.

Era d'elles a villa inteira. Na partilha dos logares conspiravam divididos em grupos, empurravam-se, discutiam-se, e só iam d'accordo quando atassalhavam quem se lhes elevava por meritos proprios.

Estava n'esse logar de superioridade o Carvalhosa a quem agora não perdoariam a falta da Laura.

Bem o reconhecia elle nas considerações que fazia, deitado no ultimo beliche do vagão-leito com o tecto a pôr-lhe sobre o peito uma incommoda sensação de peso, a tirar-lhe o ar.

Não lhe socegára o cerebro, tinha sido persistente a insomnia, levára toda a noite a accusar-se e a defender-se.

— «Fôra um cobarde... mas obedecera a imperiosos deveres d'humanidade curvando-se ás palavras da D. Emilia.

Ha affrontas que só se lavam com sangue... mas matando quem mata pratica-se igual crime.

Amaldiçoava a filha, não a quizéra vêr, abandonava-a, desejava convencer-se de que a tinha perdido... mas as palavras da Emilia eram claramente intencionaes nas referencias á liberdade dos costumes e aos defeitos da educação.»

Fôra uma lucta constante, implacavel, de toda a noite, sem chegar a conclusão segura, sem assentar em parecer decisivo.

Logo que o sol, muito luminoso, entrou pelas frinchas das janellas levantou-se, foi para o corredor, abriu um dos largos vidros, sentou-se consoladoramente vivificado pelo ar da manhan.

O comboio atravessava os campos de Castella, seccos, monótonos, sem uma sombra, sem a frescura da agua, que se não via, estagnada na profundeza das noras, tirada a custo pela mula ossuda, possante,

d'olhos vendados para não entontecer no voltear constante do circulo sem fim.

De tempos a tempos surgia um montão de casas emvolta d'uma torre. Adivinhava-se o calor, que, poucas horas depois, devia esbrazear a povoação, no meio do escalvado deserto, sem uma arvore verdejante e fresca.

Harmonisavam-se com a seccura do campo as estações do caminho de ferro, sem vegetação em roda, com as paredes nuas, e ao lado o poço de bocca escancarada, roldana luzidia, e o balde preso a muitos metros de corda, mostrando a custosa difficuldade em apanhar uma sede d'agua.

Ao longe delineava-se no horizonte a serra de Guadarrama, d'onde vem, no dizer dos hespanhoes, uma aragem que não apaga uma luz e mata um homem.

Appareceram as torres e as chaminés de Madrid, e, ás sete e meia da manhan, o comboio entrou na gare das Delicias.

O Carvalhosa sahiu, deixou-se levar pelo corretor d'um hotel para dentro do omnibus.

Deu a senha da mala, que viu depois içar pela escada presa no tejadilho do carro.

E, sobre a grade do banco, aos solavancos, ás cabeçadas, deixou-se ir até ao hotel para onde o levaram.

*

* *

Deitou-se, e mal tinha pegado no somno quando um realejo na rua, debaixo das janellas do quarto, principiou a moer trechos d'opera.

No fim de meia hora o realejo mudou de rua, mas não ia longe quando veiu outro, montado n'um carro, arrastado por dois rapazes associados na exploração musical.

Esgotado o reportorio foi-se para deixar logar ao primeiro, que voltou logo.

O Carvalhosa não poude ouvir mais musica de realejo, levantou-se, almoçou e sahiu.

Atravessou as Portas do Sol impellido pela turba dos caminhantes, estonteado pela vozearia dos vendilhões de bugigangas desde o nardo a perra gorda até ao abanico a perra chica.

O borborinho, animado, alegre, festivo, incommodava-o, aborrecia-o.

Em busca de socego metteu-se n'um carro ,mandou bater para o Retiro.

Errante, sem caminho certo, foi para baixo das arvores, por entre os arbustos floridos, e os marmores palpitantes de vida, a sahirem dos tufos arrelvados.

As brancas esculpturas no meio dos taboleiros verdejantes, orlados de faixas em mosaicos coloridos.

expunham-se gloriosamente bellas, triumphalmente nuas.

Na direcção do Anjo Cahido rodavam as luxuosas equipagens de Madrid.

O Carvalhosa afastou-se, sem as querer ver, porque lhes traziam recordações de dias felizes, passados n'aquelle mesmo passeio, quando experimentava as parelhas que costumava vir comprar a Hespanha.

Achou-se ao pé do lago, cortado em todas as direcções por dois barcos tripulados por mulheres d'olhos negros, cabellos adornados em ostentosas phantasias de penteado, o chaile de pontas compridas a beijar a meia de seda no peito do pé, o leque graciosamente desenvolto, e, na exuberancia do seio, um molho de cravos vermelhos como uma mancha de sangue a escorrer do peito aberto para prova d'um amor jurado e não crido.

A alegria que vinha dos barcos não conseguiu distrahir o Carvalhosa, que só teve olhos para fitar as sombras dos chorões reflectidos nas aguas em largas manchas escuras. Encantava-o o reflexo d'aquellas imagens negras, inquietas, como no coração se lhe reflectiam as lembranças dos factos que o levaram á amargurada viagem.

Encontrava-se só no meio de tanta gente, sem voz no côro de tanta alegria.

Afastou-se, e, chegando por acaso a um dos portões, sahiu, chamou um carro e voltou para o hotel.

*

* *

Nos dias seguintes levantava-se cedo, ia para o museu do Prado, passava as horas vendo telas, estudando escolas, relembrando historia reproduzida nas pinturas dos quadros.

Admirava-se uma manhan de ver tão completa a obra de Velasquez quando ouviu desusado ruido de vozes e gargalhadas.

Attendeu e aos ouvidos chegaram-lhe palavras portuguezas.

Havia uma festa em Madrid, e viera de Lisboa um comboio directo, de preços muito reduzidos.

Entravam no museu os forasteiros portuguezes — mestres d'obras e de officinas, pequenos commerciantes, caixeiros, empregados publicos, com mulheres, filhas e amantes.

Ellas de chapeos amachucados, vestidos cheios de rugas, feitos em rodilha na accumulação das segundas classes durante um dia e uma noite.

Os homens de jaquetão leve, chapeos de côco, bota amarella, atacada ao meio, camisas sem gomma, e n'algumas, em vez de gravata, dois atacadores vermelhos com as agulhetas de metal sobre o peitilho.

Entraram em rancho, dividiram-se em grupos, olhavam para os quadros, acolhiam as pinturas com dictos alegres, festejados em còro de gargalhadas.

O Carvalhosa, envergonhado, afastou-se, observou de longe.

Os pintores copistas, que trabalhavam nas galerias, pousavam os pinceis e as paletas para se rirem, sem se indignarem, da profanação dos *portuguezitos* na cathedral da arte.

— Um dos mestres d'obras chamou a attenção dos patricios para o grupo amoroso d'uma tela, e dirigiu-se ás mulheres, pandego, reinadio, acotovelando as, batendo-lhes no hombro:

— Olhem o gajo como se atira á gaja.

Houve explosões de riso. E um, que vinha mais atraz, ao passar pela tela, accrescentou:

— Larga o osso, ó aquelle...

Em frente da pintura d'uma Venus um caixeiro parou, estendeu o chapeo aos companheiros, pediu-lhes:

— Dezreisinhos para comprar uma camisa á *pelingrinz.*

O Carvalhosa, cada vez mais vexado, retrocedeu, encaminhou-se para a porta.

Quando sahia passou pelos portuguezes que estavam em frente do Jardim de Amor, de Rubens.

No meio do grupo um gracioso apontava o quadro, fazia as delicias do auditorio, exclamava, saudoso:

— Olhem as hortas.

Todos acharam graça e um outro notou:

— Que era uma festa na Porcalhota. Que só faltava a taboleta «*coelho á caçadora*».

Uma costureira, que tinha ido com um caixeiro — morena, bexigosa, baixinha e gorda, com dois signaes cabelludos no lado esquerdo, ao canto da bocca, e a quem as do rancho chamavam a Pitorra — dava o braço ao amante, dizia-lhe ao ouvido, frouxa de riso, com o leque a tapar os olhos:

— Ai que vergonha! Tantos petizes sem calças.

Os guardas principiaram a intervir, impondo silencio, moderadamente, com respeito pelos estrangeiros.

O Carvalhosa chegou ao bengaleiro, deu a senha sem pronunciar palavra, recebeu em troca o chapéo de sol e foi-se porta fóra, temendo que alguem o reconhecesse, ou soubesse que elle era portuguez.

*

* *

Caminhou sem destino na direcção da cidade, para ir para qualquer parte, longe do museu.

Ia sedento, encalmado, e na *carrera de San Jerónimo* entrou n'um café para se refrescar com uma bebida gelada.

A concorrencia, áquella hora, era completa, buliçosa, atroadora. A sala estava cheia, conversava-se, lia-se, escrevia-se, jogava-se o dominó com grande ruido no bater das pedras, sobre o marmore das mesas. Os estores, corridos nas portas, escureciam a casa, não deixavam sahir o fumo dos cigarros, que se revolvia por cima das cabeças, em densa nevoa.

As camareras ligeiras, graciosas, serviam refrescos em bandejas brancas, de brilho prateado, e o braço estendido, nu, a sahir da manga larga, aberta e pendida.

Logo que entravam de serviço punham nos labios o sorriso, e pregavam nos hombros o avental branco, de corte elegante e fôlhos arrendados.

Servia-lhes o avental para resguardo do vestido e o sorriso para a colheita da propina.

Quando de madrugada acabavam o serviço, e sahiam do café, largavam um e outro. Atiravam-se aos braços do novilheiro amado, e, no resurgimento do sincero amor, arrancavam aos adornos naturaes a cobertura das rendas, e fundiam, com o calor dos beijos, o sorriso postiço em caricias verdadeiramente sentidas.

O Carvalhosa, observador, sceptico, frio, entretinha-se a ver o artificio provocar nos freguezes gosos de volupia e prodigalidades de gorgêta, quando viu entrar o doutor Brandão, a fazer grande espalhafato — «com a fortuna do encontro».

Vinha com um costume de viagem claro e leve, chapéo de feltro molle, gravata branca, comprida, a fazer laço, e os collarinhos, como sempre, enormes, a segurarem-lhe a cabeça por baixo das orelhas.

Alviçareiro pôz-se logo a tagarelar, a dar quantas noticias lhe lembrou de tudo e de todos, julgando assim conquistar o agrado do Carvalhosa, sem perceber que produzia o effeito contrario.

Aquella tagarelice sem treguas era para o Car-

valhosa um tormento, um martyrio, era como o revolver d'um ferro esquinado e agudo em ferida de carnes vivas e dilaceradas.

Vendo-se sem resposta derivou d'assumpto para as impressões que tinha de Madrid.

— «Andava aterrado, porque vira na Plaza Mayor, sentados debaixo das arcadas, homens cortando alface emquanto jantavam, com navalhas de palmo e meio e pontas afiadas como punhaes.

Tinha medo dos cocheiros, mal enroupados, de bonets e chambres sujos parecendo os malandrins que vira na tourada a metter estopa na barriga dos cavallos estripados.

Nas Puertas del Sol, encostados ás paredes do Ministerio da Gobernacion, havia andrajosos de caras patibulares, que rapavam, ao meio dia, restos de comida no fundo de latas velhas.

Estivéra no theatro Apollo, e ouvira, no final d'uma zarzuela, a tiple gritar para o tenor, indicando o barytono — mata-o... E atirou-lhe com uma navalha de dois palmos, sacada da liga.

Andava aterrado, afflicto, ancioso pelo dia da partida para Portugal.

Não lhe servia Madrid para viver a não ser que encontrasse um casamento rico porque então até perderia gostosamente o bilhete da volta».

O Carvalhosa levantou-se, despediu-se e sahiu allegando que fazer.

Na rua, em caminho do hotel, resolveu fugir para

mais longe, esconder-se em logar onde fosse mais difficil ouvir-se lingua portugueza.

Queria esquecer-se, longe de toda a gente que lhe podesse avivar dolorosas recordações.

Chegou ao hotel, fez a mala, deliberou ir para França n'essa tarde.

*

* *

Logo que o Carvalhosa sahiu do café, o Brandão pediu tinteiro e papel, que lhe trouxeram illustrado com o retrato d'um toureiro notavel.

Escreveu ao Salustiano do *Brado Solemne*:

«Encontrei em Madrid o Carvalhosa; teima em fazer-me seu genro.

Quando lhe falei em certo casamento, que aqui trago entre mãos, enfureceu-se, voltou-me as costas desesperado.

Pois póde perder as esperanças — não lhe quero a filha.

Se *usted* desejar alguma coisa d'aqui escreva para D. Marquitos Brandon, casa de Viajeros — Montera — 200 — Principal.

P. E. A filha do juiz pediu-me para lhe levar um corte de seda. Em carta, recebida hoje, diz-me o pae que se não quer

ver envolvido em negocios candongueiros, e que só seria facil passar na fronteira a seda em obra, na mala d'uma senhora.

Diga-lhe que descance. Vou mandar fazer o vestido, que vai no corpo da Paca — uma hespanhola que eu conheço de Lisboa, do tempo em que fui aos concursos».

XII


o dia seguinte pela manhan o Carvalhosa passava a fronteira franceza.

Tinha lido o livro de Zola — *Lourdes*.

A leitura impressionára-o vivamente, fizéra-lhe desejos de ver a gruta. Attrahia-o tambem a pittoresca descripção do logar, chamava-o a curiosidade de ver esse fóco d'efferverescencia religiosa, de suprema fé, de poderosissima suggestão.

— «Não havia duvida, ia para Lourdes, estava resolvido».

Atravessava então os pyrineos, só no compartimento da carrugem.

Recostou-se, inclinou a cabeça para traz, fechou os olhos, e, deleitosamente concentrado, pôz-se a recordar o livro, a reconstituir-lhe as comedias e os dramas, a movimentar-lhe os personagens no meio do grandioso scenario, magistralmente pintado pelo insigne escriptor.

Desejava vêr uma d'essas curas que os crentes attribuem ao milagre, e que os incredulos explicam pelo effeito de causas naturaes e conhecidas.

Lembrava-se de muitos casos lidos e d'outros verificados por elle que mostravam o poder da imaginação no restabelecimento da saude, no aggravamento e até na origem da doença.

Enthusiasmava-se no seguimento das idéas. Falava só — «a vontade, a vontade, essa força que é tudo no homem, a imperar, a impor-se, a conseguir... O supremo imperio da vontade proclamado no aphorismo dos stoicos — o espirito quer, o corpo obedece.

Actue sobre essa força, movimente essa alavanca, uma poderosa causa como a fé e veremos o corpo dominado pelo espirito.

A hygiene da alma preceitua a dominação do mal, é uma sciencia a estabelecer regras para a vontade afastar a dor, e restituir a saude.

As causas nervosas de muitas doenças estão hoje indiscutivelmente reconhecidas. Tinha verificado algumas».

Sorria irreverente, ironico:

— «Cinco seculos antes de Christo fazia milagres o mago Zoroastro.»

Pensava depois no grande reclamo que Zola fizéra a Lourdes e concluia mais compassivo do que indignado:

— E ha francezes que nem por esse patriotico serviço lhe perdoam.

O sol entrou rapidamente na carruagem ferindo

as palpebras cerradas do Carvalhosa, despertando-o, arrancando-o á concentração dos pensamentos, chamando-o á contemplação da paisagem, que o comboio atravessava acabando de sahir d'um tunnel dos pyreneos.

As montanhas d'um lado e do outro erguiam-se quasi a prumo, separavam-se em ridentes valles, prolongavam-se em cordilheiras embrenhadas d'arbustos e arvores.

As linhas ferreas estendiam-se engastadas n'um tapete de relva viçosa e fresca.

Um outro tunnel escancarou a bocca e enguliu o comboio. Pelo outro lado da montanha, d'ahi a pouco, o comboio tornou a sahir das profundezas da terra, triumphante, esbaforido, assoprando fumo, assobiando silvos, como animal monstruoso e feroz a sahir do negro covil.

Atravessou um viaducto sobre a campina variegada e florida, cortada pelas levadas da agua, que dividiam o prado em talhões onde as vaccas, pastando, apenas despontavam a herva em que andavam mettidas até ao joelho.

Nas encostas subiam rebanhos de cabras brancas trepando pelos atalhos cortados na brenha da vegetação, exuberantemente rica.

Vieram mais tunneis, mais mattas e mais trechos de campina rasa em fundos de valle, successivamente, n'um deslumbramento intermittente de vistas e de trevas, como quadros de animatographo a surgirem do escuro e a desapparecerem quando mais se admiram e se desejam vêr.

Sahiu em Bayonne para descançar uma noite, livre das trepidações do caminho de ferro que já o estonteavam e lhe revolviam o estomago.

*

* *

No dia seguinte, á tarde, tomou o comboio e foi só no compartimento de primeira classe até Montaut-Bétharram segunda estação immediatamente anterior a Lourdes.

Ahi entrou um homem bem vestido e mal calçado. Os sapatos grossos, atacados ao meio, remendados com uma tomba, nodosos em saliencias, destoavam da sobrecasaca comprida, camisa lustrosa, gravata limpa, luvas pouco usadas, sahidas do bolso, ao lado da cintura.

O Carvalhosa desconfiou do personagem e julgou reconhecel-o.

Para se confirmar da suspeita provocou conversa:

— Era a primeira vez que vinha a Lourdes. Haveria bons carros para excursões nos arredores?

O desconhecido apressou-se a informar:

— Carros muitos e bons. Hoteis muitos e maus. Só excepciona a regra o hotel des Ambassadeurs, no boulevard, ao fundo, proximo do Gave. Esse magnifico, como era difficil encontrar fóra de Paris.

Era o hotel preferido por toda a aristocracia franceza. Era aonde elle vinha alojar-se todos os annos um mez.

E compunha a gravata, puchava o collarinho, passava a mão pelo peito, afagava-se, presumia-se para mostrar a importancia do hotel que tinha a honra de receber tão elevado personagem.

Denunciára-se.

O Carvalhosa não se tinha enganado — o viajante era agente do hotel.

Desceu na estação seguinte, a ultima antes de Lourdes, e entrou para outro compartimento aonde foi fazer novo reclamo.

Já se via o Gave, barrento, caudaloso, redemoinhar nos penhascos, correr por entre a verdura densa das margens, engargantado nas montanhas que tinham nas cabeças cabelleiras revoltas de nuvens.

Appareceu depois o Gers, com o dorso sulcado por caminho de ferro a prumo, a offerecer-se, a expôr-se á ascensão dos forasteiros como gigante franco, generoso, que não sabe ser avaro das fórmas com que a natureza o talhou.

Em baixo a basilica erguia-se na serenidade do ar, elegantemente esguia, terminada em comprida agulha, por onde se deviam escoar as preces em caminho do céo, já proximo do cume da torre.

O Carvalhosa viu a gruta, cavada na rocha, por baixo da egreja, illuminada como a bocca d'um grande forno inactivo de chammas, mas rubro de brazido.

*
* *

Não se demorou na estação. O Carvalhosa saltou do comboio, sahiu da gare, viu-se cercado de gente que o importunava, que lhe tolhia o passo — cocheiros, correctores, agentes de restaurantes, donos de casas d'hospedes.

E todos gesticulavam, todos se empurravam, todos tinham elogios para a offerta, n'uma faminta ancia de apanhar o freguez.

Em nenhuma outra estação de praia, ou d'aguas, o Carvalhosa fôra victima de tão enfurecida disputa.

Entre as hospedeiras havia raparigas bonitas, em cabello, annunciando com meigos olhares a carinhosa hospedagem, o terno acolhimento.

O Carvalhosa, protestando em vão por auxilio policial, desabafando em imprecações genuinamente portuguezas, conseguiu fugir-lhes, a pé, sem saber caminho, seguindo a direcção dos carros.

Estava d'ahi a pouco á entrada do boulevard, e outra vez envolvido na lucta de uma nova perseguição, tenaz, encarniçada.

Eram guias para a casa de Bernadette, para a gruta, para a basilica. Caixeiros que se afastavam das vidraças, expostas até ao meio dos passeios, para virem embargar o passo do Carvalhosa com offerecimentos do que vendiam — imagens, bilhetes pos-

taes, copos, jarras com a imagem da Senhora de Lourdes esculpida e gravada.

Vendedores de rosarios e de latas para envasilhar a miraculosa agua.

Raparigas, mettendo a cara, pretendendo vender á força, ramos de flores, cirios de cêra que o Carvalhosa levaria a *Notre Dame*.

E ainda lhe punham deante, ainda lhe atravessavam na frente, vidraças cheias de todos aquelles objectos, montadas em rodas, puxadas por homens que as levavam a todos os recantos do boulevard.



Viu a porta d'um hotel, atirou-se para dentro, e considerou-se são e salvo por verdadeira intervenção da Senhora de Lourdes.

— «Era para elle o primeiro milagre incontestavel» — desdenhava, sorrindo.

No escriptorio dirigia a caixa *mademoiselle* Jeannette — uma velha secca, d'olhos redondos, touca de fitas rôxas, e um comprido rosario de bugalhos, pendente da cintura, entalado no cós das saias.

Enumerou ao Carvalhosa os quartos vagos, chamou um criado para lh'os ir mostrar, e resmungou quando os dois subiram:

— Não gosto do hespanhol, Deus me perdôe. Tem cara de *franc-maçon*.

No dia seguinte o Carvalhosa levantou-se com o

sol. Sahiu e ficou surprehendido, encantado, com o pittoresco valle, apertado entre as montanhas, cortado pelo rio, revestido de verduras variegadas, povoado de construcções elegantes.

Ao meio o boulevard, recortado em talhões de relva, orlado de renques d'arvores, e no fundo a basilica, com a gruta por baixo, cavada, na rocha.

O Carvalhosa teve uma desoladora decepção — «julgava outra coisa, mais grandiosa, mais impressionadora».

Era uma toca baixa, enegrecida pelo fumo de centenares de velas que ardiam em enorme tocheiro de forma circular, para muitos lumes.

Muletas velhas, pendentes do tecto, annunciavam milagres como qualquer profana taboleta á porta de commerciante.

A um dos lados a imagem da Senhora de Lourdes, de pedra, toda branca, o rosto sem um signal de attrahente animação, o olhar morto, sem deixar trans parecer uma ternura de conforto, uma luz d'esperança, uma imposição de confiança que infundisse a fé e inspirasse admiração.

E o Carvalhosa tinha julgado vir encontrar uma imagem que tivesse feito a gloria d'um esculptor, que fôsse uma suprema manifestação d'arte.

Faltava-lhe uma palpitação de vida a animar a pedra, dando-lhe a expressão dos dulcissimos affectos, que devem ser a essencia da consoladora dos afflictos, da mãe de misericordia, do cofre das esperanças, do thesouro da infinita bondade.

Assim faria afervorar a fé nos crentes e incutir o respeito na admiração dos incredulos.

Fechava a gruta uma grade de ferro, elevada no pavimento encharcado e lodoso.

Em frente, até ao caes do Gave, estendiam-se bancadas de madeira em forma de platea.

Principiaram a chegar peregrinos e viajantes de recreio.

Os peregrinos prostravam-se, deitavam esmolas na caixa, offereciam velas, e depois da gruta aberta, esfregavam nas pedras lenços, meias, camisas, que guardavam religiosamente como objectos sagrados.

Os viajantes que tinham vindo para ver, indifferentes ao culto, com o chapéo na cabeça, fumavam, observavam friamente, commentavam depois em varias linguas n'uma miscellanea babelica.

Ao lado, na mesma rocha que guardava a Virgem, abria-se a loja da venda dos cirios, das medalhas, das vasilhas para a agua por conta dos fundos da Senhora de Lourdes, que os padres da gruta sacrilegamente interessavam no negocio.

O Carvalhosa lembrava-se dos vendilhões do templo, e do azorrague que os castigou...

*

* *

Á tarde, na sala de jantar do hotel, havia mesas em que reinava alegria descuidada, prazer franco, sem constrangimento.

Saciavam-se regaladamente appetites despertados nas excursões pelas montanhas.

N'outras havia profundo silencio, um triste recolhimento de grandes máguas. Comia-se a custo, apenas para satisfazer a absoluta necessidade.

Na mesa ao lado do Carvalhosa installára-se uma senhora nova, branca como uma Virgem de marfim, olheiras arroxeadas, os vestidos de luto pesado, as lagrimas a cahirem constantes sobre os pratos, que se succediam sem que ella quasi lhes tocasse.

Despertava compassiva curiosidade aquella mulher tão nova, tão vencida pela dôr, tão isolada no angustioso carpir da sua afflicção.

O Carvalhosa quiz conhecer-lhe a causa do desgosto. Informou-se com a *bonne* que servia os dois

Soube — «que era viuva havia dois mezes. Fugira de casa dos paes para casar com um rapaz tuberculoso, que lhe deixára um filho com a mesma molestia.

Consultára os mais afamados medicos de Paris, e, quando se viu desenganada da sciencia, apegou-se á religião com o desespero d'um naufrago a taboa salvadora.

Chegou a Lourdes com o olhar espantado, fixo, quasi louca. Correu á gruta com o filho nos braços, atirou-se aos pés de Nossa Senhora, e, desfeita em lagrimas, desgrenhada, a soluçar, bradava: — sálva-o, sálva-o.

Aterrava, fazia dó.

Depois de a levantarem para ahi a trouxeram e agora passa os dias na gruta e no quarto apertando

contra o peito o filhinho sempre ensopado em suor, com a carninha molle, viscosa, côr de cêra.»

O Carvalhosa sentiu desejos de se levantar para abraçar a infeliz, chorar com ella, esperançar-lhe o desespero da dôr, offerecer-se lhe para ajudar o trabalho da enfermagem.

Soccorria a victima d'uma louca paixão. E considerava: — victimado por egual affecto a que desgraça chegaria tambem a filha d'elle, a Laura?»

Se assim succedesse como seria consolador para o seu coração de pae saber que houvera quem estancasse as lagrimas da infeliz, quem a não deixasse morrer só!»

Não tinha quem o apresentasse á viuva, esperaria ensejo de lhe poder prestar qualquer serviço que lhe abrisse a porta das relações.

—«Iria para a gruta atraz d'ella, procuraria serlhe util na primeira opportunidade».

Sentia se melhor, como ainda se não tinha sentido desde que deixára Portugal.

O infortunio d'elle attenuava-se com a partilha d'outro, alliviava-se com o sentir d'uma nova dor, que mitigava o soffrimento proprio, consoladoramente expandido na piedosa acção, na pratica da misericordiosa obra.

*

* *

O Carvalhosa, quando se levantou do jantar, foi para a porta do hotel com o proposito de esperar a viuva. Passeou no vestibulo para onde abria o bazar em larga parede envidraçada.

Esperou debalde porque veio a noite sem a viuva ter descido do quarto.

Sahiu então e com a mesma idéa, sempre fixa, encaminhou-se para a gruta — «não fôsse ella mais tarde, quando ninguem a podesse estorvar no fervor das supplicas».

Quando se approximava da estatua de S. Miguel, parou surprehendido.

Fazia-se uma procissão de peregrinos. Uma longa e grossa bicha de lumes vinha da gruta, subia pela larga rampa da basilica, descia pelo lado opposto, voltava para a gruta, interminavel, sem fim, porque da gruta ainda não tinham sahido os ultimos peregrinos.

Emquanto o luminoso cortejo serpeava na vasta peanha da egreja, toda a basilica se illuminou repentinamente, d'um só jacto, desde as contas da Virgem sobre a porta da capella do rosario até á cupula da torre que ficou d'uma transparencia crystalina.

No cimo do monte Gers, na gare superior do caminho de ferro, desenhava-se, tambem a luz electrica, uma cruz que mais parecia constellação no cèo do que ornato na terra.

O Carvalhosa estava fascinado com a empolgante visão.

Vira emfim, no meio d'aquella grandiosa galeria da natureza, um quadro de valor artistico.

Demorou-se até a procissão acabar. Tudo ficou depois envolvido na escuridão da noite. Extinguiram-se os canticos religiosos e só se ouvia o sussurro do Gave, ao longo do caes, como o fôlego d'um gigante espreguiçado no leito.

Encostadas ás guardas da ponte nova, raparigas, embrulhadas em capas azues, de capuzes largos, deitados para as costas, esperavam ainda os peregrinos para lhes servirem de guia, para lhes venderem flôres e cirios.

*

* *

Na manhan seguinte, depois do almoço, o Carvalhosa sahiu para ir postar-se na gruta á espera da viuva.

Ouvira dizer no hotel que chegavam n'aquelle dia mais peregrinações nacionaes e estrangeiras.

Na rua, logo fóra da porta, viu descer uma multidão de peregrinos, transbordada pelos passeios, levada, empurrada pelos agentes dos hoteis, e das casas de hospedagem, detida, impellida em refluxo, pelos vendilhões que lhe detinham o andar.

Era uma peregrinação franceza.

Muitas mulheres, em cabello, com um boccadinho de seda preta a cobrir o carrapicho, feito no alto da

cabeça, sobraçavam saccos e cestas, e todas traziam uo hombro, como distinctivo, uma cruz de panno branco.

O Carvalhosa desceu no meio da turba até á ponte nova, e ficou alli distrahido com a concorrencia, até que ouviu no meio dos peregrinos falar portuguez.

Julgou que se enganava, que o trahia o ouvido. Quiz averiguar, metteu-se na onda dos peregrinos e logo ouviu distictamente um padre portuguez a queixar-se dos incommodos da viagem, feita em pilhas nas carruagens de segunda classe, directamente, durante dias e noites.

.

O Carvalhosa apresentou-se como patricio indagou e soube — «que tinha tambem chegado uma peregrinação portugueza, que tinham vindo padres de quasi todos os concelhos do paiz».

A noticia produziu-lhe uma violenta sensação.

Desanimado, avolumava a importancia do facto. Pensava: — «não tinha que ver, era fatal a perseguição dos portuguezes a apparecerem-lhe em toda a parte, como espectros justiceiros para lhe lembrarem a cobardia da fuga.

Não sahiria do quarto emquanto a peregrinação estivesse em Lourdes».

E voltou logo na direcção do hotel.

Quando entrou viu o vestibulo cheio de portuguezes, e, no meio d'elles, o seu prior e a mana — a D. Mauricia.

*

* *

O prior, enfiado no guarda pó de linho, comprido, abotoado até quasi aos pés, concertou os oculos como se não visse bem, estendeu os braços, exclamou enthusiasmado, sincero, bom:

— Olhem o doutor! Ditosos olhos que o veem. Que feliz encontro Que grande satisfação em o abraçar!

E, verdadeiramente satisfeito, repetia perguntas sem esperar resposta:

— Como está? Por onde tem andado? Julgava-o na Suissa. Veio ha muito? Demora-se?

A Mauricia pousára no chão embrulhos e bolsas de viagem, mas não largára das mãos duas latas como as do petroleo, acabadas de compar para encher com agua da gruta.

Muito apressada, muito bisbilhoteira, informou:

— Não via ha muito tempo a menina Laura. Ouvira dizer que andava adoentada, mas que não era coisa de cuidado.

E ficou-se com o olhar perscrutador, malicioso, á espreita do effeito da noticia.

O Carvalhosa, atordoado, sentiu zumbidos nos ouvidos, mudou de conversa, fingiu não perceber a intenção.

Para dizer alguma coisa perguntou pela viagêm:

— Não vinham fatigados?

Acudiu o prior:

— Derreados de todo, quasi mortos. Imagine o doutor — os logares todos tomados, as noites horriveis passadas a cabecear, sem encosto.

A Mauricia não desistiu no intento mexeriqueiro, perfido:

— Não estava fatigada. Dormira um pouco, o bastante para o seu habito. Queria sahir, ver a gruta. O doutor havia de lhe fazer o obsequio de a acompanhar, de lhe servir de guia.

E pelo caminho lhe contava novidades da terra, cada vez mais calumniosa, mais maldizente, mais impossivel de se habitar. Credo! credo! Tinha medo, andava a tremer não cahisse nas más linguas do mundo.

Não poupam as melhores reputações, não respeitam as vidas immaculadas.

Era de mais, o Carvalhosa não podia supportar tanto, e, n'uma deliberação extrema, mostrou-se contrafeito, desculpou-se:

— Sentia bastante não os poder acompanhar.

Tinha de sahir para Paris no primeiro comboio.

O prior pesaroso instou:

— Que se demorasse, seriam apenas tres dias. Era tão agradavel encontrar um amigo no estrangeiro, longe da patria.

Que ficasse... fizesse-lhes isso. E ser-lhes-ia tão proveitosa a illustrada informação do doutor. Que os não deixasse sem ella.

O Carvalhosa ateimou no proposito:

— Não podia ser. Tinha amigos que o esperavam em Paris. Já tinha mandado comprar para aquelle dia, na agencia de Biarritz, o bilhete do vagão-leito

O prior e a mana lastimaram em côro:

— Que pena! Que pena!

*

* *

O Carvalhosa, desalentado de todo, atirou-se para dentro do primeiro comboio que sahiu para Bayonne.

A sua boa intelligencia, dominada pelo sentimento, perturbava-se.

Reconhecia-se fatalista, attribuia o que lhe estava acontecendo ao destino cego e funesto.

Repetia alto com espanto dos companheiros de viagem:

— Tinha de ser, tinha de ser, cumpra-se.

— «Penalisava-se de não ter podido prestar auxilio á pobre viuva, desamparada, só, a ver morrer-lhe nos braços o filho, o fructo da paixão que abrazára a alma da infeliz até lhe deixár trocar o amor dos paes por inclemencias d'odio e maldição».

Concluia, tristemente, com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos:

— «E deve ter a mesma idade da Laura.»

No dia seguinte estava em Paris e alojava-se n'um hotel da Avenida da Opera.

*

* *

Em Lourdes, á mesma hora, a Mauricia ajoelhada em frente da gruta, as mãos postas, o corpo curvado até quasi beijar o chão, enlevada em ardente prece, absorta n'um feroz egoismo, pedia — «a cura dos seus achaques e o exterminio dos seus inimigos.»

Levantou-se depois de muito tempo, voltou-se para o irmão, cahiu-lhe nos braços e exclamou no meio de commovidos soluços:

— Ai mano, resei por si tanto, tanto, e com tanta fé, que estou convencida de que nunca mais terá a sua colica.

Depois foi rezar, rezar, pelos que combatem em terra de mouros, pelos que estão em perigo sobre as aguas do mar, pelos que andam em heresia e peccado mortal.

Só me esqueci de mim, mas da pobre peccadora não se esquecerá aquella nossa Mãe Santissima.

Voltou os olhos para a Senhora de Lourdes, poz as mãos, curvou-se em postura de beatifico reconhecimento.

E terminou com o beiço estendido, e a voz baixinha como no murmurio d'uma prece:

— Bemdicta sejaes, bemdicta sejaes.

A Senhora de Lourdes fez o milagre de não deixar cahir sobre tanta mentira e hypocrisia todo o grande feixe de muletas, que estavam pendentes do

tecto da gruta, mesmo por cima da cabeça da D. Maurícia.

O caso não só pedia o desabamento das muletas mas até o da rocha inteira.

XIII

'AQUELLE mesmo dia, em Portugal, na terra do Carvalhosa, seriam onze horas da manhan quando o amanuense da repartição de azenda entrou na pharmacia da praça.

O pharmaceutico — o senhor Florindo — era homem dos seus quarenta e cinco annos, baixinho, gordo, calvo, cara rapada, myope, o cordão da luneta preso atraz da orelha.

Tinha a mania dos estudos anthropologicos, a proposito de tudo citava os nomes dos predecessores do homem em todas as idades, e, quando chegava á quaternaria, curvava-se, respeitoso, para citar o papá anthropoide.

Se encontrava um microcephalo soltava triumphalmente as suas gargalhadas em i — hi... hi... hi... hi... — coçava a calva, e, victorioso, apresentava o exemplar teratologico:

— Aqui o teem, descendente por atavismo do avôsinho anthropoide já de pé, mas ainda mudo, ainda animal d'instincto, ainda irracional.

O amanuense entrou com ares graves, de grande mysterio, e segredou ao sr. Florindo:

— Hontem á noite grande movimento na quinta doCarvalhosa. Trens para cá e para lá, e, dentro d'um, a parteira. De madrugada o Soares com uma creança entrouxada no collo bateu estrada fóra.

E vaidoso de saber tanto, elogiava-se:

— A minha policia não dorme, anda sempre bem informada. Ponha aqui os olhos. É para que saiba Quem tem esperteza em tudo a mostra.

O pharmaceutico pelo receituario aviado podia dizer alguma coisa, mas, calculista, manhoso, interesseiro, nunca falava em desabono dos freguezes.

Limitou-se a coçar a calva e a rir sempre em i— hi... hi... hi... hi ..

E continuou manipulando uma poção calmante para a Vespa do cabido — a sobrinha do conego — que estava, havia dois dias, com o nervoso que lhe era peculiar e habitual quando mudava um dos seis namoros que sempre trazia entre mãos.

O amanuense, levado por uma associação de ideas, perguntou:

— Como está a D. Emilia Silvedo?

— Mal, muito mal, informou o sr. Florindo.

— O que tem?

— Ora, o que ha de ter? Qualquer dos bolores do anthropoide racional. O aperfeiçoamento custou-lhe o vigor do corpo. Está sorvado, cheio de parasitas da civilisação. Extingue-se.

O da fazenda quiz puxar pela lingua do pharmaceutico, aventou pesaroso:

— Pobre senhora! Era digna de melhor sorte. Dizem que ha por lá muito desgosto, muito soffrimento moral.

O Silvedo gastava d'outra pharmacia, não era freguez como o Carvalhosa, e por isso o sr. Florindo abriu-se mais, alargou-se a commentar:

— Resultados do aperfeiçoamento do anthropoide. Se tivesse ficado nos dominios do instincto não fazia *obras civilisadas*... Apanhou-se racional aturem-lhe a perfeição. E ria:

— Hi... hi... hi... hi...

*

* *

Um sol ardente cahia sobre as ruas quasi desertas. As lojas tinham as portas cerradas, os toldos estendidos; os marçanos regavam a calçada, nas testadas.

Dentro uma quietação enervadora — os patrões esperguiçavam-se, abriam a bocca; os gatos dormiam tranquillamente sobre os balcões; as moscas zumbiam em volta dos mosqueiros de rede, attrahidas pela doçura do assucar, levadas á morte pela gulodice.

O administrador do concelho — bacharel formado em philosophia e proprietatio arruinado — entrou na loja do barbeiro para se fazer escanhoar.

O barbeiro — o mestre Cebola — deveria ter trinta annos, alto, franzino, amarellento, ajanotado, bigodinho preto retorcido em anneis, o cabello de risca

ao meio, tufado sobre as orelhas, em dois bandós, luzidios de banha, aromatisados com essencia de rosas.

Tocava flauta nos bailes particulares e no theatro, era escrivão do regedor e da junta de parochia.

Quando viu entrar o administrador correu apressado, amavel, a pegar-lhe nos chapeos — o de sol que poz no canto da loja, atraz da porta, e o da cabeça que pendurou com muito cuidado no cabide de ferro com botões de porcelana branca.

Trouxe-lhe o *Diario de Noticias*, o *Seculo* e o *Brado Solemne* e logo que o administrador se sentou em frente do espelho, foi buscar a toalha engommada, de rendas largas, entalou-lh'a no pescoço com precauções, cautelosamente, para não incommodar.

Em seguida perguntou, referindo se á agua:

— Fria, não é assim? Conforme o costume?

O adminisrrador, entretido com a leitura do *Seculo*, fez com a cabeça um aceno affirmativo.

O mestre Cebola desfez o sabonete, pintou d'escuma a cara do freguez, e com um dedo, delicadamente, na ponta do queixo, levantou-lhe a cabeça.

O administrador deixou cahir o *Seculo* fixou os olhos no alto.

Do tecto pendiam molhadas de papel em fitas, de côres variegadas. Por cima do espelho, n'uma gaiola como a dos papagaios, um pintasilgo puxava pouco a pouco o balde da agua, levantando-o com o bico, segurando-o com o pé.

Depois de beber soltava a corrente, e, com a cabecinha no ar, muito alegre, voltava-se no poleiro d'um lado para o outro, e festejava com uma repenicada cantiga o proveitoso resultado da canceira.

O doutor Brandão, quando o via na laboriosa fadiga, exhortava-o:

— Bebe, bebe, pintasilgo honrado, o suor do teu rosto.

Dos lados do espelho pendiam duas oleographias. Em uma d'ellas um frade rolisso, de cachaceira vermelha, em pregas, descia á adega do convento para encher duas garrafas, nos toneis enfileirados sobre malhaes vigorosos, sobrepostos em cachorros de cantaria.

Riam-se-lhes os olhos no antegoso de farta libação. Era a primeira vez que se via senhor da chave d'aquelles thesouros.

Na outra oleographia o mesmo frade, emborrachado, estendido no chão, de barriga para o ar, o habito arregaçado, as meias á mostra, tinha deixado a torneira do tonel aberta, a correr vinho, que, em regato, já atravessava a casa.

Entre a porta assomava a figura d'outro reverendo irmão, dobrado para traz n'um ataque de riso, a bocca aberta, as faces vermelhas, apopleticas, as mãos nas ilhargas, que já não podiam com tanto rir.

O barbeiro bateu a navalha no assentador com força, repetidas vezes, e, no desempenho da sua obrigação de bem entreter o freguez, encetou conversa:

— Vossa excellencia já sabe da infelicidade da menina Laura, da filha do sr. Carvalhosa?

E, cuidadoso, bom mestre do seu officio, perguntou, referindo-se á navalha:

— Incommoda?

O administrador, pensando «que quem cala consente» não respondeu á segunda pergunta e commentou a primeira:

— Ninguem se póde julgar verdadeiramente feliz. O Carvalhosa era digno de melhor velhice.

Não se referiu ao Silvedo de quem era correligionario politico.

O barbeiro, sentencioso, accrescentou:

— No melhor panno cae a nodoa.

E, solicito, repetiu:

— Está boa a navalha?

*

* *

O medico — sub-delegado de saude — entrou galhofeiro, porta dentro, a gritar:

— Meio dia e o sr. administrador sem dar entrada na repartição! Não ha nada como ser fabricante de deputados e distribuidor de graças.

O administrador respondeu no mesmo tom:

— Estás enganado, é muito melhor ter o monopoio dos presentes e a terra para cobrir as asneiras. Olha que hoje ha vacina. Vê se te esqueces.

— Esse é dos presentes officiaes, atalhou o medico. E depois visitas sanitarias. Dia cheio! De manhan atura-se o berreiro dos filhos e á tarde cheira-se a porcaria dos paes. Tudo é presente, tudo faz parte do monopolio.

E riam ambos.

O medico gosava os seus sessenta annos, avigorados com a pratica d'uma racional e cuidadosa hygiene. Avaliava os medicamentos mais pelos seus effeitos prejudiciaes e toxicos, do que pelas suas virtudes salutares.

Aos jornaes de medicina chamava jornaes de modas e quando os abria dizia sempre : — vamos vêr o ultimo figurino.

Quando assistia a uma conferencia e ouvia lembrar, ou prescrever, um medicamento, acudia logo a enumerar-lhe os inconvenientes da applicação e as qualidades nocivas.

Os collegas irritados perguntavam-lhe, referindo-se ao doente :

— Então quer que o deixe morrer ?

O sub-delegado de saude respondia sereno, imperturbavel :

— Se não o curam não o matem.

Agora, emquanto o barbeiro escanhoava o administrador, o medico discorria loquaz, faceto, n'uma ctitica acerba, espirituosa, sobre as medidas de policia sanitaria.

Alem d'elle só se ouvia de vez em quando o mestre Cebola, sempre acautelado com a navalha, perguntar:

— Magôa?

E quando acabou de fazer a barba, sacudiu a toalha, foi buscar os chapeos, passou com uma escova a sobrecasaca do administrador, curvou-se, repetiu, cheio de respeito:

— Um creado de vossa excellencia. Sempre ao dispor de vossa excellencia.

Sahiram os dois para a administração e pelo caminho foram commentando o caso da Laura.

*

* *

Na camara municipal o presidente assignava o expediente na secretaria.

Entrou um vereador, chamou-o, deu-lhe o braço, levou-o para o vão d'uma janella, para longe dos empregados. Segredaram por muito tempo, e, quando voltaram, ouviu-se o presidente, condoido, concluir considerações:

— O pae é que eu lamento. Pobre Carvalhosa!



Toda a villa se revolvia na ancia do mexerico, toda se saciava no repasto do escandalo. Em todas as casas corria animada a conversa e em todas as conversas se desfiava o mesmo assumpto.

Exageravam-se, inventavam-se factos, azedavam-se commentarios, encruelciam-se juizos.

Era o bramir abafado d'uma corrente lodosa, avolumada, á passagem por cada casa, com bubugens de invejas, de odios, e até de simples passatempos malevolos e doentios.

XIV

m casa do Silvedo, nos braços d'uma poltrona, a D. Emilia, descarnada, amarellecida, desconjuntava o peito com a violencia da tosse, sacudida, aniquiladora.

Enfraquecera-lhe o organismo, vencido pelas commoções do espirito.

Havia sido uma lucta esmagadora, e, quando o bom senso triumphava, a saude cedia. Mas o amor que tinha ao marido e ao filho alentava-lhe a vida, dava-lhe esperanças, convencia-a de que não havia força capaz de extinguir aquella paixão, fazia-lhe acreditar que nem á morte seria possivel destruir a existencia d'aquelle affecto. E assim não reconhecia a gravidade da doença.

O marido ficava no quarto, horas e horas, pegando-lhe nas mãos sempre lentas e pegajosas.

Quando fixava os olhos d'ella, d'um brilho extranho, morbido, entristecia, levantava-se, fingia a necessidade de arrumar qualquer objecto sobre as mesas.

A Emilia pedia-lhe que sahisse para respirar um

pouco, fóra da atmosphera viciada d'um quarto de doente.

E, animada, confortava o:

— Não era coisa de cuidado. Sentia-se muito melhor. Nunca se vira uma constipação teimosa? Era a primeira que tinha?

O Silvedo ouvi-a com a alma confragida, soffria um cruciante martyrio quando tinha tambem de sorrir, de se fingir alegre, para confirmar a illusão.

E muitas vezes ainda o tormento era augmentado com a entrada do filho — do Armindo — a correr, a saltar, ás gargalhadas, festivo, endiabrado.

O Silvedo sahia então, deixava o filho a brincar aos pés da mãe, ia para outro quarto.

Sentia-se vencido pela angustia, accusado pela consciencia, e não atinava com uma defesa segura, tranquilisadora, apesar de a procurar desesperadamente.

Raciocinava — «fôra um fraco que não podéra furtar-se ás circumstancias em que se encontrára. O amor não se cria, não se corrige, nasce expontaneamente, vive sem regra. Quando a vontade o dirige é enganoso affecto, que de simples capricho só merece a nome.

Quando a paixão o cega, e as circumstancias o alentam, as conveniencias submettem-se-lhe, o individuo sujeita-se-lhe como se dobra ao poder do meio, do temperamento e da hereditariedade.

Esse amor não conseguira enfraquecer um fio da amisade que o prendia á sua Emilia, á sua santa mulher, que em cada vez mais estimava.

Se ella ao menos o accusasse, se o injuriasse no furor do ciume, se podesse assim arrefecer a amisade que elle lhe tinha, se podesse assim cahir da altura em que elle a via....

Mas não... elevava-se sempre cada vez mais digna, mais dedicada, mais resignadamente santa.

Ia perdel-a por designação superior, porque não era merecedor de a possuir.»

Ao espirito vinha-lhe subitamente a pergunta:

— E a outra?

O Silvedo olhava em redor, vagamente, com as pupillas dilatadas, como se temesse uma resposta tremenda.

Respondia-lhe a voz do inferno em que elle se afundára:

— A outra era o espectro vivo d'um remorso eterno, a outra era a victima sem rehabilitação possivel, a outra era a accusação personificada do aviltamento em que elle cahira.

Passava a mão pela testa, esfregava-a, procurando chamar a razão que lhe fugia.

*

* *

A Emilia peorou. Agora eram os accessos febris, á mesma hora, no fim da tarde, para só se despedirem de madrugada, deixando-a sem forças, n'um mar de suor.

Um dia veio a hemoptyse.

O Silvedo tinha sahido, a Emilia estava sentada

n'uma cadeira almofadada, o Armindo, todo vestido de branco, brincava-lhe aos pés, muito entretido a dobrar papeis para fazer barcos e pombas.

A Emilia sentiu-se repentinamente agonizada, como nunca havia estado, e uma golfada de sangue foi-lhe pela bocca fóra cahir sobre o filho, manchando-lhe com uma nodoa vermelha a alvura do vestidinho, coberto de rendas.

A Emilia abriu os olhos, horrorisou-se, vendo o Armindo ensangrentado como se um grande ferimento lhe tivesse aberto uma arteria. Quiz erguer-se n'um instinctivo movimento de soccorro prestado ao filho, mas, desfallecida, cahiu para traz sobre a poltrona.

O pequeno olhou para o sangue, alastrado no vestido, e, a chorar, com os braços abertos, foi-se agarrar ás saias da creada que soccorria a mãe.

Vieram os medicos. Não encontraram logo o assistente — o sub-delegado. Chegou primeiro um novo, sahido havia pouco tempo da escola.

Quando elle entrou a Emilia estava reanimada, um pouco melhor, e o filho junto d'ella, a tremer, ja sem o vestido ensanguentado, em saias brancas, com as pernas e os braços nus.

O medico indagou antecedentes, auscultou, e, com uma cynica crueldade, aconselhou a sahida immediata do pequeno, para longe da mãe, para onde não podesse chegar o contagio da doença.

Diagnosticou tuberculose.

A Emilia ao ouvir a terrivel sentença, alheia de

si, juntou todas as forças affectivas do seu ser na afflicção angustiada, saudosa, de deixar para sempre o filho e o marido.

O medico percebeu a dôr, e, n'uma consolação fria, inefficaz, affirmou:

— «Que o caso não era desesperado, ainda tinha cura.»

O sub-delegado entrou risonho, simulando espanto por tanto barulho:

— O que aqui vai, o que aqui vai, santo Deus! Isto não vale dois carrcoes.

A Emilia, desanimada, muito differente do que era, pedia-lhe:

— Que a não illudisse, era escusado, o outro senhor fôra mais franco, disséra-lhe tudo em duas palavras, ficára-lhe por isso reconhecida.

Voltava os olhos para o sub-delegado, a querer adivinhar-lhe o pensamento.

Absorvia-se em sinistras idéas.

Denunciava depois a preoccupação:

— Não receio a morte. Sinto-me alegre, sacrificando a vida á felicidade d'outros...

Puxou o filho para ella, abraçou-o, beijou-o sofregamente, na ancia d'uma despedida para sempre.

Levada por corajosa abnegação, por esforçado desapego, afastou-o em seguida, entregou-o á creada, e, reprimindo-se no choro, fortalecendo-se na vontade, mandou:

— Que o levassem.

Mas desejava, sem querer, demorar a sahida, voltava a pegar-lhe nas mãos, queria explicar-lhe a seccura com que o despedia.

Depois, reflectindo, ateimava na resolução :

— O meu martyrio não seria respeitado se fosse egoista. Vai-te, vai-te.

O sub-delegado de saude interveio dedicado, humanitario, sabendo cumprir os melhores deveres do medico, influindo poderosa e beneficamente no animo do doente :

— Vamos ao que importa : quietação do corpo e socego do espirito. Vossa excellencia vai descançar no leito e o pequeno volta logo.

A Emilia viu um lampejo d'esperança, acudiu receiosa :

— Póde voltar ?! E se eu lhe transmittir a minha doença ?

O doutor categorico, firme, impondo confiança, accrescentou :

— Póde estar aqui sempre que não estorve o socego prescripto. A doença de vossa excellencia resume-se n'um incommodo d'estomago, d'onde veio o vomito de sangue, sem perigo de contagio e sem gravidade de prognostico.

A Emilia animou-se, e, sem violento abalo, viu levarem-lhe o filho.

Os medicos foram conferenciar para a sala, longe do quarto da doente.

Quizeram tambem esperar o Silvedo. Concordaram no diagnostico. E depois o sub-delegado, au-

ctorisado pelo talento, pela sciencia, pela edade, pela longa pratica, discorreu serenamente:

— O collega com a franqueza do diagnostico abreviou a morte da doente, e fez-lhe horrorosa a vida das ultimas horas. Com que direito? Se não os pódem curar não os matem, não os cruciem com a leitura da sentença de morte. E ainda lhes levam dinheiro pelo serviço!...

Se temos de reconhecer a impotencia dos recursos scientificos, recorrâmos ao dever humanitario, que tambem é obrigação profissional, de influir beneficamente no animo do doente, incutindo-lhe esperança, dando-lhe alento, restituindo-lhe socego, com a auctoridade que nos dá a fé do enfermo na efficacia da sciencia.

O outro, enfadado, replicou seccamente:

— E que fique livre a sementeira dos microbios...

— Não, atalhou o sub-delegado.

Mas que a prophylaxia se faça sem violencias que tresandam a barbarismo, sem exageros que chegam a ser criminosos.

Não é necessario evitar a doença dos sãos á custa da morte dos doentes.

E, sorrindo, concluiu com o estribilho da sua descrença:

— Se não os curam não os matem.

O Silvedo, que entrava, energico, nervoso, tendo ouvido as ultimas palavras, expandiu a irritabilidade accumulada:

— Apoiado, doutor. Se um medico me quizer aniquilar com uma sentença de morte que o faça quando

me reconheça sem forças para lhe pagar com pena de talião.

O sub-delegado riu, gracejou:

— Fez bem em avisar. Homem prevenido vale por dois...

O outro medico avermelhou, mordeu o beiço, não retorquiu, mas commentou intimamente: — «era capaz d'isso... E' bruto, é homem de touros.»

O Silvedo indagou o estado da mulher. O sub-delegado deu informações, prescreveu:

— Grave. É necessario afastar o pequeno do quarto, como já tenho aconselhado, mas que a doente não suspeite que a causa d'esse afastamento está no receio do contagio.

Atirem com as culpas para a necessidade d'um grande repouso, d'uma prolongada quietação.

Diagnostiquei *para ella* uma doença d'estomago.

Repise-lhe essa opinião, faça-a acreditar. Volto logo.

*
* *

No dia seguinte a Emilia mandou abrir a janella, chamou o marido, fez afastar toda a outra gente do quarto. Conseguiu sentar-se n cama depois d'um penoso esforço que lhe deixou coberto de suor o corpo descarnado.

Bebeu uns goles de leite, reanimou-se. O nariz afilava-se-lhe entre os olhos encovados, as orelhas,

transparentes, deixavam passar a luz; o cabello empastava-se-lhe sobre a testa em duas largas manchas; as pernas, estendidas sob a roupa, não faziam vulto, deixavam a cama rasa.

A intelligencia não succumbia na derrocada, antes mais se avivava como um facho a illuminar ruinas.

A luz entrava pela janella, vinha banhar a enferma n'uma doce claridade, aureolava-a com o resplendor das imagens santas, circumdando-lhe as faces mortificadas.

Via-se-lhe no olhar a piedosa resignação, a indulgente clemencia das martyres, quado se apartam da vida, anciosas pelo goso d'um longiquo ideal de justiça serena, recompensadora.

O Silvedo ajoelhou-se proximo do leito, pegou nas mãos da mulher, conservou-as entre as d'elle, e quedou-se, succumbido, silencioso, a repetir mentalmente, n'uma supplica de soccorro, a resa com que não atinava, recomeçando-a sempre para nunca a acabar.

A Emilia com uma voz debil, pausada, suspensa ao cabo de cada serie de tres ou quatro palavras, ia dizendo :

— Que se reconhecia com pouca vida. Custar-lhe-ia a morte se com ella não fizesse a felicidade do marido. Agradecia a Deus ter-lhe ouvido os rogos.

O Silvedo instava :

— Que se calasse. A doença não tinha gravidade, mas exigia grande socego de espirito.

E depois de muitas instancias :

— Pois não ouviste os medicos?

— Ouvira, ouvira, repetia ella, obstinada nas suas resoluções. Ouvira e, por isso, se preparava para deixar o mundo tranquillamente satisfeita.

Um fraco sorriso animava-lhe as feições denunciando um socego intimo, consolador.

Continuava no mesmo tom, arrastado, custoso, quasi imperceptivel — chegára o momento de falar, que o marido lhe perdoasse o atrevimento que só a hora extrema justificava. Sabia tudo. O seu Fernando com a morte d'ella podia rehabilitar-se, podia reconquistar a consideração perdida, podia restituir a honra ao lar que manchára.

Pedia-lhe, exigia-lhe, que, logo depois do enterro d'ella, fosse tratar do casamento com a Laura Carvalhosa

O Silvedo, afflicto, sem animo para protestar, sem intelligencia para justificações, interrompeu, por entre soluços:

— Cala-te, cala-te, pelo amor de Deus.

A Emilia pôz as mãos, e, muito meiga na recusa, muito terna na supplica, proseguiu:

— Não... não. Pelo nosso amor, pelo amor do nosso filho, deixa-me falar, deixa-me morrer feliz Dize á Laura que lhe peço para tratar como seu o nosso Armindo.

Confio na madrasta que lhe escolhi, vou socegada.

Sem forças para mais cahiu sobre as almofadas, abriu os braços, ficou com as mãos inertes, lassas.

O marido sobresaltado levantou-se, espreitou-lhe a respiração... — vivia.

Abriu mais a janella para melhor a ver, trouxe leite, que lhe deu ás colherinhas, concertou-lhe a cabeça no almofadão, afastou-lhe da cara os cabellos que a afrontavam.

A Emilia, esforçando-se para animar o marido, abriu os olhos, desfranziu os labios n'um tenuissimo sorriso, e bafejou:

— Estou melhor...

A claridade entrava pela janella, mais aberta, n'um jorro vivo e intenso, projectava-se sobre o leito, illuminava a Emilia.

Era uma glorificação de luz a santificar a mulher sacrificada pela redempção do marido, martyrisada pela fé do amor conjugal.



Havia-lhe feito bem o desabafo.

Melhorou um pouco, dormiu socegadamente algumas horas.

Quando nasceu o dia seguinte, sentou-se na cama, mandou abrir as vidraças — «queria respirar o ar consolador da manhan, queria ouvir os passaros festejarem a chegada do sol».

Mandou depois chamar a mulher do presidente da camara, amiga intima — «a quem queria ficar a dever um ultimo favor e confiar um derradeiro pedido».

Satisfizeram-lhe a vontade.

Ficaram sós no quarto.

A Emilia dictou a custo, pausadamente, debilmente, uma carta que a mulher do presidente escreveu, e que guardou para fazer chegar ás mãos do Carvalhosa, por intermedio do Soares.

O esforço physico e o abalo da commoção no dictado, trouxeram á Emilia um violento accesso febril.

Perdia a razão, debatia-se na fadiga das idéas sem nexo, seccava-se no cançaço das palavras sem significação. E, na febricitante desenvoltura, arrepanhava o lençol, franzia-o em pregas junto ao pescoço, afastava-o depois, deixava nú o peito mumificado.

Alta noite a febre despediu-se, levando o calor e o movimento.

Seguiu-se a prostração comatosa e o frio das extremidades.

O coração arfava lentamente, falhava em esforços supremos, improficuos.

O lençol sobre o peito erguia-se e baixava subtilmente, e, n'esse movimento de levissima aragem, estava o unico signal de vida do corpo, immovel, emmoldurado na pequena depressão da cama, como imagem de marfim guardada n'um estojo de linho branco.

Finalmente descerrou os labios e a maxilla inferior pendeu flaccida, inanimada.

Fugiu-lhe a vida n'uma suavissima expiração, n'um calmo bafejo.

E, na meiga serenidade do olhar, ficou-lhe impressa a ineffavel ventura de antever a aproximação do almejado socego, do eterno fim.

XV

EZ-SE o enterro, concorrido por toda a gente da villa. O cadaver repousava em coxins de flores, a urna desapparecia sob a folhagem das largas corôas, tecidas de fetos e heras, enfloradas de martyrios e saudades.

O funeral fazia excepção nos costumes da villa, deixára de ser um espectaculo vistoso, attrahente, gosado das janellas pelos donos da casa e pelas visitas, convidadas para esse fim.

E ao convite nenhuma senhora faltava, porque como diziam — «tinham de aproveitar todas as distracções n'uma terra insipida, onde não havia divertimentos e que estava cada vez mais semsaborona, mais impossivel».

Não succedia agora assim: fecharam-se portas e janellas e não havia olhares friamente curiosos, porque todos choravam lagrimas sinceras.

Levavam a urna á mão, o cortejo caminhava de vagar, silencioso, e, já longe da casa do Silvedo, a

musica rompeu n'uma marcha feita de harmonias funebres, que moviam sentimentos dolorosos, e d'entoações vibrantes, que cantavam triumphos d'apotheose.

Excitava a sensibilidade, constrangia o coração, suggeria na alma uma necessidade de culto e um enthusiasmo de veneração.

*

* *

No cemiterio, depois de fechada a porta do tumulo, só ficou o Soares, cingido na sua sobrecasaca preta, até ao joelho; a barba branca, crescida n'um desleixo de desgosto; o chapeu alto, de seda, na mão, abandonada, cahida ao longo do corpo.

Quedou-se em frente do mausoleo de marmore, com portas de ferro fundido, rendilhado em florões.

No fundo, sôbre um altar, d'uma cruz d'ebano, pendia um Christo, entre vasos de begonias. Do tecto descia uma lampada de prata, contendo uma taça de vidro azul, onde boiava uma luzinha amortecida, amarella, triste.

O Soares aproximou-se, olhou para dentro, fixou a vista na urna que tinha sobre a tampa uma placa metallica com o nome da Emilia.

Não rumorejava bafo de viração; não ciciava sussurro que de leve alterasse o silencio das sepulturas.

O sol escondia-se, deixando o céo esbrazeado, sanguineo.

O Soares, na mesma posição, immovel, esquecido, não despegava a vista do interior do tumulo.

Condoìa-se até ás lagrimas, chorava a morte da pobre senhora e não podia esquecer-se — «da sua menina, da sua querida Laura».

Associava os dois nomes como se a morte os tivesse tambem juntado no epithaphio do mesmo sarcophago.

Eram duas victimas do mesmo culpado, mas não fazia recriminações, porque a magua enfraquecia-o afogava-o em compaixão, não lhe deixava animo para vinganças.

Pedia ao espirito da Emilia que perdoasse á Laura, e, amparado á porta do tumulo, implorava:

— Perdôa-lhe, perdôa-lhe.

*

* *

O coveiro — o tio Jagodes, cambaio da perna esquerda, comprido, esqueletico, cabelludo até á ponta dos dedos, barbado até aos olhos — esperava, encostado ao portão.

Quando ouviu o Soares gritar para dentro do tumulo, riu, chasqueou:

— O raio do velho está taxado. Descuidou-se com a murraça. Mas bebedo é só o Jagodes por que não usa quartola.

Sacudiu a cinza da ponta do cigarro apagado,

metteu-o atraz da orelha por baixo do carapuço de lan, puxado para a nuca até ao pescoço.

Despegou-se da humbreira do portão, levantou se sobre a perna direita n'um pincho rapido, atirado para o ar, e descahiu logo sobre a esquerda, torta e mais curta.

Poz a mão aberta ao lado da bocca, em fórma de porta-voz, e, roufenho, gritou para o Soares:

— Eh, seu fidalgo, são horas de fechar. Se quizer ficar, fique. Não lhe levo nada por isso, só paga a patente quando vier pr'a salgadeira.

O Soares encaminhou-se para a sahida murmurando:

— Não me importava ficar de todo se não fizesse tanta falta.

O Jagodes, quando o Soares sahiu, tirou o barrete, guinou dois passos, descahiu sobre o meio portão ainda aberto, empurrou-o, uniu-o á batedeira, deitou a mão á chave e desculpou-se:

— Perdoe, meu fidalgo, são horas de fechar.

Com um gesto de cabeça, os beiços estendidos, a barba para o ar, apontou o campo das sepulturas e continuou:

— Ha alli padre mestre que se não ficasse fechado á chave era capaz de arrombar o bahu e marchar para casa, só p'ra ver como os herdeiros lhe derretem as massas.

A lingua correu dentro da fechadura com um estalido de mola rija, secca.

O Jagodes, alvar, cynico, referindo-se ainda aos mortos, blasphemou:

— Esta sucia não merece as boas noites. Quando veem p'ra conserva nem uma de cinco trazem p'ra matadella do bicho.

Metteu a chave no bolso da jaqueta e execrou:

— Raios de pelintras.

A irreverencia escandalisou os ouvidos do Soares no que elles tinham de mais intimo e respeitoso pelo culto dos mortos.

Olhou para o cambaio, sentiu vontade de o esmagar, mas viu deante de si um ente estropeado, repellente, a causar nojo.

O Soares, que se tinha retardado para o deixar ir a deante, para a villa, vendo-lhe a demora voltou para o lado opposto, fingindo que seguia outra direcção.

O Jagodes tentou accender a ponta do cigarro, mas o phosphoro chamuscou-lhe as barbas e o resto do cigarro desfez-se-lhe entre os dedos.

Guardou a caixa, encolheu os hombros e philosophou:

— Em dia de mortuorio rico até as beatas se envergonham de ser fumadas. Em eu sahindo visconde já as não guardo.

Atirou com a enxada para o hombro, poz-se a

caminho, coxeando desengonçado e grotesco, cantando fanhoso e rouco:

Uma velha, muito velha,
Pum!
Mais velha que a saragoça
Pum, catapum,
Agora, agora,
Reu, reu, pum!

Compassava a musica com os tregeitos dos hombros, obrigados pelo extravagante coxear: subia um e cantava — reu — descia o outro e repetia — reu — baixava novamente o primeiro e acabava — pum.

XVI

Carvalhosa abafava em Paris, axphyxiava sob a pesada impressão dos grandes predios, todos negros, como elle trazia a alma; suffocava no meio da balburdia das ruas, chocado, levado pelas multidões, quando absorto, com o pensamento longe d'alli, se não afastava nem escolhia caminho.

Saudoso, a soffrer da nostalgia do campo patrio todas as manhans ia para o Bosque.

Parecia lhe que as arvores já o conheciam e que, quando elle chegava, lhe acenavam com a folhagem cordeaes bons dias.

Julgava ouvir os mesmos cumprimentos cantados na agua da cascata, a cahir de pedra em pedra até á bacia fundeira.

Vinha almoçar e escondia-se depois no museu do Louvre, a procurar distracções.

Estudava a arte grega, mettia-se nas galerias interiores, á entrada, procurava obras das escolas de

Phidias, Scopas, Praxiteles, expandia o seu culto esthetico, enlevava a alma com os olhos pregados nas divinas esculpturas, como sacerdote sacrificando no altar d'uma religião.

Um dia encontrou o museu fechado porque era segunda-feira.

Não se lembrára e fôra até á porta.

Voltou contrafeito, aborrecido.

Foi pela rua Rivoli á Praça do Theatro Francez, subiu a Avenida da Opera, metteu-se nos boulevards para ir a qualquer parte, sem destino fixo.

Fluctuou na multidão impetuosa, jorrada de toda a parte, em correntes diversas, cruzadas, até que a fadiga o fez abancar á porta d'um café.

Cercava-o o borburinho alegre, festivo, da concorrencia.

Recrudescia a febre mercantil, estava no seu auge a nervosa actividade do negocio.

Sentia-se o desejo infrene, desesperado, d'espalhar e recolher dinheiro.

Exploradores e explorados todos iam satisfeitos com o prazer de despejar e encher a bolsa.

Só exigiam amabilidade mutua, e galante, na transacção, e, como todos a tinham, todos eram alegres.

*
* *

N'outros tempos o Carvalhosa sabia gosar as horas do boulevard.

Lembrava-se com saudade d'esses dias, rememorava acontecimentos, impressões:

Alli tinha elle, no bolso, o seu livro de viagens com notas escriptas á mesa d'aquelle mesmo café, á mesma hora, mas em dias bem differentes.

Queria agora viver um pouco d'essa alegria, d'esse bom humor, que se fôra para não voltar mais.

Tirou o livro, abriu-o, leu-o ao acaso.

«MULHERES»

«A de Madrid anniquila rudemente todas as esperanças, destroe logo á primeira todos os desejos. Fére para dizer que não.

A de Paris recusando mais promette, fugindo mais tenta. Acaricia negando-se.

Quem á madrilena pedir um beijo, pode ter em resposta uma bofetada.

Quem o mesmo pedido fizer á parisiense, pode perder o tempo, mas ganha sempre um gracioso sorriso, porque até a recusar ella è amavel.

A madrilena é iguaria indigesta, caldeirada grande que tenta a vista, seduz

o olfacto, mas dilata e azeda o estomago.

A parisiense é aperitivo delicado, afina o gosto, estimula a appetite.

... .

Não continuou com a leitura, parecia-lhe impossivel ter tido algum dia paciencia para escrever aquellas frivolidades ridiculas.

A concorrencia augmentava, obrigava os creados a arrumar melhor as mesas, a chegar mais as cadeiras, sempre risonhos, até quando os pisavam, se quem os pisou lhes estava para dar dinheiro.

O Carvalhosa, extranho, deslocado, n'aquelle meio a que já se não adaptava, sentiu-se empurrado, atirado d'alli para fóra.

Levantou-se, fugiu para o hotel.

*

* *

Encontrou no quarto uma carta de Portugal.

Mesmo em pé, sobresaltado, desconhecendo a lettra, acanhada, tremida, rasgou o sobrescripto, e leu:

«Ex.mo Sr.

Mando escrever-lhe á beira da sepultura. Não exagero nem me entristeço. Alegro-me com a lembrança de que

não viverei mais dois dias, porque posso assim pagar com a vida a gratidão que devo a V. Ex.ª

Quiz Deus ceder aos meus rogos dando-me a morte para poder restituir a felicidade á casa de V. Ex.ª e a tranquillidade á de meu marido.

E não levem á conta de sacrificio esta simplicidade de dever cumprido.

Se quizerem abençoar a minha memoria façam feliz o meu filho — o meu querido Armindo. Diga á sua filha que confio na madrasta que lhe escolhi, e que morro contente».

Com a carta vinha um bilhete da mulher do presidente da camara, explicando — «que fôra a Emilia que a dictára».

O Carvalhosa, perturbado, colerico, as faces afogueadas de sangue, os ouvidos surdos, a zumbirem, vociferou:

— Nunca minha filha será mulher d'elle.

Aos olhos vieram-lhe formigueiros de picadas miudas, repetidas, teve uma vertigem momentanea, passageira, apoiou-se na mesa, e, cambaleando, foi ao lavatorio, chapinhou os olhos e a testa.

Tentava vencer uma grande prostração que o invadia, mas não se deitava, queria reagir, passeava no quarto depois de despir o pescoço. desafogando-o do collarinho e da gravata.

— Necessitava viver, porque necessitava evitar um novo ultrage, que outra coisa não era deixar entrar para a familia o homem que a cuspira, que a conspurcára.

Quando um pretendente ao logar de genro lhe entrasse pela porta dentro, perguntar-lhe-ia pelos dotes que o recommendavam á mulher pretendida.

Quando a este fizesse a mesma pergunta só lhe poderia ouvir em resposta: deshonrei-a».

A' noite, mais acalmado, escreveu ao Soares ordenando-lhe uma vigilante fiscalisação para interceptar correspondencia entre o Silvedo e a Laura. E concluiu:

> «se ella te não obedecer, vou-lhe entregar o que lhe pertenceu por morte da mãe, vendo o que é meu, e volto para aqui, de todo.
>
> A amisade que tens a essa casa, que ajudaste a fazer, não te deixará vel-a desmoronar.
>
> Para isso basta evitares a rebeldia da filha.

. . . .

Nunca mais se tirou do cerebro do Carvalhosa a lembrança da possibilidade de tal casamento.

Era um pensamento insubstituivel, absorvente de todos os outros, fixo, tirando-lhe o appetite e o somno.

Não voltou aos museus nem ao Bosque.

A vontade e a intelligencia foram-lhe enfraquecendo a pouco e pouco, manifestando debilidades cerebraes.

E não tardou que a ruina se patenteasse evidentemente.

No meio da conversa as palpebras cerravam-se-lhe, o beiço ficava-lhe pendente, intumescido, arroxeado.

As faces descahiam-lhe lassas, sem expressão.

Se lhe não acudiam, reatando o dialogo, chamando-o, ficava-se silencioso, alheio a todos e a tudo.

Quando andava arrastava as pernas flaccidas, encurvadas.

Nos restaurantes levantava-se muitas vezes sem pagar o jantar. Os creados, que já o conheciam, lembravam-lhe o pagamento.

Mais tarde abancava nos cafés n'uma attitude molle, imbecil, o olhar sem brilho, a lacrimejar, os braços estendidos sobre a mesa, e, bastas vezes, a baba a escorrer em fio dos cantos da bocca.

Já o exploravam grosseiramente.

Raparigas bebiam com elle, chamavam-lhe — o seu querido hespanhol.

Uma noite, em um dos concertos dos Campos Elysios, encontrou duas conhecidas, sahiu com ellas, e quando entrou em casa havia sol.

Não appareceu n'esse dia, e, á noite, o gerente do hotel, foi-o encontrar na cama, sem fala.

Metteram-lhe pela bocca abaixo caldo e leite.

Chamaram o medico.

Viram em cima da mesa uma carta do Soares e poderam assim telegraphar-lhe, informando-o do estado do hospede.

O Soares foi a Paris e voltou na semana seguinte com o Carvalhosa encerrado n'um caixão de chumbo, mettido n'outro de cedro com pregarias e argolas de prata.

XVII



feretro foi para o cemiterio da villa.

A Laura, profundamente dolorida, abandonava-se nos braços d'uma poltrona, recebia as visitas de condolencia, cumpria constrangidamente esse cerimonioso dever, porque preferia estar só, recolhida á concentração respeitosa da sua magua.

— «Bem conhecia ella a hypocrisia de muitas falsas amigas, que vinham só para dar fé, para commentar, para envenenar apreciações.

Parecia-lhe que as estava a ouvir.

Sahia do entorpecimento em que a luctuosa saudade a afundára, para, silenciosamente, estender a mão ás pessoas que entravam, todas de preto, composturas graves, physionomias pesarosas, uma ligeira curvatura e a mão esquerda sobre o estomago quando vinham dizer á anojada:

—«Que muito sentiam a irreparavel perda».

*
* *

Eram quatro horas da tarde quando a D. Mauricia, dando o braço ao doutor Brandão, descia, na quinta da Laura, a escada exterior da casa.

—«Vinha afflicta, doente, da triste visita».

E explicava:

—Que não estava mais na sua mão.

Era muito sensivel. Não podia ver soffrer, não podia ouvir chorar, sem arranjar doença para uma semana.

Tinha-se agarrado á Laura, em apertado abraço, chorára, chorára, debulhada em lagrimas copiosas, implacaveis.

E soluçava suffocada:

— Morreu o pae dos pobres, morreu o pae dos pobres.

Fôra uma scena dolorosamente impressiva.

*
* *

O doutor Brandão estava na sala a esse tempo, ouviu a Mauricia, julgava-a a melhor amiga da Laura.

A morte do Carvalhosa, avolumando a riqueza da filha, augmentára a cubiça do doutor, afoitára-o a renovar a aventura.

— «Achava a Laura muito bella, formosamente macerada, como a pura imagem d'uma Senhora das Dôres».

Na villa dizia-se que o Silvedo nunca casaria com a Laura.

O Brandão raciocinava, friamente malandro:

— «Ella ha de querer rehabilitar-se por meio do casamento.

É processo sabido, nenhuma deixa de o seguir.

Se as despresam vingam-se preferindo para marido o rival do amante.

È a regra. Ainda ha de nascer a primeira que lhe fuja».

Saboreava o parecer com regalos de fadista refestelado em farta ceia, paga pela amante á custa d'outro.

Via na Mauricia — tão dedicada, tão intima da Laura — um poderoso auxilio.

— «E se o não fosse, era necessario por menos não a deixar ser um estorvo.

Urgia desfazer-lhe impressões antigas, conquistarlhe a sympathia» — pensava.

Aproximou-se da Mauricia e lisonjeou-a:

— Boa amiga. Dedicação antiga. Portugal velho, de lei.

A Mauricia, de má catadura, resmungou para o lado:

— D'esses tempos no caracter não na edade.

— Bem o sei, assim o queria dizer — gaguejou o doutor atrapalhado, reconhecendo a inconveniencia.

E voltou a ver se podia melhorar-se na posição:

— Vossa excellencia incommoda-se, mata-se, com essas violencias d'affecto

A Mauricia, enternecida, estendeu o beiço, fez estylo:

— A dedicação é a pedra de toque da amisade.

— A quem vossa excellencia o diz, acudiu o doutor. Como se eu não soubesse: que os amigos conhecem-se na cadeia e no hospital.

O dialogo continuou, divertindo as outras visitas e humanizando a Mauricia, que acabou por acceitar um logar no carro do doutor.

E aqui está porque ás quatro horas da tarde desciam ambos, de braço dado, na quinta da Laura, a escada exterior da casa.

*

* *

Entraram no carro.

A Mauricia recompoz-se, sentiu-se melhor, mais alliviada.

O doutor, para quebrar o silencio, aventou:

— Senti muito a morte do Carvalhosa. Pobre homem!

A Mauricia, continuando a compor os bandós com as duas mãos, achatando-os na testa, afofando-os por cima das orelhas, atalhou:

— Não se reza por alma de quem morre porque quer.

E, vendo na cara do doutor signaes d'espanto, explicou-se:

— Orgias por esse Paris fóra, champagne, dançarinas. Ainda agora o sabe?

— É para mim uma novidade. Ouvi falar em desgostos domesticos, amores da filha.

— Bem se importava elle com isso. Se as doidices da filha lhe dessem cuidado, elle as evitaria. A pandega estava-lhe na massa do sangue.

Eu bem sei como o encontrei em Lourdes.

Já lá vem de traz: ha na familia historias d'avós, fulminados pela apoplexia, no meio de guitarristas e mulheres de má fama.

Olhe que o Carvalhosa não se confessava!

A Laura, coitada, tem o sangue a puxar...

Calaram-se ambos, internaram-se em juizos.

O Brandão resolveu-se a apalpar o terreno:

— Agora é casamento certo... E o Silvedo não vai mal.

A Mauricia estremeceu, levantou se, sentou-se, como se tivesse sentido aguda ferroada de insecto peçonhento.

Logo que morreu a Emilia, mettera-se-lhe na cabeça o projecto de casar com o Silvedo, e essa ambição absorvia-lhe todos os pensamentos.

Via na Laura uma perigosa rival, e por isso mais a odiava lisonjeando-a, mais a feria abraçando-a.

Abespinhada, protestou:

— Se o doutor conhecesse bem o Silvedo não lhe faria essa injustiça.

O Silvedo não é homem para beber agua que tivesse sujado.

Fez-se novo silencio porque ambos voltaram a acalentar as suas idéas.

O Brandão phantasiava prazeres de vida independente:

— «Estava farto de aturar o procurador regio, e o deputado do circulo.

A politica obrigava-o a um servilismo, que lhe fazia dobrar a espinha na rua, e, ás vezes, a penna nos processos.

E era para quem queria uma comarca de primeira.

Ah, que se apanhasse a Laura, *estava-se nas tintas* para o procurador regio e para o deputado».

A Mauricia consumia-se n'uma intima controversia, deduzindo argumentos a favor da possibilidado do casamento do Silvedo com a Laura, para em seguida lhe oppor outros de razão contraria.

Assim foram calados até á villa.

O carro parou á porta do prior.

A Mauricia agradeceu a amabilidade, e, presa, enleada, no fio do pensamento fixo, ajuntou:

— Julga então o doutor que o Silvedo não ia mal?

Elle que lh'o agradeça.

Soltou uma risadinha ironica, estendeu a mão ao Brandão e sahiu do carro.

O doutor encaixou o monoculo no olho direito, e, para o segurar, franziu a face e torceu a bocca n'um esgar petulante.

Mirou d'alto a baixo a Mauricia, que já ia de costas, e, friamente zombeteiro, interrogou-se:

— Onde será a hucharia d'esta grande bebeda?

XVIII

A passado um anno depois da morte do Carvalhosa.

A Laura e o Silvedo, longe de se aproximarem, evitavam-se.

O Silvedo, orgulhoso, avaliando em muito o seu amor proprio, temia que lhe levassem a approximação mais á conta de cubiça do que de verdadeiro affecto.

A saudade da mulher, ainda não esquecida, exagerava o escrupulo.

A Laura, não menos altiva, tambem se não adeantava, porque preferia suffocar o amor a vel-o correspondido sómente por disposições da ultima vontade da Emilia.

Procurava distrahir-se para enganar a paixão.

Todos os dias passeava a cavallo.

Promovia caçadas, nunca faltava ao apartamento do seu gado bravo, expondo-se, correndo aos logares de maior perigo, com grandes desprendimentos da vida.

Estava agora mais bella, a maternidade completára a mulher.

Tinham-se-lhe arredondado os quadris e as ancas, e mais se lhe enchera o seio, sem excesso de fórmas.

Sobre o labio esfumára-se a sombra da assetinada pennugem.

Os cabellos encrespados, os olhos voluptuosos, o levissimo reflexo da pelle chispavam intensidades de vida, ardores de paixão.

*

* *

Uma tarde montava ella um dos seus melhores cavallos e sahia d'uma curva da estrada, quando deparou com o Silvedo, que vinha de frente ao trote largo da Varsovia — uma egua de fama.

O involuntario encontro assombrou os dois.

A Laura voltou o cavallo para a berma da estrada, obrigou-o a saltar um fundo barranco, e embrenhou-se no campo por meio dos milharaes, á beira das vallas da rega, na direcção da quinta.

Quando atirou o cavallo para fóra da estrada, desprendeu-se-lhe do chicote o pequenino castão d'osso com incrustações de metal barato.

O Brandão costumava ir todas as tardes, em largo passeio a pé, fazer-se encontrado com a Laura.

Cortejava-a e seguia alegre como um tentilhão na primavera.

Não lhe exigia maior calmante a ardencia do amor.

Poude assim ver de longe a Laura evitar o encontro do Silvedo.

Rejubilou, parecia não poder acreditar o que via, e, como se quizesse melhor averiguar, foi até ao sitio da estrada onde a Laura tinha feito saltar o cavallo

Ainda lhe parecia estar illudido pela visão d'um sonho.

Procurava no talude vestigios das ferraduras do cavallo, para mais se alegrar com a verificação palpavel da verdade, quando viu o castão do chicote reverberar, entre a folhagem secca.

Reconheceu-o e não poude calar o contentamento:

— Era um dia feliz, sahira de casa com pé direito.

Apanhou o castão, viu-o por todos os lados, encheu-o de beijos e embrulhou-o em um boccado do *Diario de Noticias*, que trazia no bolso.

Reparou depois, contristado, que rasgára o folhetim para guardar a estimada reliquia.

Mas logo a liberalidade do animo lhe fez declarar:

— Que levasse o diabo o folhetim.

Tinha d'estes generosos desapegos a alma nobre do doutor... como costumava dizer o senhor Florindo quando lhe ouvia d'estes rasgos de abnegação.

*

* *

O Brandão correu para a villa, ancioso por dizer a toda a gente, gritar por toda a parte — «que a Laura voltára as costas ao Silvedo» — Mas poz-lhe

côbro ao desatino o medo do Silvedo — «homem de touros e de perigoso trato com almas christans» — como dizia o doutor lembrando-se do desmando, e temendo o castigo.

Limitou-se a elogiar na pharmacia as virtudes da Laura — «a mais formosa do corpo e alma que a terra possuia».

O senhor Florindo, quando o viu pelas costas, fez no meio da calva leves titillações com a unha crescida do indicador e com os outros dedos abertos, no ar, apreciou:

— Sim, senhores, muito pratico, muito fino, para o grangeio da vida, este doutor. E' anthropoide aperfeiçoado, com todo o uso da razão.

E grunhia, rindo em i:

— Hi... hi. hi. hi... hi...

*

* *

A' noite houve musica no passeio, feito de duas largas alamedas de tilias, cobertas, n'aquelle tempo, de flôres perfumadas.

A sahir d'um penhasco, enleado de trepadeiras, mergulhado na agua, erguia-se o coreto de ferro com largos ornatos de sanefa em redor da cupula zincada.

Aos domingos, e ás quintas feiras, vinha a banda do regimento tocar no coreto.

As senhoras sentavam-se, para a ouvir, em filas

de cadeiras, e dividiam-se em grupos para criticar os vestidos e os chapeos das visinhas.

— «A chapeleta d'aquella já era do anno passado. O vestido d'esta fôra talhado por figurino da invenção da dona, porque mais ninguem usava uma opa d'aquelle feitio. A côr do casaco da outra mostrava bem o grosseiro gosto de quem a escolhera, parecia côr de burro quando fóge.

Uma, que andava a passear, tinha a linha, mas só usava farrapada, d'uma tristissima pelintrice. Outra, que estava sentada mais longe, carregada de velludo e seda, com os dedos e as orelhas a scintilarem brilhantes, gastava tudo em luxo, porque dava com o marido que tinha, um bajoujo, um lamecha mais digno d'usar saias do que calças».

E as censuradas, por seu turno, andavam dizendo o mesmo das criticadoras.

Os velhos conversavam em politica, em agricultura, no estado do tempo. E, fazendo reviver na imaginação gosos passados, apreciavam « as madamas » e um ou outro, guloso platonico, babava-se á passagem d'algumas e saboreava de bocca cheia:

— Bem bôa.

Na alameda central os novos passeavam com as meninas, namoravam, intrigavam, em passo accelerado, no escuro umbroso das tilias, mal alumiado pela luz avermelhada do petroleo, em dois renques, como duas filas de lamparinas a bruxolearem tristezas.

Toda a gente tinha vindo para apreciar a musica, mas ninguem ouvia a musica.

A Vespa agradecia ao Salustiano a noticia do anniversario natalicio.

O *Brado Solemne* tinha publicado n'aquelle dia:

«Vestimos hoje a nossa mais distincta luva *gris-perle* para depormos a *corbeille* do nosso parabem aos pés da ex.^ma^ sr.^a^ D. Gabriella, digna sobrinha do seu ex.^mo^ thio, e nosso particular amigo, conego Mendes. O Tempo tira hoje da sua larga cornucopia mais uma Primavera, florida de belleza, aromatisada de virtudes, fresca de graças, opulenta de primores. Hossana!... E' a Primavera de sua ex.^a^ é a Primavera que sua ex.^a^ hoje conta».

....

O Brandão, radiante d'alegria, cheio de felicidade, chegou ao passeio, puxou uma cadeira para junto da Mauricia, e, sem a cumprimentar, sentou-se, espalmou a mão sobre o lado esquerdo do peito e exclamou:

— Tenho aqui a preciosissima reliquia, que, se não é a alma da sua alma, a carne da sua carne, o sangue do seu sangue, é, por menos, o adorno dos seus adornos, o atavio dos seus trajes.

Aqui a guardo junto do sacrario onde guardo o amor d'ella.

A Mauricia, espavorida, abriu os olhos sem entender nada do que ouvia.

O doutor mostrou o castão, explicou-se e pediu conselho. Queria guardar o pequeno objecto, de nenhum valor real, mas temia melindrar a Laura.

A Mauricia, depois de meditativo silencio, tossiu, ergueu o fura-bolos no ar, arregalou os olhos, e, com o imponente gesto das sabias revelações, opinou:

— Se o doutor fôr entregar o castão á D. Laura e se lhe pedir depois licença para o possuir pratíca uma gentileza que lhe hade ser amavelmente agradecida, e guarda a reliquia que deixa de ser um achado para ser uma generosa dadiva.

— E da mão d'ella a receberei! Atalhou o Brandão. Não me diga outra, senhora D. Mauricia, porque me afoga de alegria, porque me mata de ventura.

Está o caso resolvido. Irei amanhan porque seria inconveniente ir a esta hora.

A musica tocou o ultimo ordinario. Os grupos separavam-se, dividiam-se n'outros formados de familias completas, reunidas para regressarem a casa.

As meninas, confluindo para as respectivas mamans, separavam-se, despediam-se com prodigalidades de beijos, nas duas faces, e aprasavam-se para novo encontro no seguinte dia de musica.

Já longe voltavam-se para mais se instarem, para mais se prenderem.

— Não faltes, Cizinha, olha que volto para casa se te não encontrar no passeio.

E a outra, em resposta:

— Já te disse, já te jurei, Lili: que sem ti não sei ouvir a musica.

Depois em casa, á volta da mesa do chá, emquanto a mãe, de bule no ar, fazia as chavenas, o pae commentava as conversas que tivéra no passeio:

— Estava insupportavel o Ricardo. Não se lhe podia aturar a basofia:

Teve a pouca vergonha de dizer que colhêra cincoenta moios de trigo e cem pipas de vinho!

Onde tem elle terras para essa producção?

E ao Ricardo, no passeio, tinha affirmado:

— «Que bem lhe conhecia as propriedades, que eram para dar o dobro se o anno lhes corrêsse».

A filha — «vinha farta de tolices da enteada do juiz — uma empavonada, uma tola com quem se não podia falar».

Afilha era a Lili «que voltava para casa se não encontrasse no passeio a outra, a Cizinha» ... que era a enteada do juiz.

XIX



Brandão era homem muito ordenado e limpo nas suas roupas brancas e de côr.

Agora, que se vestia para ir a casa da Laura, encontrava facilmente, nas respectivas caixas, as luvas e as gravatas, escolhidas depois de collocadas umas ao lado das outras para confronto de côres «que dissessem bem».

E assim escolheu luva amarella, gemmada, e gravata verde salsa.

Vestia-se pausadamente, dava voltas no quarto, demorava-se temendo desgraça, apressava-se anceando fortuna.

Desejava ir em breve, mas comprazia-se com a demora.

Lembrava-se de ter estado n'uma situação egual um dia em que quizéra arrancar um dente: tinha pressa de chegar a casa do dentista, mas cada vez caminhava mais de vagar.

A gravata levou-lhe tempo e tempo. Em camisa, sem collete, os suspensorios cruzados nas costas, o

cabello já penteado, passeava com a gravata na mão passando-a pelos dedos, correndo-a em todo o comprimento, voltando-a dos dois lados, pondo-a em volta do collarinho, fazendo-lhe o laço, desfazendo-o, porque ficava sempre desegual, com uma ponta maior do que a outra.

E n'este andamento se foi vestindo e perfumando.

A' porta esperava o carro com o cocheiro em libré de gala, conforme a especial recommendação.

Deu nas vistas da visinhança a sahida do doutor.

O sapateiro da loja fronteira, quando o viu entrar para o carro, deixou de martellar a sola na pedra larga, redonda, luzidia, como a calva d'um conselheiro, levantou os olhos por cima dos oculos, acavallados na ponta do nariz, presos ás orelhas por dois fios de linho torcidos com cerol, e conjecturou:

— Vai pedir a gaja.

O Brandão entrou no carro com o pé direito, cuidadosamente, e, no intuito d'esconjurar enguiços, fez uma figa, mettendo o dedo polegar entre o fura-bolos e o pae de todos. E de figa armada chegou á quinta e fez-se annunciar.

Em troca do bilhete de visita, que mandou, vieram dizer-lhe:

— Que a senhora pedia a sua excellencia o favor de a esperar na sala.

Indicaram-lhe o caminho.



A Laura andava alegre, de bom animo, desde que se encontrára com o Silvedo.

Entendia que esse encontro, longe de ser filho do acaso, fôra pensadamente intencional.

O Silvedo não costumava ir para alli, e a Laura todas as tardes passava por aquelle sitio.

Acalmára-se-lhe o orgulho, julgando-se procurada. Pensava, satisfeita — «veio, procurou-me, ha-de voltar, e encontrar-me-á quando me convencer de que o move um affecto sincero, d'elle, e não um amor que lhe deixaram em testamento».

O Silvedo fizéra o passeio sem pensar na probabilidade de se encontrar com a Laura.

Quando a viu voltar-lhe as costas sentiu um fogoso desejo de a possuir. Exactamente por ella o desprezar é que elle a queria.

Fugia-lhe a posse que julgava incontestavel, segura, ateava-se-lhe a paixão que presumia extincta debaixo do escrupulo das riquezas e da memoria da mulher.

*
* *

A Laura, porque andava alegre, não se enfadou quando lhe annunciaram o doutor, e teve uma inquieta curiosidade de conhecer a causa da inesperada visita.

— Excellentissima senhora.

Titubeou o Brandão, curvando-se no meio da sala, quando entrou a dona da casa.

Sentado depois n'uma poltrona entrincheirou-se em seguro silencio.

A Laura, em frente d'elle, admirava-lhe as côres da gravata e das luvas, a altura do collarinho, o penteado aberto ao meio, achatado, configurando a cabeça oblonga.

E, para o fazer sahir do reconhecido embaraço, perguntou-lhe :

— A que devo a honra da visita de vossa excellencia ?

— A um estimavel acaso da fortuna ou talvez a um designio da fatalidade a que ninguem póde fugir.

Sublinhou as ultimas palavras. Tirou do bolso o castão, embrulhado em papeis de seda, perfumados.

A Laura reconheceu-o immediatamente. O Brandão continuou :

— Tive a felicidade de achar na estrada este objecto. Venho cumprir a obrigação moral e juridica de o restituir.

Mas como para vossa excellencia é de pobre valor real, e, para mim, de riquissimo valor estimativo,

venho supplicar a suprema graça de vossa excellencia o deixar na minha posse.

A Laura, contendo a custo o impeto do riso, respondeu forçadamente séria :

— Vejo que vossa excellencia tem a paixão das collecções, e sinto não poder enriquecer-lhe o museu pelo simples motivo de me não pertencer esse castão, que, a avaliar pela estima em que vossa excellencia o tem, deve ser feito do osso d'algum animal antediluviano... Coisas que só os illustrados colleccionadores sabem e apreciam.

Não deixo por isso de lhe agradecer a amavel intenção.

E levantou-se cortando pretextos para alongar o dialogo.

O Brandão emparvoeceu. Não esperava a resposta nem a despedida.

Levantou-se attonito, bocca aberta, olhos espantados, os braços pendidos, sem atinar com palavra.

Metteu o castão no bolso, deixou cahir no meio da sala os papeis do involucro, reverenciou :

— Minha senhora.

E sahiu sem se voltar á porta para cortejar.

*

* *

Atordoado atirou-se para dentro do carro, e, por algum tempo, não atinou com a idéa, nem sentiu força de vontade.

A mais de meio caminho acordou do entorpecimento, poude pensar e querer, tomou uma resolução heroica : . . . metteu a mão no bolso, e atirou com o castão pela janella fóra.

Ao mesmo tempo fez explodir a indignação e regalou-se com o desabafo :

— Apre!

— Se o pharmaceutico — o senhor Florindo — tivesse visto a alegria que illuminou a cara do Brandão depois do valoroso rasgo, teria observado — «o anthropoide racional saboreia, como os deuses, o prazer da vingança. Que aperfeiçoamento!»

XX


' sahida da missa, manhan cedo, o doutor fez-se encontrado com a Mauricia.

Deu-lhe a terrivel noticia, informou-a do desastre:

— Não era d'ella, não o quiz.

A Mauricia comprehendeu sem demora toda a verdade, e quiz saber minuciosamente como tudo se tinha passado.

E depois d'ouvir:

— Acreditou na sinceridade d'essas palavras?

— Se eram d'uma senhora.

— Apaixonada por um homem que não é o doutor.

O Brandão, enraivecido, nervoso, esqueceu-se do medo que o Silvedo lhe mettia, e contou tudo:

— Pois saiba, minha senhora, que a Laura voltou as costas ao Silvedo, em plena estrada. Vi eu com estes que a terra hade comer.

E mettia os dedos pelos olhos.

A Mauricia não descançou em perguntas emquanto o Brandão teve um pormenor para contar.

Deliciava-se com a narração que lhe animava as esperanças de casar com o Silvedo.

Lambia-se com a pontinha da lingua, como se tivesse nos beiços o resto d'uma assucarada gulodice.

Planeava o meio de tornar a empurrar o delegado para casa da Laura.

Justificava intimamente a resolução com o anexim — «agua molle em pedra dura tanto bate até que fura.»

E punha em pratica o plano animando o doutor:

— Mãos á palmatoria. Dou o dicto por não dicto. Em virtude do que me conta creio na sinceridade das palavras da Laura. Repita as visitas, não a deixe, olhe que os amores são como as castanhas assadas, amaciam quando se mexem, endurecem como carvões quando se lhes não dá volta.

O Brandão ouvia mas não se convencia. Despediu-se, e apreciando, rua fóra, as palavras da Mauricia, não se conformava com ellas, considerava — «se lá vou por asno torno a voltar por tolo».

Tinha d'estes clarões a intelligencia do doutor.

*

* *

Na villa corria intensa, pormenorisada, a noticia do delegado ter pedido a Laura em casamento.

Mencionavam-se condições d'escriptura, indicavam-se nomes de padrinhos e até dia de bodas.

No tribunal, entre a audiencia ordinaria e o serviço orfanologico, no gabinete, emquanto se fumava, o juiz aventurou, para saber:

— Parabens, collega. Com que então, está-se noivo!

O delegado não se atreveu a uma resposta decisiva, esboçou um sorriso enigmatico, deixou o juiz em maior incerteza:

— O que fôr soará.

XXI



outono vinha chuvoso. Em principios de outubro já se conheciam bem os serões.

Os dias nublados, sem crepusculo, findavam n'uma passagem directa, immediata para a noite.

Augmentava a concorrencia no club.

Na sala de leitura generalisou-se a conversa sobre os javardos que desciam da serra e vinham, arrogantes, descarados, até aos soutos comer as castanhas, cahidas dos ouriços, já arreganhados.

Desfaziam os comoros nas presas onde vinham chafurdar, e a agua extravazava nas margens, alagava terras de centeio, já semeadas.

Os olivaes e os montados ficavam varridos, de noite, sem bago no chão. Vinham até ás portas dos casaes os solitarios — «grandes bichos de dez arrobas».

O Silvedo lembrou uma montaria bem organisada — «para lhes acabar com a raça. O administrador do

concelho applaudiu, e outros, mais enthusiasmados, fizeram o programma, escolheram dia.

A propriedade escolhida pertencia á Laura Carvalhosa.

O administrador ficou encarregado da execução do programma.

Pediu á Laura a casa chamada *do matto* mandada construir pelo Carvalhosa para os caçadores do tempo d'elle passarem a noite. Ficava no meio do casal, onde a brenha era mais densa, já perto dos covis.

A Laura promptificou a casa, a matilha, e um velho creado — «batedor de fama n'aquella meia duzia de leguas em roda» — E declarou que tencionava ir á montaria para estrear uma espingarda que lhe viéra d'Inglaterra.

*

* *

Oito dias depois realisava-se a batida.

A Laura e o Soares foram dormir a outra propriedade, a trez kilometros da *casa do matto.*

O chuveiro miudinho ennevoava a noite, punha as arvores a escorrer.

Os sons ouviam-se a grande distancia bem conduzidos na atmosphera calma e humida. A matilha a ladrar nos montes, a agua a despenhar-se no assude da ribeira, a raposa a regougar com fome, longe, a

muitos kilometros, ouviam-se como se sahissem do pateo da *casa do matto*, onde já estavam os caçadores.

Entrou um retardado — feitor d'um marquez residente em Lisboa, com leguas de montados e campos de seara n'aquelles sitios — atirou com o capote para cima d'uma cadeira, e praguejou:

— Um raio parta a cacimba que entra até aos ossos.

Chegou-se para o lume, ateado na larga chaminé, lambendo com chammas inquietas pernadas e troncos de velhas azinheiras.

Os caçadores faziam-lhe roda, algaraviavam anedoctas e peripecias de batidas.

Para dentro havia outras casas com tarimbas cobertas de colmo de centeio para a dormida. Ainda ninguem se deitára.

O cura da aldeia proxima, destemido «uma boa espingarda» embrulhado na larga manta hespanhola, longe da fogueira, gritou para o Sìlvedo:

—Olhe-me esse café, se lhe deixa entrar o fumo tem que o beber.

— Não era pequeno o castigo porque só por castigo beberia a tisana mesmo sem fumo. E vêm homens de café para a caça dos javardos.

E, para salientar o zombeteiro protesto, levou aos beiços e empinou o cantil da genebra.

O padre, bonacheirão, galhofeiro, respondeu no mesmo tom faceto:

— Basta o café para quem veio só para disputar

ao diabo a alma dos que se deixarem anavalhar pelo javardo.

Ainda que o diabo não ia rico com a presa.

O senhor Florindo atiçava o lume, não perdia o dialogo, entremetteu-se:

— Antigamente esse serviço fazia-se com agua benta, e agora, pelo que se vê, é com café. Em vez de caldeirinha e hyssope vamos ter tigela e colher. Não pára em aperfeiçoamentos o anthropoide desde que se fez racional e theologo por cima.

Um côro de gargalhadas, vindas d'outro grupo, abafou a replica do cura.

Riam d'ouvir um velho lavrador, rico, de nobres prosapias, todo vestido de pelles de carneiro, com abotoaduras de moedas de dois tostões. Contava elle:

— Corri um dia inteiro serras e campinas d'espingarda engatilhada, sem que os podengos e os perdigueiros levantassem peça de penna ou de pello.

Já quasi á noite salta uma lebre. Enthusiasmo-me, atiro com a espingarda para o chão, descalço as botas e deito-me a correr atraz d'ella.

O Salustiano — o do *Brado Solemne* — viéra para fazer a chronica. Ceára com o Silvedo, bebera de quasi todos os cantis, e fumára de todas as cigarreiras E não levava frasco á bocca nem fazia cigarro que não desdenhasse da bebida e do tabaco — «tudo mau e até lhe parecia impossivel que gente d'aquella ordem bebesse mixordias e fumasse folhas d'alface»

Depois da ceia puxou uma mesa para o meio da casa, limpou-a com um jornal, tirou do bolso do largo capote, á cavallaria, dois baralhos de cartas, pousou-as sobre a mesa, sentou-se-lhes de fronte.

Baralhou, cortou, tirou quatro cartas, duas por cima e duas por baixo, estendeu-as na mesa, umas ao lado das outras, duas a duas, voltou o baralho na palma damão esquerda, lambeu a ponta do indicador da mão direita, preparou-se para puxar a primeira carta e convidou os da roda:

— Vou jogar.

— Acercaram-se os pontos. O padre foi dos ultimos, ficou atraz, estendeu o braço por cima dos hombros dos outros parceiros, atirou com um tostão para a mesa e gritou:

— Cêrco á dama.

E foi á fogueira accender um cigarro. Quando voltou ouviu dizer a um:

— Ganhou o cura.

E a outro:

— E' sempre assim quando cérca a dama...

O monte do dinheiro foi crescendo na frente do Salustiano, mas depressa os pontos rarearam.

Uns estenderam-se sobre o colmo na casa de dentro, outros dormiam sentados nas cadeiras, e ainda os havia estendidos no estrado da chaminé.

O medico — o sub-delegado de saude — conversava a um canto com o senhor Florindo, a quem perguntou intencionalmente, desejoso de saborear a resposta, referindo se ao Salustiano:

— Que me diz áquillo?

O pharmaceutico encolheu os hombros, e considerou philosophicamente:

— Come, bebe, fuma, apanha dinheiro, sem trabalho nem perigo. Aperfeiçoadissimo!

Olhe se o mano orango é capaz de se regalar com duas nozes sem fadiga por ter de as colher, sem arriscar a pelle por ter de as furtar.

*

* *

Vinha longe a manhan quando se ouviu fóra o toque da buzina, repercutido na serra, tornado para o valle, em duplicadas repetições, porque havia mais d'um echo na resonancia dos montes. Levantaram se os caçadores estremunahados. Ainda cheios de somno, esfregavam os olhos, queriam despertar.

Disputavam o alguidar da agua para se lavarem, recorriam aos cantis para se aquecerem.

Sahiram por fim e perto da casa encontraram a Laura com o Soares e os creados.

Vestia jaleca de pelle de lontra, collarinho sem gomma, fechado com botões d'oiro, em cadeia, saia curta de panno grosso, azulado, a bota de sola e vira, atacada ao lado, na cabeça um gorro de pelle de marta com fitas atadas na nuca, por baixo do cabello e á cintura a cartucheira de polimento afivelada em prata.

As mãos, enluvadas, descançavam, sobrepostas, na bocca do cano da espingarda.

Deslumbrava, dominava, com o varonil aspecto. E osattractivos femininos não se perdiam sob aquella attitude, antes mais fulgurantes se impunham.

Era o anjo da batalha, que se ia ferir, inspirando fé, esperançando victoria.

Era, ao mesmo tempo, o general capaz de aguerrilhar para uma revolta, contra crenças e leis, todos os homens, que a cercavam armados, e rendidos.

Até alli, á chapada das azinheiras, vinha de longe o mattagal cerrado a cobrir montes e planices, a dar coito aos javalis, depois do repasto nas chans arborisadas.

Os caçadores espalharam-se, tomaram posições marcadas pelos chefes da batida.

A Laura ficou perto, n'uma pequena encosta. Um regato ao fundo, e do outro lado o monte de matto, espesso, emmaranhado d'estevas, moutas e urzes.

O Soares não se afastou muito e o Silvedo tambem não ficou longe, na guarda d'uma vereda onde os javardos tinham deixado rasto fresco, bem visivel.

Não tardou que se não ouvisse o toque das buzinas e trombetas dos batedores, matto fóra, por todos os lados, em alarido atroador para afugentar os javalis na direcção das *portas*.

De quando em quando sahiam do matto coelhos e lebres espavoridas, em carreira doida, e, como era prohibido atirar-lhes, passavam por entre os caçado

res, ao alcance das espingardas, campo fóra, estendidas, galgando terra, até se poderem esconder no balseiro d'um vallado, ou na lapa d'uma barreira.

A Laura tirára as luvas, levantára a espingarda á altura do peito, sustentando o cano com a mão esquerda, engatilhando com a direita.

A' sahida da caça miuda sobresaltava-se, sentia subita vontade de lhe mandar um tiro, mas continha-se a tempo.

Os cães aproximavam-se a latir, ferozes, aguerridos, na perseguição de caça grossa.

Afrouxavam quando perdiam o animal perseguido e emquanto farejavam a procurar-lhe o rasto. Renovavam o ladrido, encarniçavam-se na arremetida, açulados pela vozearia dos batedores.

O matto ondulava, torcia-se, estalava com ruido. E quando parecia aproximár-se um javardo, quando a alguns se afigurava já vel-o sahir da brenha mattagosa, adeante dos cães, raivoso, feroz, na desesperada defeza, tudo se afrouxava, n'um cansaço de perseguição infructifera.

O javali podéra esconder-se n'uma depressão de terreno, tomava folego, d'orelha á escuta, prompto para outra correria á mais pequena desconfiança de novo ataque.

Os cães, com a pista perdida, arquejavam, de bocca aberta, a lingua de fóra.

Os batedores, irresolutos, indecisos, escutavam, procuravam com o ouvido o paradeiro da féra.

Nas esperas, os atiradores, insoffridos, desesperados, accusavam os homens da batida por fraquejarem na montaria, apesar de ser momentanea a intermittencia no furor da perseguição.

Logo se renovou a batida, os cães foram para deante, o javardo, desconfiado com a falta de segurança na guarida, safou-se em busca d'outra defesa.

Quando o viram a montaria ateou-se, resoou n'um alarido de desenas de vozes em grita.

Viu-se o matto ceder, quebrar, á abertura do caminho que o bicho fazia cortando a direito.

Ouviu-se o gannido d'um cão, em queixume de dôr, logo suffocado, porque o podengo, a dentes do avardo ficára sem vida, estatelado, com o ventre aberto a golfar as entranhas.

Aproximou-se o ruido violento, impetuoso, bravio, e do matto veio um pesado javali com as cerdas no ar, as presas compridas, recurvas, atafulhadas d'estevas, cobertas d'espuma ensanguentada.

O famoso solitario, com os cães no encalço, passou ao alcance da espingarda do Silvedo que lhe fez um tiro.

A bala roçou-o, feriu-o levemente, atiçou-lhe a ferocidade, não lhe pôz estorvos á correria. Subiu a encosta na direcção da Laura. Cego de furia, retraçava os carrasqueiros, deparados no caminho, fincava as unhas no chão, expedia para traz nuvens d'areia grossa, a zunirem no ar como chumbadas de tiro.

A Laura sahiu-lhe á frente, fez-lhe pontaria, mandou-lhe um tiro, e o javardo, com a bala no peito, grandioso na morte, como fôra na defesa, rolou, despenhou-se no fundo do valle, onde passava o regato, baqueando como gigante vencido, a morder a terra, a ensanguentar a agua.

O Silvedo, sem ter mão no enthusiasmo, victoriou:

—Bravo!

Foram vistos outros dois javalis, mas nenhum outro foi alvejado.

Os caçadores, reunidos, vieram fazer uma ovação á Laura.

Resoavam os vivas e as palmas, repetiam-se as felicitações.

A Laura não se ensoberbecia mas lisonjeava-se muito agradavelmente por se ver, na presença do Silvedo, victoriada, erguida a uma superioridade que a fazia digna de ser querida e amada.

Organisou-se uma marcha triumphal até á casa onde a Laura pernoitára.

Ia na frente em uma carreta, tirada a mulas, o javardo, estendido, de bocca aberta, a mostrar a grandeza das presas, como se quizesse mais exaltar a victoria de quem se arriscou a experimentar-lhes o gume e a ponta.

Seguia depois a Laura, acompanhada por todos os caçadores e homens da batida.

Tinha descido o nevoeiro, e as nuvens separaram-se como grandes cortinados abertos, para deixar

passar o sol, que tambem quiz associar-se ao triumpho, juncando a estrada de gloriosa luz.

A' porta de casa repetiram-se as acclamações.

A Laura sentiu-se verdadeiramente feliz porque viu o Silvedo entre a multidão acclamadora.

*
* *

De volta para a villa o senhor Florindo foi no carro do medico.

O doutor nunca perdia ensejo de ouvir o pharmaceutico, apreciava-lhe a originalidade das opiniões, provocava-lhe os commentarios. Agora puxou-lhe pela lingua:

— Que me diz á heroina da montaria?

O senhor Florindo tirou o chapeo, dedilhou na calva, sorriu a sua ironia, e falou:

— O anthropoide racionalisou-se para falsear a missão dos sexos. Não procedia assim quando só era instinctivo.

Agora é o que se vê: a femea derruba feras a tiro, e o macho mata pulgas com estalidos d'unha.

Ella bate os bosques, elle esquadrinha a dobra dos lençoes e a pelucia dos cobertores. Olhe os manos — é enumerava pelos dedos — o gibon, o orango, o chimpanzé, o gorilla, caçam na floresta, defendem o lar emquanto as femeas amam, criam, afofam os ninhos, renovam lhes as folhas, e não arremendam as ceroilas, porque os maridos não usam roupa branca.

Não o racionalizassem que já o não estragavam. Tanto quizeram aperfeiçoar a obra que borraram a pintura...

XXII

s conversadores da pharmacia, do club e dos serões particulares, não se calavam com a montaria, não arrefeciam nos applausos á intrepidez e ao bom tiro da Laura.

Quando na pharmacia do sr. Florindo se referiam ás acclamações que o Silvedo fizera á heroina da montaria, o prior cruzava as mãos, palma com palma, conforme a liturgica regra do casamento e opinava:

— Estão aqui estão cá — no *conjugo vobis.*

E bom, pacifico, moralisador, completava, sinceramente satisfeito:

— Ainda bem, ainda bem. Antes assim.

O delegado não se atreveu a ir pessoalmente felicitar a Laura, mas não deixou de lhe enviar pelo correio este bilhete:

MARCOS J. BRANDÃO
(Delegado do Procurador Regio)

«presta a v. ex.ª a homenagem d'uma grande admiração, e lamenta não ser javardo, pois que sendo, como elle, vi-

ctima de v. ex.ª é mais infeliz do que elle porque vive ainda.

Melhor seria uma bala no coração d'um apaixonado infeliz, do que no peito d'um javardo.

Mas a Sorte é assim: mãe de porcos e madrasta d'homens!»

O bilhete foi para a caixa postal em sobrescripto aberto.

Os empregados do correio leram, riram-se, multaram a prosa, porque só levava sello de cinco réis, e divulgaram por toda a villa a sorte do porco consoante a opinião e a ortographia do delegado.

*

* *

Os echos da batida esmoreceram, abafaram, sob o ruido da festiva recepção do deputado, que vinha visitar o circulo.

Discutiram-se programmas, nomearam-se commissões para os executar.

— «Chegou finalmente o illustre representante dos independentes eleitores» — dizia o administrador do concelho, afadigado com os festejos.

O *Brado Solemne* publicou um numero unico, todo consagrado á solemnidade do dia.

N'essa noite houve espectaculo de gala, e na tarde seguinte revista agricola.

A' entrada do deputado no theatro, a orchestra tocou o hymno da carta, ouvido em pé por todos os espectadores.

Levantou-se o panno, um dos amadores dramaticos veiu ao palco e recitou a poesia intitulada — *Bem vindo sejas tu que és grande entre os grandes.*

O grande entre os grandes era o deputado, no entender do auctor da poesia, do artista que a recitava, e do presidente da camara que a applaudia freneticamente.

Seguiu-se a peça, já ensaiada quando o deputado annunciou a visita.

Era uma obra de propaganda democratica, inconveniente para a recita de gala official, mas não havia tempo de ensaiar outra.

Cortou a difficuldade o Salustiano do *Brado Solemne*, transformando scenas, substituindo falas.

Onde se dizia — democracia, partido democratico — passou a dizer-se — regeneração, partido regenerador.

No fecho da peça, na final apotheose da Democracia, devia apparecer sobre um globo, entre fogo de vivas côres, a figura da Liberdade, representada pela actriz mais plasticamente vistosa do grupo *Alumnos de Taborda*, que assim se denominava a sociedade dos curiosos representantes.

O Salustiano modificou o quadro, glorificando a Regeneração no logar da Democracia.

O contra regra apitou para a mutação, subiu o panno de fundo, e, em vez da actriz a empunhar o facho luminoso, redemptor, surgiu uma figura de

Fontes Pereira de Mello com um archote na mão direita e a ponta retorcida do bigode na esquerda.

O deputado applaudiu muito e chamou ao camarote o Salustiano «para o felicitar pela feliz concepção».

*
* *

A revista agricola fez-se no largo do mercado, confinante com o campo.

O gado e as alfaias agricolas dos principaes lavradores vieram passar na frente dos palanques armados para o deputado, para a camara, para as auctoridades, e para os expositores.

A Laura e o Silvedo estavam em cadeiras juntas.

Tinha-os aproximado um simples acaso na distribuição dos logares, feita pelos directores.

E, para não dar nas vistas, acceitaram as cadeiras que lhes offereceram.

Havia muito tempo que não estavam tão proximos, hombro com hombro, sentindo a mesma aragem a refrigerar-lhes as faces, afogueadas em repentino calor.

Lembravam se de tudo que lhes tinha succedido desde o ultimo dia em que se tinham falado.

Estavam perplexos, timidos, como antigamente dois namorados de quinze annos ao encontrarem-se pela primeira vez. Como antigamente... porque aos d'hoje, no dizer do senhor Florindo, «a timidez vai-se-lhes com a mamma».

Passaram as mobilias da abegoaria e os gados dos lavradores, e, no coice do prestito, por serem os mais opulentos, vieram os da Laura.

Por fim, a seguir aos bois manadios e jungidos, passaram os cavallos de sella á mão, e entre elles, e superior a todos, c *Lusitano* — o alter-real offerecido pelo Silvedo á Laura, depois da tourada.

Estava melhor, mais feito, sob um tratamento esmerado, cuidadosamente hygienico.

Quando o cavallo vinha proximo, a Laura voltou-se e encontrou os olhos do Silvedo pregados nos d'ella.

— O Lusitano.

Exclamou o Silvedo involuntariamente.

A Laura, enleada, desviou a vista para perguntar:

— Ainda o conhece?

— Não o podia esquecer porque me faz lembrar...

A Laura atalhou:

— A tarde em que tão completo foi o triumpho de vossa excellencia.

— Ou antes, tornou elle, o dia em que a belleza de vossa excellencia me prendeu e...

A Laura temia o assumpto, continuava a interromper:

— Já são ensossos para nós os galanteios.

— Quem os encetou?

— Eu não, volveu a Laura, porque não levavam esses intuitos as minhas palavras.

— Concordemos em que o crime fôsse só meu.

Mas deixe-me divergir no resto: foi-se-nos o tempo dos devaneios, mas chegou-nos a hora da affeição que deixou de ser um sonho para passar á realidade.

— Sonho d'uma loucura, realidade d'uma vergonha, tornou a Laura, mais dorida do que enfadada.

O Silvedo não retorquiu, a revista findava, e de todos os lados vinham lavradores e auctoridades cumprimentar a Laura pela rica exhibição que ella tinha feito de animaes e machinas.

O deputado tambem veio, e, emphatico, importante, observou:

— Que a agricultura era, em Portugal, o celleiro da riqueza publica.

— D'onde comem e onde engordam os deputados e os ministros.

Accrescentou ao ouvido d'outro um lavrador velho, desilludido, farto d'impostos, de ministros e de deputados.

XXIII

XCITOU-SE o ciume, referveu o odio da Mauricia com a vista da Laura junto do Silvedo — «e a conversarem !» — como ella, a irman do prior, estarrecida, indignada, repetia no caminho de casa.

— «Era necessario — pensava a Mauricia — exgottar as ultimas forças, empregar os ultimos recursos, para acabar com aquella pouca vergonha»

Metteu-se no quarto, e, recorrendo ás habilidades proprias, foi escrever uma das suas cartas anonymas, de lettra pintada, em pé.

O Silvedo, no dia seguinte, á chegada do correio, abriu a carta desconhecida, e leu:

> «Depois de te voltarem as costas na estrada, depois de te humilharem e aviltarem com vergonhoso desprezo, expôem-te, como guloso de riquezas, n'um tablado, que serviu de patibulo á tua honra.

E' a paga de quem tudo engole para, a seu tempo, tambem engulir a herança do Carvalhosa.

....

A carta continuava, mas o Silvedo não acabou de a lêr, rasgou-a em mil boccados e atirou-a fóra, desesperado, desejoso de se poder desforçar, procurando, de conjunctura em conjuctura, descobrir o auctor do anonymo.

A toda a gente o podia attribuir menos á Mauricia.

Pensou, evocou motivos, adduziu razões, e ficou sempre indeciso, sem se resolver seguramente por qualquer nome.

Lembrou-se do Brandão mas não via poderosos motivos que lhe certificassem a presumpção.

Ficava anceando por qualquer facto que lhe desvendasse o mysterio.

Devia desprezar o anonymo, mas o anonymo mostrava-lhe que havia quem o julgasse capaz da indignidade de soffrer baixesas e affrontas a troco d'explorações de dinheiro.

Pois era a quem pensava assim que elle necessitava confundir, afastando-se, por uma vez, da Laura, evitando-a, esquecendo-a, recusando-a até, se ella se lhe offerecesse.

Quando encontrou o Brandão sentiu vontade de o esbofetear, conteve-se a custo por não ter a certeza de ver no delegado o auctor do anonymo, mas

não teve coragem de o cumprimentar, negou-lhe a mão, voltou-lhe as costas.

O doutor exultou d'alegria com a desconsideração, julgando-a originada em justificado ciume.

Foi ao encontro da Mauricia, á sahida da missa, approximou-se-lhe, alegre como um feliz, estendeu-lhe as mãos, apertou a d'ella, e, docemente amavel como nunca, explicou-se:

— Voga em maré de rosas a barca dos meus amores. O Silvedo, assombrado com a minha fortuna, voltou-me as costas, se ámanhan me bater é porque a minha felicidade é completa, incontestavel.

A Mauricia não cabia na pelle de contente porque compartilhava da fortuna sem receber parte da sova.

Só entrava, na sociedade, á divisão dos lucros, porque o total de riscos ia para a conta do consocio.

*

* *

O doutor, na pharmacia, referiu-se á desfeita, sorriu vaidoso, e accrescentou, vago, com mysterio:

— Desabafos, azedumes.

E cynico:

— Quanto mais violenta fôr a colera d'elle maior é a minha satisfação.

Esfregava as mãos, sorrindo sempre.

O senhor Florindo, quando o delegado sahiu,

passou a mão aberta, espalmada, por toda a calva, desde a nuca até á testa, e commentou:

— A este serve-lhe a attitude erecta, a fala, a razão, para pedir chicote como quem pede pão para a bocca. Aperfeiçoadissimo!

Este é homem e o mano gorilla é besta porque esfrangalha dignamente quem lhe ameaça a inviolabilidade do pello.

E ria:

— Hi... hi... hi. hi. hi...

*

* *

A Laura, separada de toda a convivencia, isolada na quinta, esperava tranquillamente que o Silvedo voltasse.

Mas protestava:

— Que não viesse sem lhe trazer a prova evidente d'um amor verdadeiro.

Que a procurasse por vontade propria e não para satisfazer as disposições testamentarias da mulher, ou para obedecer a preconceitos sociaes. Nunca acceitaria o casamento em legado, ou por obrigação. Amava, queria ser correspondida.

XXIV

AZIA dois annos que tinha morrido a Emilia.

Havia missa funebre, commemorativa. No meio das trevas da egreja, toda forrada de preto, tremuluziam os tocheiros em dois renques sobre as escadas do altar mór.

Boiavam em azeite, tristemente amortecidos, pavios de lampadas, suspensas no meio de sanefas, na frente dos altares.

Os Christos, esqueleticos, chagados, agonizavam nas cruzes, impunham o soffrimento, despertavam dó.

O Silvedo, acabrunhado, entristecido, todo de lucto, entrou com o filho pela mão.

Ajoelharam no meio da egreja, e o Silvedo, ao erguer-se, beijou o Armindo, puxou-o para si, acariciando-o.

Saudoso, lembrava-se da mulher: — «que grande martyrio teria sido o d'ella ao deixar para sempre o filho estremecido!»

Chorava a falta da Emilia como no dia em que a perdeu.

Revivia-lhe a saudade e era sincero o sentimento. Afinava-se-lhe a sensibilidade, tornava-se-lhe mais dolorida a alma porque andava maguada d'outra dôr, queixosa d'outra pena.

Mas não o conhecia o Silvedo, que tudo levava á conta de tristezas da viuvez.

Entretanto era a perda da Laura que mais lhe fazia sentir a morte da Emllia.

E não tinha elle a consciencia do paradoxo!

O Armindo agarrou-se-lhe ás pernas, olhou-o attentamente, e, como lhe visse lagrimas, supplicou-lhe, meigo, terno:

— Não chores, pae:

N'esse momento o padre, revestido de rôxo, seguido do acolyto, chegou aos degraus do altar, fez profunda reverencia e o signal da cruz:

— *In nomine Patris, Fillii, Spiritus Sancti. Amen.*

Poz as mãos junto do peito e principiou a antiphona:

— *Introibo ad altare Dei.*

O orgão encheu a egreja de notas vibrantes, que logo cahiram n'uma harmonia dolente, gemida.

Os ouvintes estremeceram aos primeiros accordes, inesperados, sonoros, mas logo a lugubre toada os aquietou na concentração de oppressiva tristeza, no recolhimento de constrangedora saudade.

O Armindo, attrahido pela musica, olhou para o

orgão, ornado d'anjos rechonchudos, nacarados — uns com as bochechas cheias a assoprarem compridas trombetas, outros com os bracinhos roliços, as mãos papudas, a tangerem lyras e alaudes, e todos com as azas douradas, abertas por entre nuvens brancas.

E como o Silvedo muitas vezes dizia ao Armindo — «que os anjinhos tinham levado a mãe» — elle agora perguntou:

— A maman?

O pae apertou-o nos braços, e, a chorar, segredou-lhe:

— Está no céo.

Os olhos da Mauricia, ajoelhada n'um altar lateral, quando se voltavam para o corpo da egreja, envidraçados nos oculos, luziam como pupillas rutilantes d'ave nocturna á espreita de appetecida presa.

O Soares extranhava o exagero das lastimas do Silvedo.

Notava — «que o não vira tão queixoso no primeiro anniversario, commemorativo da morte da mulher».



A Mauricia, á sahida da missa, foi visitar a Laura. Entrou, explicou o motivo da visita:

— Ha muito tempo que não via a minha boa amiga, fui á missa por alma da D. Emilia, estava na

rua, com a mão na massa, como se costuma dizer, aproveitei a occasião e o dia, que está a convidar.

D'ahi a pouco entrou no assumpto que verdadeiramente a tinha levado:

— Custára-lhe a andar o caminho porque sahira da egreja muito incommodada com as lagrimas do Silvedo. Tinha sido de mais, déra nas vistas de toda a gente, nunca se vira uma coisa assim.

E quando se agarrava ao filho? Cortava o coração mais duro, era de fazer chorar as pedras!

A Laura contorcia-se, mordia os beiços, concertava os cabellos, inquieta, n'uma evidente manifestação de mal estar.

Entendeu-o a Mauricia e mudou de conversa. Tambem não se demorou porque o fim estava cumprido e a frieza da Laura chegava a ser injuriosa.

A Mauricia, quando se viu na rua, respirou como se sentisse livre d'um grande perigo. Andava ligeira, sem olhar para traz, e rosnava:

— Ficou como uma bicha assanhada. Vi geitos de me agatanhar.

Mas consolava-se com o bom resultado do trabalhinho:

— Se lh'o não dissésse podia não o chegar a saber As cartas anonymas já são arriscadas.

A Laura, irritada, nervosa, atirou-se aos braços d'uma poltrona, deu largas á colera reprimida:

— Não a estrangulei! E teve a audacia de vir falar-me em um assumpto que o mais melindroso dever lhe prohibia tocar, e teve a estulta presum-

pção de se julgar digna da minha confidencia, e a impudicicia de se julgar auctorizada a ouvir-me as queixas!

Ainda assim se foi a mais atrevida não foi a mais culpada. Outros como ella o ouviram, e se riram de mim.

A culpa maior é d'elle, que me sujeita a estes vexames, que me arrasta a estas baixezas.

Levantou-se enraivecida, continuou mais indignada:

— Tudo, tudo lhe perdoarei, menos a humilhação do meu nome no confronto que intencionalmente insinua a todos que lhe ouvem o elogio da mulher.

Sahiu da sala, veio tomar ar para a janella, ver o que se fazia na quinta — «para acolher ensejo de ralhar fôsse com quem fôsse, para ver se assim acalmava os nervos».

Appareceu o Soares. Vinha da villa, onde se demorára em negocios da casa depois da missa.

A Laura gritou-lhe com um dos gestos de mando, que o Soares conhecia como indiscutiveis:

— Mande metter o Lusitano á carroça para ir buscar agua ao chafariz da villa.

O Soares, espantado, abriu a bocca e os olhos, não deu troco, foi mudar de fato.

Já em casa apertou as mãos na cabeça, e lembrando-se tambem dos exageros do Silvedo na egreja, não lhe permittiu a paciencia que não exclâmasse:

— Cada vez mais doidos!

PARTE SEGUNDA

NO PAIZ DAS ARRUFADAS

A' memoria

DO

Dr. Manoel dos Santos Mello da Cruz

XXV

EZESETE d'outubro, madrugada.

O comboio de Lisboa atravessava a ponte do Mondego.

*

* *

Coimbra, sob um docel de bruma, tinha nas nuvens a cabeça, vaidosamente coroada pela universidade, e os pés nos salgueiros do rio — exquisito tapete de areias refulgentes, incrustadas de largos arabescos, feitos d'agua, emmoldurados de folhagem, variegada de tonalidades verdes, que se retingem, e e descoloram ao sabor das inconstancias do tempo.

As lavadeiras estendiam a roupa no areial, cantavam paixões saudosas, postas em rima e musica pelas engommadeiras da alta, durante as ferias grandes.

O Mondego ia por entre os arvoredos do choupal não menos saudoso do que as engommadeiras — saudades d'amores, que, havia mais de tres mezes, não ouvia jurar, saudades de juramentos, que, havia mais de tres mezes, não via cumprir.

Quando nas sombras do choupal os rouxinoes emmudeciam por lhes esfriar o affecto, ficavam os bandolins, cantando paixões que medravam sempre, porque não necessitavam do estimulo vivificador da primavera.

Só em ferias grandes não havia cantores, porque os rouxinoes ficavam mas não amavam, e os trovadores do bandolim amavam, mas iam-se a outras paragens dizer o que no choupal tinham sentido, e, ás vezes, chorar o que lá tinham amado.

N'aquelle anno o outono correra quente e secco, e, na larga praia, havia ainda barracas de banhos, e no meio de todas, a do Godinho, com a bandeira no topo, e por cima da entrada, em taboleta vistosa — *Ás Nymphas do Mondego. Iscas á Lisboa.*

Este Godinho concorreu muito para desacreditar a descendencia do Mondego.

No tempo de Camões o poetico rio tinha filhas que, chorando, faziam fontes, *«em que a agua eram lagrimas e o nome amores.»*

No tempo do Godinho as pobres pequenas vendiam figado de vacca á moda de Lisboa, e, cantando, abriam pipas, em que o vinho era carrascão e o nome Bairrada.

Muito utilitario o seculo dezenove.

A essa caracteristica influencia da epocha nem as filhas do Mondego resistiram.

Descredito das filhas e não do rio que continua sustentando dignamente a fama de honrado inspirador de poetas.

A nodoa cahe no melhor panno...

Quem n'este caso diz honrado, refere-se-lhe á probidade profissional, que elle nunca maculou com attractivos de emprestimo, ou adornos d'ultima moda.

Foi sempre o que alli está — encantador de bellezas proprias, naturaes.



O comboio parou pouco adeante, na estação, fóra de portas.

Abriram-se as carruagens e as salas d'espera, e na gare, d'ambos os lados, confluiu gente em confuso borborinho.

Das salas vieram conductores de carros com grandes alaridos d'offerecimento:

— Carro para a alta, carro para Samsão.

E no meio de todos o França, d'aspecto serio, gravidade de conselheiro, abdomen rotundo, ponta de charuto eternizada no canto da bocca, conscio da superioridade do nome, annunciava-se simplesmente, sem espalhafatos:

— Cá está o França.

Das carruagens desciam estudantes de todos os annos e de todas as faculdades.

Os conductores e os carregadores dos carros desfaziam-se em cumprimentos:

— Senhor doutor como está vossa excellencia?

E tiravam-lhes das mãos rolos de mantas e capas, pertadas em correias.

Dos estudantes uns entregavam senhas de bagagens, ajustavam carro para a alta, outros iam no americano até Samsão, ou até ao Arco d'Almedina, e confiavam as malas ao Quatorze, alto, desengonçado, bonnet de tira vermelha e letras de metal no distinctivo de carregador do americano.

Se via caloiro, desbonnetava-se:

— Senhor doutor.

E sorria ironico, piscava o olho maliciosamente para os da universidade.

D'esse comboio desceu o Armindo — o filho do Fernando Silvedo — que vinha para o segundo anno de direito, e com elle um companheiro de casa — o João de Matos, quintanista da mesma faculdade.

Eram da mesma provincia, concelhos differentes, pouco distantes.

O Matos, de cabelleira preta, anelada, cantos de testa largamente abertos, o bigode pequeno, negro, de pontas erguidas, tinha exterioridades de artista.

Fazia boas quadras para a sua guitarrá, escrevia primorosas chronicas para os jornaes, e enfileirava á direita dos bohemios do seu tempo.

Alem do Armindo tinha por companheiros de casa o Santos Mello [1] e o Eduardo do Valle. [2]

O João de Matos, no anterior anno lectivo, tinha vindo de férias de Paschoa apaixonado pela mais formosa rapariga da sua aldeia — a Maria da Soledade.

1 Morreu delegado em Villa Real de Traz-os-Montes.

2 Medico em Lamego.

Descrev a-a aos companheiros como o exemplar mais completo e perfeito do typo das morenas, rigorosamente apurado, conforme as exigencias estheticas que lhe dizem respeito.

—«Honesta, mas pobre; apezar de aldeã tem a linha, está alli o estojo d'uma princeza».

Rematava-lhe sempre assim os elogios.

No fim das ferias grandes, quando o Santos Mello já sahia para Coimbra, recebeu em Santa Eugenia ([1]) uma carta do João de Matos.

Leu-a no carro:

....

«Vai commigo a Maria da Soledade. Chego no primeiro dia d'aulas, simples e unicamente porque talvez chegasse tarde indo no ultimo.

Não tenho coragem para deixar as sombras enramadas e floridas da magestosa cathedral, onde as aves cantaram o epithalamio das minhas nupcias, e o perfume dos fenos incensou os cabellos da minha noiva, que era pura e immaculada como uma pomba á sahida do ninho onde nasceu.

O vento balouçou os thuribulos, e o sol — o velho pontifice — irradiou sobre nós a benção da sua luz.

(1) Terra do Santos Mello, proximo d'Alijó.

A natureza ha de ser sempre a generosa mãe dos desherdados!...

Vou tão pantheista, que até tenho fé de converter á minha fé a religião do Pita. .

É controversia para quatro sebentas.

E a minha Maria da Soledade?!

Quando destrança o penteado, atira com os cabellos para as costas e surge da escuridão tão radiosamente bella como a lua d'Agosto ao romper nuvens d'uma tempestade.

Se lhe elogio a bocca, a que chamo o meu pequenino cofre de jaspe nacarado, accrescenta ella a rir — onde eu guardo as joias dos teus beijos.

Deliciosa a Maria da Soledade.

Não sei onde, em Coimbra, a hei de guardar.

Queria uma grande redoma de crystal. Lembro-me da grande estufa do jardim botanico.

Que dizes?

Alli, sob os cortinados de largas folhas de bananeira, podia fazer-lhe um leito de fetos, com almofadões d'orchideas.

Depois lá iriam o Alfredo da Cunha ([1]), o Eduardo de Macedo ([2]), o Manuel

1 Director do «Diario de Noticias».
2 Advogado em Santo Thyrso.

Gaio [3], cantar, á beira do leito, o amoroso influxo do olhar d'ella, como d'antes iam outros poetas á Lapa dos Esteios cantar, na primavera, a força que faz resurgir as seivas, desabrochar as flôres, e gerar os fructos.

....

O Santos Mello encheu o carro, em que já vinha para Coimbra, com uma das suas retumbantes gargalhadas.

E ficou a arder em desejos de conhecer a Maria da Soledade.

Foi por isso á estação esperar o João de Matos.

Effectivamente com elle vinha a Soledade, com a farta cabelleira crespa embiocada n'um lenço de seda branca, o meio corpo envolto n'um chaile preto de tecido fino.

O Santos Mello encontrou-os no meio da gare, abriu os braços ao Matos e ao Armindo, numa franca e larga expansão d'amisade.

Era prodiga e generosa em tudo a alma do Santos Mello.

A magua fazia-lhe verter correntes de lagrimas, como a alegria lhe provocava explosões de gargalhadas, e a affeição enternecimentos de carinho e dedicações de sacrificio.

Atravessaram a estação.

3 Secretario da Universidade. Todos poetas do curso formado em 1885.

O João de Matos e a Maria da Soledade entraram para o americano. O Santos Mello, que ficára com o Armindo na plataforma, quiz saber:

— Temos romance?

— Até um rapto, para nada lhe faltar.

— Já a conhecias?

— Não.

— O Matos disse-me que era tua vizinha.

— De concelho. As terras differentes, afastadas umas leguas.

— O Matos dizia-a honesta...

— Não sei, nem pelo nome a conhecia. Mas — tudo é emquanto não deixa de ser — Assim philosophava o Alves de Souza, quando no lyceu nos ensinava logica.

O americano chegava á fabrica do gaz.

O Armindo com o braço estendido, o cigarro a luzir entre os dedos, apontou a alta chaminé, empennachada de fumo, e, modificando decorosamente o dicto d'um bohemio notavel n'outra geração academica, juntou ao gesto:

— Ahi o temos, como ha tres mezes — o canudo do progresso a furar o infinito.

O carro entrou na Sophia. Por cima das portas havia taboletas, renovadas em ferias, pintadas de fresco, com lettras e emblemas vistosos.

Do lado direito sobresahia a do escriptorio do Natividade, pintada de carros e parelhas, desde a antiga mala-posta até ao moderno carro, luxuoso, para visitas.

Do lado esquerdo a do café madrileno, da Dolores — uma hespanhola gorducha, de carnes brancas, espapaçadas, os peitos retezados nas fórmas do espartilho

Vivia com uma irman mais nova — a Micas — com a mãe, e com um hespanhol velho, que passava os dias a dormir, estirado n'um banco, regalado com os lucros do commercio.

Havia por lá, de quando em quando, desordens de ciumes com epilogos de facadas.

Mais adeante, quasi a entrar na praça de Samsão, um em frente do outro, com as taboletas tambem renovadas, annunciavam-se os dois barbeiros rivaes — o Thomaz e o Leitão.

O Thomaz — calvo como um S. Pedro, os bigodes fartos, grisalhos, de general, a sobrecasaca correcta — tinha para todas as pessoas, que lhe paravam á porta, o offerecimento prompto, inalteravel:

— Queira entrar, sentar-se, estar á sua vontade.

Homens do gaz, de chambre azul, bonnet d'oleado, apagavam a illuminação.

Do Terreiro da Herva vinham noctivagos, embuçados nas capas, com a guitarra desafinada, de cordas bambas, frouxas de cançaço, depois de gemerem uma noite inteira.

O americano parou á entrada da praça, proximo dos paços do concelho, para o correio tirar as malas. O distribuidor, que as veio buscar, reconheceu os dois estudautes, pensou nas consoadas, e cumprimentou-os risonho:

— Senhores doutores.

Rapazes assaltavam o carro, offereciam-se para levar malas á Alta.

Para os lados da cadeia, na direcção do mercado, passavam mulheres do campo, com as saias levantadas até quasi ao joelho, refegadas com uma cinta á altura da barriga; os pés nus, calosos, cascudos; os peitos lassos, bambaleados, soltos dentro do corpete de chita; os cabellos cortados por cima dos hombros; a capa de panno azul, curta, muito redonda, traçada por baixo do braço; e á cabeça a canastra da hortaliça, dos queijos e da fructa.

As do leite ficavam em Samsão á porta da camara com as bilhas e as medidas mettidas na cesta, á espera da freguezia.

O conductor puxou a correia da campainha, deu o signal de nova partida; o cocheiro fustigou a parelha; as mulas fincaram as ferraduras na calçada, estenderam-se, esticaram os tirantes, arrancaram o carro.

Na rua do Visconde da Luz a lanterna do *anda a roda* annunciava a proxima loteria.

O Santos Mello, ainda na plata-forma, voltou-se para dentro do americano, bateu nos vidros da porta, chamou a attenção do João de Matos, gritou-lhe apontando o *anda a roda :*

— Cá está como d'antes, refractario aos progressos.

O Armindo, tambem fóra, accrescentou para o Santos Mello:

— Se o civilisarem rezem-lhe por alma. E' o unico capaz de receber dignamente os antigos freguezes do *Homem do Gaz*, e da *Maria Camella.*

Se ahi viessem esses bohemios, e lhes mostrassem as salas estucadas, os espelhos, os creados, as porcellanas e os crystaes dos modernos cafés, fugiam espavoridos...

— A' procura de Coimbra.

Concluiu o Santos Mello.

O carro parou no Arco d'Almedina, em frente da loja do Pombar.

Houve novo assalto de garotos a offerecerem-se para levar as malas.

Sahiram os quatro — o João de Matos adeante com a Soledade pelo braço, atraz o Armindo e o Santos Mello.

Levavam as malas de mão rapazes descalços com a grenha a sahir-lhes hirsuta pelos buracos do barrete, a camisa aberta em frangalhos, as calças arregaçadas, a ponta do cigarro pegada nos beiços viscosos, amarellecidos pelo tabaco que já fôra d'outros cigarros e d'outras pontas.

O Santos Mello e o Armindo entretinham-se a relembrar os moradores d'aquelles sitios que *davam sorte.*

Ao fundo do Quebra Costas, a voltar para a rua das Fangas, o Santos Mello apontou para a velha pharmacia:

—Cá está um. Pergunta-lhe se vende almondegas de palha de centeio.

— Não cahirei n'essa. O pobre hervanario tem o somno leve, e de bronze o braço do gral.

Mais adeante, na Rua do Correio, era o Sá *dá cá o olho*, porque tirára um olho a um burro.

Ao cimo do Quebra Costas o relojoeiro que não podia ver na rua a sangue frio um monoculo.

Passava a vida a examinar relogios, de monoculo no olho, dentro da vidraça, como uma figura de cera automatica, na exposição de uma vitrina.

Os estudantes para lhe fazerem *dar sorte* paravam, olhavam cá de fóra, tambem com monoculos de papel. E adeus relogios, que iam para o chão, emquanto o banco vinha porta fóra pôr em debandada os do monoculo.

Entravam na rua dos Coutinhos. A Maria da Soledade queria entender o que dizia o Santos Mello. — «O que era *fazer dar sorte?*»

O Matos explicava:

— Olha, por exemplo : á noite, muitos estudantes com a capa pela cabeça, vão alli acima, á rua das Covas, e gritam á porta d'um carvoeiro — O', Peças! — o homem vomita improperios, roga pragas, e aponta aos rapazes um bacamarte que elle diz estar carregado desde o tempo de D. Miguel.

— E não teem medo d'uma desgraça ?

Interrompeu a Soledade.

O Matos riu-se, continuou :

— E os rapazes respondem-lhe em côro, n'uma só vóz :

— O', Peças, larga o bacamarte.

*

* *

Estavam á porta, em frente da pharmacia da Misericordia.

Receberam as malas, regatearam o preço do frete, e os rapazes, depois de receberem o dinheiro, continuavam a pedir:

—O', senhor doutor, mais um vintensinho.

E um mais velhaco, a sorrir malicioso, lamuriava junto do Matos.

— Mais dezreisinhos pela saude da senhora.

O Armindo riscou phosphoros para alumiar a escada emquanto subiam.

A Soledade amedrontava-se com a escuridão, apertava o braço do Matos, cingia-se-lhe ao corpo.

Chamaram e d'ahi a pouco appareceu com um candieiro de petroleo a servente — a Tansa — uma enfezada, ainda nova, amarellenta, baixa, entrouxada n'um chaile grosso, cruzado no peito, com as pontas atadas nas costas, os pés a arrastarem uns chinelos de liga, acalcanhados, sem côr definida.

Reparou logo na Maria da Soledade, mirou-a de alto a baixo, espantada com a hospeda, que não esperava.

O Armindo abraçou a Tansa, festejou-a:

— Ora viva a rainha das serventes. Estão a dever-te um sarau commemorativo quando queiram negar-te um monumento.

O Santos Mello completou:

— Encommenda-se o sarau ao Costa Macedo. (1) No anno passado fez tantos que deve ter exgottado o reportorio dos commemorados.

A Tansa cahe-lhe na estrada das glorificações como sopa no mel. Grande achado!

E encheu a casa com uma das suas estrondosas gargalhadas.

Recolheram-se aos quartos.

O Matos recommendou á Tansa :

— Chama-me ás nove. Almoço no quarto quando vier da universidade. Não me demoro porque os lentes não nos dão hoje a honra da douta prelecção.

Quando chegaram ao quarto a Maria da Soledade sentou-se em cima da cama, atirou para longe o chaile e o lenço, e, por entre lagrimas, lamentou-se:

—Era a maior infeliz que Deus tinha deitado a este mundo. Tanto queria ao seu João e elle, em paga, trouxe-a para uma casa de estudantes, de gente sem vergonha.

Estava a lembrar-lhe a sorte da Joaquina da Eira que tambem fugira da aldeia com um sargento da tropa, para voltar corrida, enrodilhada, como um farrapo.

Que para isso mais lhe valêra a morte.

O Matos sentou-se-lhe ao pé, passou-lhe o braço

(1) Advogado em Santo Thyrso.

pelo pescoço, puxou-a para si carinhosamente, beijou-a nos olhos, quiz tranquillisar-lhe o animo:

—Socega, ninguem aqui te faltará ao respeito.

A Soledade insistia:

— Queria estar só comtigo, longe de toda a gente. Para viver bastava-me o teu affecto.

— O teu amor e uma cabana...

Disse o Matos a rir. Aonde issso já vai! Os romanticos foram-se com a carestia da vida. Acabaram logo que a vacca de primeira, para bifes, principiou a custar dezoito vintens.

Levantou-se, principiou a despir-se, passeando no quarto. E continuou:

— Era bom, era. Tambem gostava d'uma casinha com o nosso arranjo. Mas a mesada é pequena, e meu pae devolvia-me a conta, sem pagamento, se eu lh'a fizesse pelo modelo das do Padinha. (1)

A Soledade, que tambem já se despia, interrogou, curiosa:

— O Padinha?

— Sim, o Padinha, meu antigo companheiro de casa, costumava incluir na conta das despezas, que o pae devia pagar, uma verba para sustentar dignamente a posição vertical que o Creador nos deu.

Já em camisa sentou-se n'uma cadeira a descalçar as botas, e, vendo na cara da Soledade signaes d'espanto, explanou-se mais:

—Eu te explico, filha: para mim a dignidade da po-

(1) Joaquim Pires Padinha, de Tavira. Frequentou o primeiro anno de direito.

sição estaria em constituir o lar, o fôgo, na linguagem administrativa, a casa inviolavel pela Carta Constitucional, com as nossas salas de visita e jantar, a nossa creada a receber as ordens da senhora D. Maria da Soledade, a senhora D. Maria da Soledade a tratar das roupas brancas, e o senhor doutor, no seu gabinete de trabalho, a digerir seis paginas de sebenta.

A Soledade, ingenua, acudiu de prompto:

— Quando teremos essa ventura?

— Brevemente, logo que eu apanhe a sorte grande, o que não deve tardar porque se o Creador, no entender do Padinha — que é um philosopho — impõe á creatura exigencias de dignidade, seria injusto, o que é absurdo, se á mesma creatura não désse meios para ella cumprir o que Elle lhe exige. Logo — olha que o Clemente do lyceu não deduz melhor — logo compra-se a cautela de seis, o Creador dirige a roda e eu... alugo a casa.

Metteu se na cama, estendeu-se, lençoes abaixo, junto á Soledade, e, descançado depois de uma viagem de toda a noite, saboreava a cama:

— Ah! a rabeca sabe-me hoje, que nem colchão de pennas sobre espiraes de molas. Não concordas, Maria da Soledade. Leio-o na tua cara. E' para que saibas que é sempre tremenda e dura a faina dos argunautas na conquista do vello d'oiro da sciencia. Isto ouvi eu a um decano na oração d'um capello. Não direi «sempre» porque o doutor que assim falou já se não lembrava das formosas sereias, que, como tu, cantam amor nos mares da Colchida do bacharelato.

São ingratos para as sereias os doutores, quando chegam a velhos.

XXVI

OVE e tres quartos na torre da Universidade; os sinos da Sé Nova, monotonos, enfadonhos, estão no badalar diario d'aquella hora; á Porta-Ferrea ouve-se a vozearia alegre dos do segundo anno.

O Armindo Silvedo sahira cedo, porque nem dormira a pensar na auctoridade que já tinha na Porta-Ferrea.

Fôra um salto muito sensivel a passagem do primeiro para o segundo anno. Via se investido de prerogativas que nunca tivéra, via-se com foros que nunca gozára.

O Santos Mello e o João de Matos, de capa e batina, as pastas de quintanistas debaixo do braço, vão sahir para a aula.

Ao cimo da escada mostraram as pastas á Soledade — a do Santos Mello bordada a matiz e oiro, a do João de Matos de coiro da Russia com o monogramma de prata.

A Soledade ria — «de ver o Joãosinho vestido de padre» —.

Lastimava não ter sabido bordar-lhe a pasta, e fazia protestos — «de, para o anno, por este tempo, saber tudo que é proprio de uma senhora».

O Matos, já no meio da escada, voltou-se para o Santos Mello a confirmar:

— Olha que é mulher para isso.

Foram rua dos Coutinhos na direcção da Sé Velha.

No chafariz as serventes enchiam os azados; o França descia da rua das Covas, aonde fôra deixar a mala d'um quartanista.

A Jacob, do bilhar dos Arcos, ruiva, sardenta, pequenina, vinha do Quebra Costas, encontrou-se com os dois em frente da loja do José Guilherme.

E, risonha, alegre como uma cotovia no tempo dos ninhos, festejou-os, annunciou-se e pediu:

— Ai, filhos, que aborrecimento de Coimbra sem a academia!

Moro na mesma casa, na Couraça dos Apostolos, onde teem uma brunideira ás suas ordens.

Agora quero um tostãosinho para o café.

Quando Santos Mello lhe dava o tostão approximou-se o França, qne não poude calar a inveja da concorrencia:

— Já ellas andam a dar-lhes volta ás massas!

A Jacob pagou lhe o troco:

— Sahe-te pelintra.

O França, sereno, com os dedos polegares nas

cavas do collete, o abdomen rotundo, espipado, importante, observou, sem se alterar:

— Em ferias ninguem as ouviu, agora cantam porque já teem musica.

E desceu para o Quebra Costas, bazofiando desprezo:

— Fartem-se que as levem mil diabos.

O José Guilherme veio á rua cumprimentar, fazer reclamo:

— Muito estimava vêl-os bons.

Tinha um presunto de Lamego e um vinho branco d'estalo...

Podiam entrar pela porta da rua dos Coutinhos por causa dos lentes, sempre alli mettidos a darem fé.

E apontava para a livraria do Pires.

Effectivamente havia lá doutores, e o Coelho de mathematica, barbeado como um bispo, andava, como sempre, a passear á porta, debaixo das arvores.

Mais acima, á entrada da rua das Covas, o Mesquita livreiro, janota, penteadinho, acenava da porta:

— Bem vindos, bem vindos sejam.

No principio da rua do Norte, o Leitão, do calçado, tambem veiu á rua para lhes falar:

— Muito folgava em os ver como pareciam, e em saber que outro tanto succedia ás illustres familias

Já tinha abraçado os seus patricios d'elle — Trin-

dade Coelho, [1] e o Norberto de Carvalho [2] tambem já no quinto anno, e muito bons rapazes não desfazendo nos que estavam presentes.

Na Porta-Ferrea, em duas columnas cerradas, os do segundo anno esperavam os novatos, e, quando entravam os militares para mathematica, marcavam-lhes o passo:

— Um, dois, um, dois, um, dois.

A' entrada zelava a ordem um archeiro — o Estopido — com a cara a justificar o nome, conquistado no habito de blasonar — «que os collegas eram uns *estopidos*, não liam os jornaes».

*

* *

Na rua os quintanistas estadeavam pastas bordadas por mãos de noiva em horas de suave encanto, quando a phantasia, atravez da delicada transparencia d'um veo d'esperanças, vê ao longe a risonha vida, que o amor enche de intensa luz sem macula de sombra, sem laivo de nevoa.

Quando não foi bordada pela irman ou pela mãe em horas de inebriante alegria por verem satisfeitos os desejos de tanto tempo e quasi findos os cuidados de todos os dias.

1 Delegado em Lisboa.

2 Conservador ou juiz em Bragança.

Da Universidade até á porta do club academico a rua, cheia d'estudantes, negrejava.

Trocavam impressões de ferias, calculavam o trabalho que lhes dariam os novos lentes, de quem contavam systemas, habitos e manias.

No meio da turba empregados de sapateiros, d'alfaiates, d'alquilarias, de restaurantes, de cafés, distribuiam prospectos e contas, em debito, do anno anterior.

Havia annuncios de tabacarias academicas, de barbeiros academicos, e de retiros academicos.

Diziam outros que abrira de novo uma casa d'hospedes e que se vendia a livraria d'um lente que morrera em ferias.

O Paixão, alfaiate, deixára a loja na rua Larga, e, em cabello, e a puxar pela pera, viéra até á esquina do theatro academico, ver os freguezes, pedir aos de Lisboa noticias da politica regeneradora, e do doutor Lonrenço.

O Adelino Barbosa (1) do terceiro anno, appareceu com um cão da Terra Nova, que trazia, a servir-lhe de colleira, um distinctivo de serviço na policia — a liga azul e branca do braço — achada na rua. Veiu um guarda e intimou o Adelino a comparecer no commissariado com o cão.

O Adelino, sem dar importancia ao guarda, interrompeu o cavaco para simplesmente observar:

1 Ex-delegado. Professor e advogado no ultramar

— Nãe vês que o cão está de serviço? Ao render da guarda lá irá.

O Rosalino Candido de Sampaio e Brito, de casaca, distribuia, com o ultimo numero da *Luz da Razão*, *O Diabo fechado na minha gaveta.*

Passavam lentes, os estudantes destraçavam as capas, e seguiam, atraz d'elles, em caminho dos Geraes.

O Santos Mello foi á bibliotheca abraçar o Bento — baixinho, vermelho como um rabanete, o solideu d'algodão sobre as melenas brancas, o sorriso constante, affavel, e o tratamento de tu para todos.

Notavel por elle e pela historia — por elle, porque era o Bento, original, inconfundivel, pela historia porque herdára de Joaquim Antonio d'Aguiar as casas e uma cadeira, que o Bento tinha na sala como uma reliquia, cuidadosamente tapada com uma larga coberta branca, que solemnemente tirava para as visitas — «terem a honra de ver a cadeira do grande homem.

O Mesquita ([1]) — o Pedro Penedo — alto, magro, ossudo, *olhos em guerra*, com a pasta debaixo do braço, explicava ao Raphael ([2]) — o Homem Terciario — como se podia beber d'um só trago uma garrafa de *gorgulho*.

1 Ex-delegado do procurador regio. Advogado em Condeixa.
2 Advogado em Mangualde.

Chamava assim ao vinho.

O Trindade Coelho sentado na escada da via Latina, em frente da sala dos capellos, escrevia o conto das Pombas.

O Agostinho Rego (1) e o Taborda Ramos (2) promettiam aos directores da philantropica cantar n'um sarau.

O Alfredo da Cunha aprazava local e hora de cavaco:

— Á tarde, no Largo do Caes, á porta da tabacaria do Vieira.

E não faltava, porque lá foi constante durante cinco annos.

O Rivara (3) e o Fevereiro (4) queriam ler no olhar do Rollão (5) prognosticos das aulas.

— «Fôra o olhar providencial, que, no quarto anno, os avisára das chamadas do Chaves e do José Braz» — diziam elles.

O Balthazar de Freitas (6) candido, modesto, pequenino, entrava nos Geraes com a timidez d'uma virgem.

O Thomaz Pizarro (7) esguio, sempre enrolado na capa, deslisava como uma enguia por entre os condiscipulos.

1 Advogado no Porto.
2 Proprietario na Beira Baixa, proximidades do Fundão.
3 Proprietario em Lisboa.
4 Morreu pouco tempo depois da formatura.
5 Juiz em Pombal.
6 Advogado em Benavente.
7 Director da Caixa Geral dos Depositos.

O Guilherme d'Amorim ([1]) apagava o cachimbo e punha em ordem na pasta o papel em que, durante toda a aula, escrevia á noiva.

*

* *

Deu a hora, subiram os lentes, e foram postar-se á porta das aulas, esperando a entrada dos cursos com a reverencia da praxe.

Houve pouca demora nas aulas, apenas o tempo necessario para os lentes dizerem: que seriam rigorosos na disciplina, e que ficavam prohibidas as sebentas.

Reviveu o movimento no pateo e na Porta-Ferrea.

E, por toda a cidade, d'ahi a pouco, se alastrou a mancha negra das capas.

Iam para o jardim botanico e paravam para cumprimentar a Clara — uma vendedeira de castanhas, de cabelleira loura, encaracolada. em cachos por cima das orelhas.

Acocorava-se atraz do assador, junto da parede dos Arcos, um poucoabaixo do lyceu, e vendia castanhas, sorrisos e beijos consoante as exigencias do freguez.

Iam para a baixa e paravam para cumprimentar a Dama das Camelias — uma florista, de pelle fina, rosada, cabelleira preta, em frizados.

1 Advogado no Porto. Fallecido ha pouco.

Sentava-se atraz da canastra das rosas e das violetas, no Arco d'Almedina, n'uma loja subterranea, cavada na rocha, como gruta d'onde sahira, por sortilegio de fadas, a encantada princeza das flôres.

XXVII

Armindo Silvedo foi almoçar com o Matos e com a Soledade. O almoço era ser-servido no quarto. O Matos e o Silvedo, n'uma alegre azafama, tiravam os livros de cima da mesa, estendiam a toalha.

O quarto era espaçoso, bem illuminado por janellas de sacada, d'onde se via a cidade baixa, o rio e o choupal.

Ao fundo ficava a cama com uma coberta de ramagem branca em fundo vermelho. Por cima da cabeceira, na parede, estava a guitarra, atravessada aos pés d'um retrato de Leão XIII, de tiara para a nuca, a sandalia na ponta do pé, erguido na pirueta do bailado, n'uma fogueira da rua da Trindade, conforme dizia o lettreiro em volta do pavilhão.

E escripto, a sahir da bocca do pápa — «e virou, ó, menina!»

Ao lado do leito, havia o *papagaio* de dois andares — o primeiro para o candieiro, e o segundo para o relogio e para o tabaco.

Na parede opposta duas tabuas suspensas, uma sobre a outra, amarradas com cordeis, faziam as estantes da bibliotheca.

No lavatorio de ferro, com louça de Coimbra, servia de saboneteira um testo que fôra de manjar branco, e d'estojo, para a escova dos dentes, um largo canudo de canna.

Do tecto, no meio do quarto, pendia uma lanterna, furtada n'uma noite d'esturdia, da frente d'um retabulo exterior da Sé Velha.

Era uma archeologica reliquia coberta do fumo dos seculos.

O Santos Mello costumava provar com dados rigorosos, scientificos, que já no tempo de D. Affonso Henriques uma coruja bebera o azeite d'aquella lampada.

A Tansa trouxe o almoço coimbrão, insulso, immudavel, em que sempre entrava um prato de bifes e ovos.

Na cabeceira da mesa ficou a Soledade, com um vestido claro, simples, justo, a delinear-lhe as fórmas, dignas de terem servido de modelo a um estatuario grego.

Os cabellos negros, encrespados, abriam-se ao meio em dois bandós sobre as orelhas; os olhos ainda mais negros, avelludavam-se-lhe nos transportes da meiguice, lampejavam-lhe nos arrebatamentos da paixão.

Encantadora timidez retrahia-lhe o modo, punha-

lhe na bocca, em logar de muitas palavras, um sorriso levemente esboçado.

O Armindo, absorto, olhava-a.

A Maria da Soledade ergueu os olhos, encontrou os do Armindo, estremeceu timidamente embaraçada, e, desviando a vista, olhou pela janella de sacada, aberta em frente da mesa.

Lá em baixo corria o Mondego, estendia-se a ponte do caminho de ferro, agitavam-se brandamente, em verdes ondeados, os salgueiraes, pendidos, a mirarem-se na agua.

O Matos, vendo-a presa em tamanha attenção, a olhar para fóra, sem se importar com o almoço, julgou-a encantada com o panorama, observou-lhe:

— Já vês que eu tinha razão quando te dizia que Coimbra era mais bonita do que a nossa aldeia.

— Não concordo — volveu ella.

— A quem dás o teu voto, Armindo?

— Não conheço a tua aldeia. Para votar hei-de ir vel-a quando te fôr visitar e á...

— Senhora D. Maria da Soledade, dize.

Acudiu o Matos a rir, quando viu o Armindo embaraçado com a conveniencia do tratamento.

O Armindo desculpava-se:

— Não me deixaste acabar. E' injusta a censura. Ninguem mais do que eu a respeita e considera.

— Has-de ajudar a lapidar o diamante porque grande valor terá n'esse trabalho a polidez do teu trato, a illustração dos teus conhecimentos, a virtude da tua alma.

— Pelo que ouço vou ser honrado com a nomeação de preceptor da princeza.

— Honrados somos nós, voltou o Matos, e por isso te fazemos mercê do titulo de leal conselheiro, como é do nosso real agrado.

— Para solemnisar o despacho pago hoje o ponche no *Anda a roda.*

A Soledade quiz saber o que era o *Anda a roda.*

— O *Anda a roda* é um misto de loja de mercearia, café, redacção de jornaes, retiro de poetas e prosadores.

Imagine um escuro corredor atulhado de pilhas de saccas de arroz e costaes de bacalhau.

E na tira, que fica livre, mesas de marmore, em fila, illuminadas pelo bico de gaz, a fumegar por baixo da tampa d'uma panella de lata, suspensa do tecto, a servir de pára-fôgo.

— E ao fundo, continuou o Matos, rindo-se da cara de espanto que fazia a Soledade, um cubiculo um pouco mais largo com o desafogo d'um jardim de dois metros quadrados, mettidos em altas paredes esverdeadas, que, a custo, deixam ver o céo.

A cada canto plantas estioladas, e ao meio a mesa de marmore, onde se escreveu a *Coimbra em fralda* (1) onde se fez a *Porta Ferrea,* (2) e o *Paiz das Arru-*

(1) Revista litteraria semanal que se publicou em Coimbra sob a direcção de Solano d'Abreu.

(2) Jornal academico publicado em Coimbra por Trindade Coelho, Santos Mello e Solano d'Abreu.

fadas [1] e onde abancam o Trindade Coelho, o Santos Mello, o Costa Macedo, o Eduardo do Valle, o Pinto da Rocha, [2] o Forbes da Costa, [3] o João Jardim, [4] o Silvestre Falcão, [5] o Antonio Fogaça, [6] o Carlos Braga, [7] o Sanches da Gama [8] e outros.

Nas paredes escreveu o Costa Santos — o Careta — [9] todo o seu poema do Xerez.

O Armindo atalhou:

— Uma rica collecção de sonetos, ouça este:

Quando eu morrer (por mal dos meus peccados
hei-de morrer me disse o cura um dia:)
cavai-me a cova solitaria e fria
perto de vós, amigos dedicados.

e erguei singelos cantos, magoados,
saudosa melancolica elegia,
aquelle que encontrou santa alegria
nos crystallinos copos adorados:

(1) Revista de acontecimentos de Coimbra feita por Solano d'Abreu e representada repetidas vezes no theatro-circo.

(2) Formou-se e voltou á patria — Brazil.

(3) Official do estado maior.

(4) Official de marinha.

(5) Medico no Algarve.

(6) Morreu quando frequentava Direito.

(7) Governador civil d'Aveiro.

(8) Professor do lyceu de Coimbra.

(9) De Leiria. Morreu delegado.

e se quereis ao vosso bom amigo
restituir a vida, aqui vos digo
qual o remedio: elle é efficaz talvez:

— deixai cair na minha sepultura
em logar d'agua benta... d'agua pura,
um copioso orvalho de Xerez!

— Ha mais, disse o Matos, e recitou:

Quando eu reclino ás vezes descuidoso
a minha fronte nos teus brancos seios
tremendo no mais doce dos enleios,
ao sentir seu calor delicioso;

todo accezo n'uns intimos anceios,
de oscular do teu peito os lyrios, cheios
d'um aroma suave e deleitoso;

pódes acreditar minha morena;
eu que te amo perdido, como creio
que se ama cá na terra uma só vez,

oh! sinto muita magua, muita pena,
de não ser cada poma do teu seio
— um odre precioso de... Xerez!

O Armindo voltou a informar:

— É no *Anda a roda* que no dia um de cada mez se bebe Champanhe com sandwichs variadas. De dois até quinze Collares com ostras. De vinte e sete a trinta cerveja da pipa com bacalhau cru.

E a alegria é sempre a mesma: quer estoure o espumoso vinho, quer gargareje o barril da cerveja e se desfibre a lasca do *fiel amigo*.

A Soledade a rir quiz saber:

— A que dias do mez pertence o ponche?

O Armindo esclareceu:

— A todos, mas varia na riqueza dos componentes, descendo gradualmente até á mais infamante degradação.

No dia um as passas d'Alicante sobrenadam no cognac louro como um topazio, appetitoso como a fulva cabelleira d'uma amante querida. No dia trinta a plebeia ginginha boia na aguardente reles, como olhos estourados de fadista assassinado em rixa de facadas. Um horrôr!

— Hoje... Ia a Soledade a perguntar.

— Hoje, interrompeu o Armindo, não a deixando concluir, a viva labareda ha de ter fulgurações divinaes, para illuminar em nossos corações a imagem da Senhora D. Maria da Soledade em honra de quem o licôr se queima, á saude de quem o ponche se bebe.

A Soledade, confusa, baixou os olhos, pôz-se a morder um pedacinho de queijo, a dentadas miudas, nervosas.

* *

Bateram na porta do quarto com o castão d'uma bengala e perguntaram de fóra:

— Querem vir?

— Não. Ainda é cedo. Entra.

Respondeu o Matos.

Entrou no quarto o Eduardo do Valle, vestido á *futrica*, fraque azul, collete de flanella branca, luva esticada, e a calça a cahir nas polainas côr de grão.

O Matos apresentou:

— A Maria da Soledade.

O Valle descobriu-se, a cumprimentar:

—Grande honra tinha elle em depôr aos pés da pudica donzella a homenagem dos seus respeitos.

A Soledade avermelhou, pôz os olhos no prato, para esconder as lagrimas, e, a custo, reprimiu um ataque de desespero.

O Valle notou lhe a perturbação, apressou-se, despediu-se:

— Não tinha tempo para o cavaco. Ia, como de costume: gosar o fresco olhar d'uma pessoa amada.

E foi-se com essas palavras que eram de todos os dias, á hora de sahir para a baixa, depois de jantar, em caminho do Largo da Portagem.

Logo que elle saiu a Soledade tirou o guardanapo de peito, arremessou-o para cima da mesa, fez tombar um copo de vinho que se alastrou n'uma larga nodoa, levantou-se desabrida, empurrou a cadeira e

atirou-se para cima da cama a chorar com a cara entre as mãos, e declarava:

— Que para aquillo é que ella não estava. Não viéra a Coimbra para servir de palito.

Queria dinheiro para o comboio. Voltaria para a aldeia, onde era feliz, onde todos a respeitavam, onde passava o dia trabalhando no tear, mas cantando sempre, alegre, sem coisa que lhe déssa pena.

O Armindo, espantado, e ao mesmo tempo compadecido, olhava para a Soledade e para o companheiro.

O Matos bebia os ultimos goles de café tranquillamente, como se não tivesse sido alterada a doce paz em que principiára o almoço.

Quando acabou de beber socegou o Armindo:

— Não te inquietes. E' uma passageira trovoada, que vem purificar a atmosphera do nosso amor.

Levantou-se da mesa e foi sentar-se no leito, ao lado da Soledade.

Passou-lhe o braço em volta do pescoço, puxou-lhe a cabeça até a encostar carinhosamente ao peito d'elle, e, com meigas razões, foi-lhe acalmando a colera.

E acabou:

— O Valle não quiz desconsiderar-te, tem aquelle feitio, aquelle modo de dizer.

Vai ficar incommodado em sabendo que te melindraste. Mas condemna-se no pagamento de trutas,

vitella e vinho do Dão — deliciosas vitualhas que elle costuma trazer de ferias.

A Soledade docil, bondosa, sem reservas, incapaz de grande resistencia, acalentada pelo murmurio das palavras do seu Joãsinho, apertou-lhe as mãos, arrependida do excesso.

O Armindo sentia-se commovido com a situação da rapariga, tão boa, tão meiga, tão nova, e abandonada nos braços d'um rapaz, esquecida de todas as conveniencias sociaes, tendo talvez trocado por aquella situação a amisade da mãe, que, bem podia, áquella hora, estar morta de desgosto e saudade.

O Matos era rapaz de bons sentimentos, mas quando se dirigia, ou referia, á amante, tinha muitas vezes palavras d'uma ironia deshumana.

Bem sabia que era, geito, feitio, resultante da alegre percepção que elle tinha da vida, mas não deixava por isso de ser cruel. Era necessario patentear-lhe francamente esta opinião para lhe corrigir os modos e a linguagem.

O Matos beijou a Soledade, levantou-se, voltou-se para o Armindo:

— Uma pomba mesmo quando parece uma loba.

Tirou a guitarra da parede e tornou a sentar-se na cama.

O Silvedo accendeu um charuto, foi fumar para a janella, encostado ao parapeito a olhar as insuas

do rio, onde se revolviam terras e levantavam aterros, para a construcção do ramal, que devia levar o caminho de ferro aos escusos becos da cidade.

O Matos tocava, e a Soledade, embevecida, com os olhos presos na guitarra, o beiço cahido, enlevava-se, toda babada, no seu Joãosinho.

XXVIII



Um dia, ao anoitecer, o Matos foi mostrar a Baixa á Soledade.

Desceram o Quebra Costas, e logo o Matos lhe indicou a loja do Tinoco, onde se amontoavam para concerto objectos de todos os generos e feitios, desde os pianos até ás gaiolas para canarios. E, no meio, lá estava o Tinoco, amavel, risonho, de bonnet de seda preta na cabeça, e alicate na mão, prompto para pôr uma corda n'uma caixa de musica ou duas varetas n'um guarda-chuva.

Em baixo encontraram dois lentes — com o passo solemne dos immortaes, a exsudarem sciencia por todos os poros da imponente attitude.

O Matos apontou-os, e segredou á Soledade:

— Dois cathedraticos.

A Soledade farta d'ouvir em casa falar de lentes e cathedraticos tinha uma noite perguntado quem eram.

O Armindo informou:

— Mais do que homens e um boccadinho menos.

do que deuses: dos homens teem a natureza humana e dos deuses a omnisciencia infallivel.

Quando sóbem ao céo ficam sentados á mão direita do Marquez de Pombal — o ultimo Deus Padre Creador de todos os graus.

Desceram á terra para remir nossas faltas, se temos attestado de doença, e para nos salvar d'um R. se temos boas recommendações. Toda a sua doutrina se acha escripta e resumida nos evangelhos da sebenta.

A Soledade não percebeu, mas os lentes ficaram-lhe na imaginação como figuras mysteriosas, idolos venerandos e temiveis.

Agora, que o Matos lh'os mostrava, olhava-os com extranha admiração, via-os como entidades sobrenaturaes.

Andava e ainda se voltava para traz para os vêr melhor.

Subiam costureiras com encommendas das lojas da rua do Visconde da Luz, e tricanas que vinham d'uma volta pelo Caes.

Cruzavam-se com estudantes, paravam em grupos, a rir, a galhofear.

Um do segundo medico, ao passar por duas, riscou um phosphoro, chegou-o á cara das raparigas.

A Soledade espantou-se com o atrevimento. O Matos explicou-lhe:

— E' para conhecer as pêgas.

Vinham tambem da Estrada da Beira meninas re-

mediadas e ricas, serias, vagarosas, adeante das mamans.

Ouviam-se falar — «em repetições, em dezeseis paginas da sebenta e em colicas».

A uma tinham ouvido distinctamente:

— Que ferro! Está tapado ([1]) e nem uma falta tem para o dia dos meus annos.

E a outra:

— O Arthur anda á corda a todos tres ([2]) E já metteu duas farpas. ([3])

Eram echos do cavaco com os namoros na Estrada da Beira.

Quando sahiram do Arco d'Almedina a Soledade extasiou-se em frente da luz, que, na loja do Pombar, irrizava nas multiplas facetas dos crystaes, chegou-se para o Matos, confessou:

— Que coisa assim é que nunca vira. Muito mais bonita do que a egreja da sua aldeia na noite do natal.

Foram para o lado do Caes, passaram pelas livrarias do Melchiades e do Cabral cheias de lentes e d'ursos. ([4])

Chegaram ao Largo da Portagem.

1 Não poder dar mais faltas.
2 Estar arriscado a ser chamado.
3 Duas dispensas de licção.
4 Urso em calão academico é estudante classificado.

*
* *

O outono continuava quente e secco, e ainda nos fins d'outubro havia noites d'uma suave doçura com vivas scintillações d'estrellas e grandes claridades de lua.

Nas margens do rio abriam as primeiras violetas e ainda não tinham murchado as ultimas rosas.

O campo mais parecia revestido d'atavios primaveris do que contaminado d'esmorecimentos outonaes.

Foram até ao fim da ponte, pelo lado esquerdo e, parando de tempo a tempo, viam os laranjaes das insuas, a quinta das lagrimas. E, no lado opposto, para alem da cidade, no cimo do monte, desenhavam-se, branqueados de lua, o seminario o collegio das ursulinas e S. Bento.

Quando voltavam ia no passeio do lado do choupal, para Santa Clara, o Antonio Fogaça com a Coimbra em Fralda — uma tricana morena, elegantemente franzina, olhos de negros feitiços, e na ponta do pé a chinelinha mais delicada que pisava terras de Coimbra. (1)

1 Esta tricana ficou com este nome de guerra por ter representado o papel de Coimbra em Fralda na revista — *O Paiz das Arrufadas*.

Dava o braço ao Fogaça e ouvia-lhe recitar :

Eu ando doce creança
como quem nos olhos teus
achasse abertos os céos
cheios de luz e d'esperança. (1)

O Matos não lhes falou, não os quiz chamar por entre as grades altas do centro da ponte, para não ter de apresentar-lhes a Maria da Soledade, a quem disse, referindo-se ao Fogaça :

— Vai inspirado.

E a Soledade :

— Se não havia d'ir, levando ao lado a amante.

*

*   *

Voltaram ao Arco d'Almedina, foram pela rua das Fangas para ver as paliteiras de quem o Armindo falava muito.

Na loja, mal alumiada, em bancos baixos, cercadas d'estudantes, sentavam-se as paliteiras — uma palida, nariz afilado, outra baixa, vermelha, rechonchuda, cabelleira em caracoes.

Estendidos os pedaços de choupo secco sobre o

1 *Versos da Mocidade*—Livro de Antonio Fogaça. Typ. de C. da Silva, Coimbra.

avental de sola, cortavam os palitos, cantavam, acompanhadas no côro pelos estudantes:

Fazer palitos
E' nossa sorte
Girae navalha
De fino corte. (2)

A Soledade amiudava o passo para ainda ouvir.

Foram á Sé Velha, subiram a Rua das Covas, na direcção do Marco da Feira.

— Estavá na rua, ia buscar a sebenta, e mostrar á Soledade a lithographia. Disse o Matos.

*
* *

No estreito cubiculo, dentro do balcão, o Manoel das Barbas, em mangas de camisa, sem chapéo, afadigado, estendia o papel na pedra lithographica, puxava o apparelho, tirava a sebenta.

O Manoel parava de quando em quando, cofiava a comprida barba preta, olhava sobranceiro para os freguezes, tomava ares respeitaveis impostos pela dignidade e valor da occupação.

O Manoel tinha a consciencia de estar n'aquelle momento a collaborar no fabrico dos bachareis —

2 Côro das paliteiras na revista *O Paiz das Arrufadas*.

obra ainda hoje monopolisada no paiz pelos cathedraticos e pelo Manoel das Barbas.

Fóra do balcão, em dois bancos compridos, as serventes, esperando a sahida da sebenta, cabeceavam a dormir.

Grupos de estudantes faziam protestos e criticas alegres ao trabalho das aulas.

Os do segundo anno gritavam contra a Prescripção, que então estudavam na cadeira de Direito Civil.

Repetiam uns versos, que, tres annos antes, o Julio Lemos ([1]) publicára no jornal—*Porta-Ferrea.* ([2])

De ha muito que feroz jugo oppressor
Sobre nossas cabeças exercia
A mais cruel, cobarde tyrannia,
E martyres nos tornava pela dôr

Mas, como ao despotismo mais traidor,
Tarde ou cedo, a vez chega da agonia,
A aurora despontou d'um novo dia,
Brilhando á luz d'um sol libertador.

Por isso, companheiros, um irmão,
Vosso pelo trabalho e pela sorte,
Abençôa a commum restauração,

1 Advogado no Porto.
2 Numero 12 — 6 de fevereiro de 1882.

E, d'alegria, febril n'um brado forte,
Horrenda praga roga á *prescripção*,
A quem foi Deus servido dar a morte!

Os do terceiro anno gritavam contra o Real d'Agua.

Os do quarto queixavam-se:

— Amanhan Chaves e José Braz.

Um d'elles, na ancia d'uma esperança alliviadora, phantasiou:

— E se a egua do José Braz tivesse hoje o seu bom sucesso...

Outro, não se querendo convencer de tamanha fortuna, duvidou:

— Ainda hontem a vi. Não está para breve.

— Pois era feriado certo, como o nascimento d'um principe — rematou o da lembrança.

Fez-se repentino silencio porque no Largo da Feira, do lado do Arco do Bispo, entraram estudantes a gritar — «feriado, feriado! Morreu um lente».

Sahiram todos da lithographia, n'uma onda, derrubaram o banco onde as serventes dormiam, levaram duas, aos trambulhões, para a rua de encontro ao Matos e á Soledade.

Todos queriam a certeza, todos procuravam a verdade.

Um dos grandes alviçareiros esmioçou pormenores:

— Estivera toda a tarde de sentinella n'uma republica vizinha.

Vira chegar o Viatico.

Ouvira depois no predio movimento extranho, fôra á escada, batera á porta, e perguntára:

— Sua excellencia está mais alliviadinho?

Respondera-lhe a governante a chorar:

— Falleceu.

Ouviu-se no meio de festivo alarido:

— E eu que tinha uma repetição para amanhan!

— Olhem que era decano, e foi reitor. Umas ferias, rapases!

A lithographia ficou deserta, o Manoel das Barbas veiu para a porta descançar.

O café do Antonio da Feira encheu-se.

A noticia alastrava-se pela alta ruidosamente.

A's janellas vinham estudantes chamados pelo barulho, desciam, engrossavam a turba, que se expandia alegremente nas ruas, nos cafés e nas casas das engommadeiras.

A Soledade admirava-se — «parecia lhe impossivel que tivessem coração para se alegrar com a morte d'um homem».

O Matos desculpava:

— Não se regosijam com a morte do doutor, alegram-se com os feriados, inesperados, conhecidos depois do toque da cabra.

Esse sino dobra sempre a finados, porque toca á morte da alegria na alma dos estudantes.

Se vem depois a noticia do feriado, n'essas almas

revive mais vivo e intenso o ruidoso contentamento.

É uma resurreição, filha!

Iam para casa, passavam na rua do Loureiro, quando á janella assomou o Padre Pinto ([1]) a gritar:

— O' Matos, é verdade ter morrido o homem?

— Certissimo se não exiges a prova do córte das carotidas.

— Olha se eu jà tenho estudado! — completou o padre tão satisfeito como se tivesse escapado a imminente perigo.

1 Formou-se em 1885. E' hoje bispo.

XXIX

EGARAM as ferias do Natal.

O quarto do Matos recendia ainda perfumes de vida amorosa, desabrochada em ternuras de noivado.

O Matos recolhia cêdo, tocava e cantava se a vespera era de feriado, lia a sebenta se o dia seguinte era d'aula.

A Soledade estudava portuguez e geographia, á mesma meza, sob a luz do mesmo candieiro de petroleo, com um largo abaixa-luz, branco, de porcellana, onde o Costa Santos escrevera no dia em que se formára:

O dia da mezada! ai que fulgores
tinha o sol n'esse dia no oriente,
para mim, para a pallida servente,
para o dono da casa, e mais credores!...

Nem maguas, nem ligeiros dissabores
me vinham perturbar... Sempre contente!

embora na aula ouvindo toda a gente,
eu désse «estenderete» aos meus doutores!

E tão pura e tão candida alegria
gozava, por julgar-me n'esse dia
um Creso, mais feliz do que ninguem..

e até suppunha ouvir a cada esquina
uma mamã dizer — olha, menina,
que bello casamento que alli vem!

O Armindo apparecia muitas vezes.

A Soledade fazia-lhe perguntas — «queria conhecer bem a vida de Coimbra, e o Matos nem sempre estava para lhe aturar a curiosidade».

O Armindo descrevia-lhe a romaria do Espirito Santo em Santo Antonio dos Olivaes, as estradas cheias, as merendas debaixo das arvores, e, no regresso, grandes ranchos tocando campainhas de barro de todos os tamanhos.

Falava-lhe nas fogueiras do S. João — pavilhões cheios de flôres e de luz, e as tricanas a dançar, cantando quadras da D. Amelia Jenny do Manoel Gaio, do Fogaça, do Adelino Veiga.

Um dia de manhan entrou o Armindo, no quarto do Matos, a rir doidamente e explicava:

— Não fôram hontem ao theatro de D. Luiz, não sabem o que perderam! Imaginem a tragica scena: um marido atraiçoado, depois de longo monologo de ameaças e maldições, engatilhou um par de pistolas,

e escondeu se nos cortinados do leito, á espera do rival, que se não demorou.

O amante da adultera entra em scena e gritam-lhe da platéa:

— Olha que o marido está escondido na cama, tem as pistolas engatilhadas, foge que te mata.

O actor estaca perplexo, olha para a platéa, hesita na triste situação em que se encontra.

Um do terceiro anno levanta se no camarote, e, muito serio, dirige-se-lhe:

— O', senhor, o homem sabe tudo. Dou-lhe a minha palavra d'honra. Vá se embora. Evite duas desgraças.

O actor continuou na mesma posição e tempo depois, quando o silencio se restabeleceu, afoitou-se a declamar:

— Que remorsos! A minha mulher! Os meus filhos!

Gritam-lhe logo d'outro camarote:

— O' seu tratante, pois você é casado, tem filhos, e atira-se á mulher do proximo! Pois apanhe. E' bem feito.

E para a platéa:

— Deixem-lhe arrebentar a pelle, que o leve o diabo.

A platéa repetiu em côro:

— Que o léve o diabo.

E o espectaculo poude continuar.

A Soledade achou-lhe muita graça, teve pena de não ter ido ao theatro.

*
* *

Estavam agora em vespera de férias do Natal. O Armindo ia para a terra n'aquella noite.

Já vesti o á futrica, com a mala na mão, veiu para o quarto do Matos fazer horas.

O Matos e a Soledade não sahiam para férias, apenas iam á estação central, a S. Bartholomeu, acompanhar o Armindo.

A Soledade só, sentada n'uma cadeira de verga, iia proximo do candieiro.

O Armindo vendo-lhe lagrimas nos olhos, atreveu-se a indagar:

— Perdoe-me a indiscreção, mais nascida no desejo de confortar soffrimentos, do que na curiosidade de me entremetter em males alheios. O Matos falta ás promessas juradas?

— Não é o João que me faz entristecer, é o senhor que me faz chorar.

O Armindo, espantado, fez recuar a cadeira, abriu os olhos e a bocca:

— Eu?!

— Sim, o senhor Armindo Silvedo, que vai hoje para a nossa provincia, desperta-me saudades, aviva-me recordações.

— Porque não vem?— Respondeu o Armindo mais socegado.

— Porque seria demasiado impudor affrontar a aldeia com o descaramento da minha perdição.

— Então quando pensa em poder lá voltar?

— E' severamente cruel a pergunta. Bem sei que não posso pensar em lá voltar porque nunca pensei em poder ir rehabilitada e digna da consideração que lá tinha.

E desatou a chorar.

O Armindo pesaroso, arrependido da leviandade da pergunta, procurava attenuar-lhe o effeito:

— Por quem é, senhora, acredite-me, juro-lhe: que as minhas palavras não tinham a intenção que lhes deu.

A Maria da Soledade, sem o attender, repetia a pergunta, commentava-a:

— Então quando pensa em lá voltar?... E' como quem pergunta: — pois pensa em lá ir como esposa legitima?

Nunca tive essa ambição nem d'ella me julgo digna.

Acima do meu proprio bem estar, ponho o amor, que me trouxe para aqui, que me fez esquecer todas as conveniencias, e que hade remir todas as minhas culpas.

O senhor tem mãe? Pois repita-lhe as minhas palavras, e verá como ella, virtuosa, honesta, sabe comprehender a mulher perdida.

O Armindo, que anciava por mudar d'assumpto apressou-se a responder:

— Não tenho mãe, morreu ha muitos annos.

— E' mais feliz do que eu. Proseguiu a Soledade. Sei que a tive porque nasci, não sei se a tenho porque me engeitou.

— Julguei que nas suas lagrimas havia saudades da familia.

— Enganou-se. Sou só e por isso me chamam da Soledade.

O padre da aldeia, onde fui creada, tem o segredo do meu nascimento, e era encarregado de pagar uma mesada mensal á mulher que me serviu d'ama mercenaria, de carinhos fingidos na rua e de verdadeiros maus tratos em casa, e a quem por isso não devo gratidões nem motivos de saudade.

— Não tem pena de não conhecer seus paes?

— Nenhuma. Amaldiçou-os.

— Não é coherente com as suas proprias palavras. Pois o amor não redime todas as culpas?

Discorria o Armindo por simples gosto d'ouvir a Soledade.

E ella, decisiva na resposta, prompta na palavra:

— Redime. E não era necessario por isso esconder a culpa do meu nascimento.

A severidade das conveniencias augmentaria a somma dos incommodos, dos sacrificios, e até dos martyrios que fariam essa redempção.

Engeitando-me aggravou a culpa em vez de a remir.

E, percebendo que o Armindo se admirava de a ouvir falar, continuou:

— Tenho estudado e discutido muito o procedimento de meus paes.

O Matos já chama á discussão *a nossa sabbatina.*

O Armindo, depois d'essas revelações, sentia-se mais enternecido pela sorte da rapariga.

Lembrou-se — «de que o Matos, depois da for-

matura era capaz de a trocar por qualquer casamento de conveniencia, deixando-a mais só do que ella era, porque a deixava sem a mezada dos desconhecidos paes, sem a casa da ama, e sem o agazalho d'aquelles que, na aldeia, agora já a não consideravam nem respeitavam».

*

* *

O Matos entrou no quarto com um convite:

— «Queria pagar uma ceia de despedida.

Iriam já para a Baixa.

Tinham tempo. O Godinho ficava proximo da estação central, porta com porta».

Foram.

A servente — a Tansa — caminhava adeante com a mala á cabeça, e, na mão, em rolo, a manta de viagem com a bengala ao comprido, mettida nas correias.

A Tansa esperaria em um dos bancos da praça velha a hora da abertura da bilheteira e do despacho das bagagens.

E os tres entraram no restaurante do Godinho — um corredor comprido para aonde abriam as portas dos gabinetes de lona, sem tectos, meias paredes, pintadas a colla, e, ao meio, uma meza de pinho e dois bancos a todo o comprimento do cubiculo.

Ao fundo ficava a cosinha a espalhar até á rua cheiros appetitosos, convidativos, tentadores mesmo.

O Matos empurrou a porta d'um gabinete, entrou seguido do Armindo e da Soledade, foi ao bico do gaz abriu mais a torneira, para avivar a luz.

Bateu as palmas, veiu o Godinho desempenhar o papel de lista falante, mencionando os pratos da noite.

O Matos, importante, solemne no gesto e na phrase, impunha-se ao respeito do dono do restaurante e dos freguezes dos gabinetes vizinhos:

— «Achava pequeno, muito pequeno mesmo, o numero de pratos.

Queria na riqueza um banquete de nababo e na finura dos manjares uma ceia digna dos deuses e da Maria da Soledade.»

Tossiu e acabou com emphase:

— Traga-me, ó, Godinho, rim grelhado para tres, amendoas torradas para dois.

O pão e o vinho da praxe.

No gabinete do lado tocavam, e cantavam:

O teu olhar que derrama
luz e brilho como a aurora.
tem a expressão de quem ama
e a tristeza de quem chora. [1]

O Armindo e a Soledade, movidos pelo mesmo pensamento, olharam-se, como se n'esse olhar mutuamente dissessem que bem a proposito vinha a quadra.

1 Do Antonio Fogaça.

E o Armindo repetiu, cantarolando:

tem a expressão de quem ama
e a tristeza de quem chora.

Tinham ceiado e o Matos pagava a conta quando ouviram fóra desordeiro alarido.

Na rua do Visconde da Luz, um grupo de estudantes gritava para o dono do botequim aberto nas escadas de S. Thiago:

— O', bebe agua.

E o botequineiro, no meio da rua, furioso, possesso, respondia:

— O' bebe ..... bebe...—

E mandava-os beber de tudo e até de coisas pouco finas porque a colera é grosseira e o botequineiro estava colerico.

O Matos voltou se para a Soledade:

— Ahi tens o que *é dar sorte.*

Chegou o americano.

O Armindo comprou o bilhete, despachou a mala e entrou para o carro.

Despediam se n'um ultimo aperto de mão, e a Soledade instava:

— Não se esqueça das violetas. Mande um creado á minha aldeia. Diga lhe que as traga da varzea dos moinhos. Ha muitas nas hortas das azenhas.

E' para matar saudades.

O americano já se movia e ella ainda recommendava :

— Não se esqueça.

*

* *

O Matos e a Soledade combinaram uma volta pelo Caes na subida para a Alta.

Foram pela Portagem e já subiam a Couraça de Lisboa, quando o Matos quebrou o silencio :

— Lembras-te da missa do gallo na nossa aldeia?

A pergunta acordou a Soledade, que tambem ia absorta em recordações da terra :

— Se lembro! Ao dar da meia noite o senhor cura corre as cortinas do presepio, repicam os sinos, toca a gaita de folles, e apparece o Menino Jesus deitado nas palhinhas, com o corpinho rosado, gordo, ás roscas.

O Matos, cada vez mais saudoso, deleitava-se a ouvir a descripção e continuava-a :

— Depois, em casa, a ceia á lareira, por baixo das camb lhadas dos chouriços vermelhos, a recenderem aromas nas varas do fumeiro.

A Soledade avivava mais as recordações do Matos :

— E d'ahi a oito dias, á noite, a rapaziada de porta em porta, a tocar pifaro, guitarra, ferrinhos, e a cantar os reis :

Aqui vêm os reis magos
Das bandas do oriente
.. . .

E calaram se de novo ambos recolhidos na saudade que a partida do Armindo lhes despertára.

D'essa tristeza nasceu, por uma facil associação d'ideas, a magua reciproca, a ennuviar-lhes o espirito como véo d'uma nevoa a empanar ligeiramente a pureza d'uma manhan d'abril.

Sentia elle a saudade da familia e da terra, mas attribuia a tristeza da Soledade a symptoma de mal estar.

Pensava — «que a Soledade chorava já o tardio arrependimento, e que ámanhan, mais instruida, melhor saberia exigir-lhe uma reparação.

Ella não tinha familia, era uma engeitada... Mas elle queria lhe tanto...»

A Soledade, por sua vez, levava a tristeza do Matos á conta de fastidioso enfado — «fartára-se depressa!

Não lamentava o sacrificio que por elle tinha feito, não estava arrependida, mas não podia conceber a vida sem o amor d'elle. Queria-lhe tanto!»

Chegaram ao quarto e ainda iam ambos silenciosos, absorvidos nos mesmos pensamentos, como se fossem enleados nas phantasias de dôce amuo.

Olharam-se, e sentiram um espinho de remorso a arranhar-lhes a consciencia.

Viam que tinham sido injustos no reciproco jul-

gamento. Já inconscientemente tinham reconhecido essa injustiça quando punham termo ás cogitações em que se embrenhavam com a declaração expontanea do que sentiam = «quero-lhe tanto».

E assim facilmente se atiraram aos braços um do outro, a explicarem-se sem palavras, a perdoarem-se sem recriminações.

XXX



DAVAM onze horas da manhan em casa do Silvedo.

O sol entrava pela janella meia cerrada, estendia-se n'uma larga faixa sobre a cama, onde o Armindo, de peito para o ar, o cigarro apertado entre os dedos, seguia com os olhos o fumo que se revolvia, fazendo sobre o leito um docel de nuvens.

Descançava da fadiga da viagem durante toda a noite antecedente.

Ao espirito vinham-lhe lembranças de Coimbra.

Associavam-se-lhe as idéas despertadas por um sino a badalar ao longe, pelas sebentas espalhadas no quarto, junto da mala onde tinham vindo a embrulhar escovas e uns chinelos de marroquim vermelho.

O sino fazia-lhe lembrar um da Sé nova que tocava todos os dias, á hora do almoço, pouco antes da entrada para a Universidade.

E era terça feira.

No largo da Sé estendia-se, n'aquelle momento, a feira dos estudantes.

Havia barracas de panno branco esticado, em cruz, na forma de grandes papagaios, sustidos n'um poste sobre a mesa da tenda.

As peixeiras de mangas arregaçadas, saia alta, puxada acima pela cinta preta, pernas de musculatura saliente, gestos decididos no corte da pescaria, tinham o olho vivo no alcance do freguez.

Ao lado, nas celhas de madeira, cheias d'agua, as lampreias escorregadias, pintadas, agarravam-se como ventosas ás aduelas do aquario.

A Tyrana, longa, esqueletica, acocorava-se atraz do monte do berbigão.

Das fressureiras vinham cheiros enjoativos de tripas remexidas.

E ao pé cães de fila, roliços de gorduras, esperavam restos.

Sobre bancas de madeira porcos, de ventre escancarado, expunham banhas frias.

No meio do largo alinhavam-se as vendedeiras de hortaliça e da fructa — figuras do campo, de capas azues muito rodadas, pés descalços, cabellos curtos.

Em frente do café da Delphina as tecedeiras vendiam estamenhas cortadas das peças volumosas, medidas a covado.

No fundo da Rua dos Penedos, á direita do Manuel do Buraco, estendiam-se os cestos de violetas, atadas com linha branca, aos molhinhos, sobre uma roseta de folhas verdes.

Á porta do Antonio da Feira estudantes esperavam o almoço, com os livros debaixo do braço, atados com fitas de diversas côres, conforme a faculdade.

Na loja do José Maria lentes de medicina conversavam e vinham até á porta procurar olhares perdidos no meio da feira.

Borboleteavam por toda a parte tricanas ajanotadas, que só ás terças feiras vão á praça, expôr lenços vistosos e meias de côr dentro do sapatinho de entrada a baixo, salto elevado, curvo, acabado em ponta, quasi no meio da sola.

O Armindo tinha chegado n'esse dia, ainda se não levantára e já se sentia aborrecido, porque não sabia em que havia de passar o tempo.

Entretanto teria soffrido um grande desgosto, senão tivesse vindo a ferias.

Entretinha-se, sabia-lhe bem fazer reviver na imaginação essa comedia de Coimbra — do paiz das arrufadas — como elle sempre lhe chamava.

Ia accender outro cigarro quando um creado, á porta do quarto, pediu licença para entrar.

— Abre.

E o creado entrou trazendo uma carta n'uma salva de prata.

O Armindo rasgou o sobrescripto, leu:

Adriano Soares
Administrador da casa Carvalhosa

«Deseja confidencial e urgentemente falar a V. Ex.ª Espera ter essa honra hoje á tarde, no Club.»

Depois da leitura, perguntou:

— Esperam a resposta?

— Não, senhor.

— Está bem.

O creado sahiu.

O Armindo principiou a fazer e a desfazer hypotheses sem encontrar causa que justificasse o desejo do Soares.

Recorria á memoria, evocava lembranças.

—«Ouvira falar de antigos amores do pae com a Laura Carvalhosa, de quem o Soares era feitor.

Mas que podia elle, Armindo, ter com isso?»

Não encontrava resposta satisfatoria.

Achava extraordinario o laconismo do bilhete.

—«Porque não vinha o Soares falar-lhe a casa?»

Tambem não sabia responder.

Crescia-lhe a curiosidade na razão directa dos esforços feitos para encontrar a decifração do enygma.

Levantou-se. Almoçou e foi até á pharmacia do senhor Florindo saber novidades e fazer horas para a conferencia no Club.

*

* *

O senhor Florindo recebeu-o de braços abertos:

— Viva o nosso Armindo, alegria d'esta casa, que até parece vestir luto quando a Universidade se abre.

O Batalhoz — o major reformado — que não perdera com a edade o costume do espalhafato, levan-

tou-se, atirou com o banco de pernas para o ar, tossiu tres vezes antes de dizer:

— Viva, viva o nosso doutor.

O Armindo recusava o cumprimento:

— Doutor? Tarde será, se vier a ser.

O major tossiu, bateu com a bengala e com os pés no chão, explicou-se:

— Fôra uma vez a Coimbra e logo na estação todos os carregadores, conductores de carros, corretores d'hoteis lhe chamaram — senhor doutor. O senhor Armindo que frequenta a Universidade ha dois annos...

— Deve estar a tomar capello.

Atalhou o Armindo a rir.

E o Batalhoz fez-lhe côro com o habitual estribilho:

— Boa vai ella, boa vai ella.

O Armindo mudou d'assumpto:

— O que ha de novo, o que succedeu por cá desde Outubro?

O pharmaceutico informou:

— Morreu o prior e deixou á irman, á D. Mauricia, a bonita somma de vinte contos de réis em letras, acceites por firmas acreditadas. Uma surpreza para toda a gente.

O Batalhoz accrescentou:

— Foi dos taes que vivem pobres para morrerem ricos.

*

* *

Eram quatro horas da tarde quando o Armindo entrou nas salas desertas do club.

Na casa da arrecadação o marcador punha solas nos tacos.

Os socios só costumavam apparecer á noite, mas o marcador não se admirou da visita do Armindo, porque em ferias os estudantes iam de dia jogar o bilhar e lêr os jornaes.

O marcador todo calvo, sobrecasaca preta até ao joelho, puida, a luzir, laço de gravata antiga, alta, em colleira, curvou-se, e, depois de cumprimentar, recommendou:

— Que chamasse sua excellencia se sua excellencia necessitasse alguma coisa.

O Armindo foi para a sala de leitura, abriu uma illustração franceza e não esperou muito.

Entrou o Soares. Estava muito velho, trazia barba toda, comprida, sem um unico cabello preto.

A consciencia da honradez e do conceito de seriedade em que toda a povoação o tinha, davam-lhe á figura um aspecto sobranceiro, a impôr respeito sem provocar antipathia.

Foi para o Armindo de mão direita estendida e o chapeu na outra:

— Principío por agradecer a vossa excellencia a benevolencia com que attendeu o meu pedido.

O Armindo offereceu-lhe uma cadeira.

Ficaram ambos á mesa de leitura — o Soares na cabeceira, o Armindo ao lado, em frente da illustração aberta na pagina que estava vendo.

O Soares principiou:

—Antes de tudo—vossa excellencia mora em Coimbra na Rua dos Coutinhos, numero trinta e quatro ?

— Sim, senhor.

— Vossa excellencia desculpará este interrogatorio logo que lhe conheça a razão.

Conhece a Maria a quem tambem chamam da Soledade ?

— Perfeitamente. É amante d'um meu companheiro de casa.

O Soares estremeceu, apertou a mão do Armindo, e, com as lagrimas nos olhos, exclamou :

— Que fortuna ! Que fortuna !

O Armindo embrenhava-se em conjecturas e não atinava com explicação para aquellas perguntas e muito menos para estes transportes do Soares.

O velho tirou do bolso um largo lenço de seda e emquanto limpava os olhos :

— Na minha edade tão facilmente se chora de desgosto como d'alegria.

— E de que se alegra ?

— De saber que a Soledade não é a amante de vossa excellencia.

O Armindo cada vez entendia menos e cada vez mais desejava chegar ao fim.

— Se fosse ?

— Teria vossa excellencia praticado um crime aos olhos de Deus e do mundo.

— Porque?

— Porque a Maria da Soledade é irman de vossa excellencia.

No turbilhão d'idéas, que enchia o cerebro do Armindo entrou um raio de luz.

O Soares fazia sobre si mesmo um doloroso esforço para continuar. Animava-se — «era necessario ir até ao fim.» E abria-se:

— A Maria da Soledade é filha do senhor Fernando Silvedo e da senhora D. Laura, minha ama. Logo que nasceu foi por mim entregue aos cuidados d'uma mulher paga por intermedio do padre da aldeia, meu amigo.

Ha dias o cura enviou-me um bilhete em que me dizia: a Maria da Soledade fugiu, dizem-me que com um estudante, que habita, em Coimbra, a casa numero trinta e quatro da Rua dos Coutinhos.

O Armindo reflectia, assegurava-se do assumpto:

— A senhora D. Laura sabe que a filha está em Coimbra?

— Não, senhor. Nem lhe conhece a existencia. Julga-a morta poucas horas depois do nascimento. Mas é preciso dizer-lhe a verdade, o que eu todos os dias julgava uma necessidade e todos os dias adiava, para não fazer reviver desgostos e tristezas, que não teem faltado n'aquella casa.

— E se ella repudia a filha?

— Vossa excellencia faz essa pergunta porque não conhece a senhora D. Laura.

O Armindo depois d'um momento de reflexão repetiu alto o que pensava:

— Não volto a Coimbra emquanto minha irman fôr a amante do meu melhor amigo.

— Ajude-me a legitimar-lhe o estado.

— O que poderei fazer?

— Falar a seu pae.

— Impede-me o respeito que lhe tenho.

— Está bem. Eu me entenderei com elle e com a senhora D. Laura.

Rematou o Soares, levantando-se e despedindo-se apressado, como se temesse esfriar na resolução.

O Armindo ficou na mesma cadeira, á mesa, com e cabeça apoiada em uma das mãos, e o outro braço descahido sobre a illustração franceza que olhava, mas não via.

Avivava-se-lhe o assombro — «a Maria da Soledade minha irman!»

Regosijava-se com a lembrança de a ter sempre respeitosamente acarinhado, e de lhe ter merecido a confiança das francas revelações.

Via-a boa, sincera, intelligente, cheia d'amor, verdadeiro, desinteressado.

Recordava-se do que lhe ouvira: — «que me importa ser a amante ou a mulher se sou sempre d'elle.»

Parecia-lhe que a estava a vêr quando ella assim falava, com os olhos illuminados pelo reflexo d'um suave goso, todo immaterial, completamente extranho aos sentidos.

Levantou-se, tirou do bolso a tabaqueira e a caixa de phosphoros, embrulhou o tabaco no papel e accendeu o cigarro.

Não lhe esqueciam as declarações do Soares!
Quando entrou em casa ainda repetia:
— Fazia-se um romance. Servia para um livro.

XXXI



correio, na manhan seguinte, trouxe uma carta ao Armindo.

Era do Soares.

Pedia-lhe em nome da felicidade da Maria da Soledade, que fôsse á quinta do Carvalhosa.

— «Minha ama, a senhora D. Laura, dizia elle, tem grande desejo de falar com V. Ex.ª e posso garantir-lhe que o senhor Fernando Silvedo não se oppõe á satisfação d'este meu pedido».

*

*   *

Depois do meio dia o Soares fazia recolher o cavallo em que viéra o Armindo, recommendando ao creado, encarregado d'esse serviço:

— «Que o amantasse, fazia frio, e o animal vinha a suar.»

E, conforme velho habito, foi até á porta da cavallariça vigiar a execução da ordem

O Armindo seguia o Soares naturalmente, sem saber orientar-se, e notava-lhe uma expressão alegre, que lhe não vira na vespera.

Estavam á porta da cavallariça e o Soares apontou ao Armindo um cavallo preso a uma mangedoira de marmore, sobre um mosaico de fundas ranhuras, entre baias de nogueira encerada, e nomeou-o:

— O Lusitano. Não o conhece?

Foi um dos cavallos de toureio do senhor Fernando Silvedo.

Offereceu-o á senhora D. Laura depois d'uma tourada notavel.

E' o fidalgo da casa, come e passeia á mão. Está muito velho.

Conforta-se todos os dias com um pacote de bolos desfeitos em vinho do Porto. Aqui, onde o vê, tambem figura na historia.

E accentuava intencionalmente essas ultimas palavras para bem mostrar a que historia se referia — á historia dos amores da Laura com o Silvedo.

Estendeu depois o braço na direcção da escada da casa, indicando o caminho e convidou-o:

— Faça favor de subir.

Foram escada acima, ao lado um do outro.

*

* *

O Soares introduziu-o na sala do fogão, na mesma sala em que annos antes se reuniam os convidados para a espera dos touros.

A Laura, junto do fogão, n'uma cadeira baixa, ateava o brazido.

Os annos tinham-lhe feito pequena mossa. Era quasi a mesma Laura da batida aos javardos.

O Armindo quando a viu, pareceu-lhe que na penumbra da casa surgira a figura da Maria da Soledade.

Admirava-se de não ter ha mais tempo notado a semelhança.

A Laura não se levantou, estendeu a mão, que o Armindo, em respeitosa curvatura, levou aos labios e beijou.

E indicou-lhe, ao lado do fogão, em frente d'ella, uma cadeira de braços, baixa, de velludo vermelho, franjada de cordões.

Depois, familiar, á vontade, principiou:

— Quero pedir-lhe um favor.

— Peço a v. ex.ª que diga antes: quero dar-lhe uma ordem.

— Quero pedir-lhe o favor, continuou a Laura, de acceitar um dos meus cavallos.

Sei que monta com muita elegancia e correcção, e tenho grandes desejos de o ver montar o meu melhor alter-arabe.

Ao vêr o Armindo levantar-se n'um gesto de recuza ou agradecimento atalhou:

— Não, não. Tem de acceitar, porque é sincero o offerecimento, não deve agradecer porque a offerta longe de obedecer a intuitos generosos, apenas serve para me lisonjear a vaidade.

Já não monto e sinto grande pesar em vêr escondido na cavallariça o melhor producto da minha caudelaria.

O Armindo agradeceu no meio d'um alegre alvoroço.

A Laura convencida de lhe ter conquistado o agrado, julgando que se lhe não tornaria enfadonha, principiou com rodeios a indagar o que queria saber:

— Que anno frequentava, se gostava de Coimbra, se os lentes eram massadores.

E, depois de muitas outras perguntas, disfarçadamente:

— Se tinha muitos companheiros de casa, quem eram os rapazes.

O Armindo percebeu a intenção, biographou ligeiramente todos os companheiros e demorou-se mais com o João de Matos, exaltando-lhe o caracter e o talento.

— E a familia?

Perguntou a Laura, toda presa na espectativa da resposta.

— O pae é juiz de direito — muito considerado — e proprietario d'uma quinta na aldeia onde passa a maior parte do anno, sempre que póde fugir da comarca.

Não demorou muito mais a conferencia, porque a Laura estava informada do que queria.

*

* *

O Soares esperava o Armindo no fundo da escada exterior, e passeava para aquecer os pés.

O Armindo vinha inquieto por não saber como o pae julgaria a acceitação do cavallo.

Quando se aproximou do Soares, quiz pesquisar:

— Já falou a meu pae?

— Sim, senhor, n'uma conferencia de quasi toda a noite.

— E depois?

— Depois boda rija. Já não era sem tempo. E se a rapariga se não lembra de dar que falar ainda não era d'esta.

Em elles casando posso morrer, já não levo penas. Vossa excellencia ámanhan vai a Coimbra prevenir o rapaz.

— Prevenir de quê?

— De que é necessario casar com a Maria da Soledade.

E é muito mau o boccado com um molho de quatrocentos contos?

Fazem-se no mesmo dia os dois casamentos. Mas querem a rapariga para aqui, até que se ponha em ordem a papelada. Vossa excellencia vai a Coimbra diz-lhes isto tudo e acompanha-os a casa. A' sahida do comboio lá appareço na estação.

O senhor Fernando Silvedo mostrará a vossa excellencia que conhece e auctorisa estas deliberações.

Agora vamos vêr o cavallo, primeiro brinde da madrasta de vossa excellencia, madrasta só no nome porque é incapaz de o ser no amargo da palavra.

— Pois sabia?

— Do cavallo? Tudo combinado, até o pae de vossa excellencia o sabe.

O Armindo já tinha ouvido falar do cavallo, mas não o conhecia. Quando o viu ficou encantado, cheio d'um alvoroço infantil, como uma creança á vista d'um appetecido brinquedo.

*

* *

No dia immediato, depois do almoço, entrou no quarto e encontrou sobre a mesa vinte libras em oiro, e, n'uma pequena tira de papel, com lettra do pae, a laconica e eloquentissima indicação: — para a viagem.

O Armindo lia, via, apalpava, e não acreditava Nunca se tinha visto com tanto dinheiro.

Expandia-se enthusiasmado de contentamento.

— Decididamente estou com sorte. Isto é melhor do que ser brazileiro. Se não sou commendador é porque o não quero ser.

Estou millionario! Que o saibam as engommadeiras da Alta, as tricanas da Baixa, e todas as burguezinhas do paiz das arrufadas.

Vou ter convites para bailes de lentes, e, se me não acautelo, fazem-me *urso.* (1)

Metteu a mão no bolso, tirou um charuto de vinte cinco réis, viu-o por todos os lados, apertou-o entre os dedos e atirou-o janella fóra:

Estudante classificado na Universidade.

— Sahe-te, pelintra, não és condigno da minha posição.

Gente da minha jerarchia só fuma charutos de dois tostões.

Ria e continuava a zombar:

— Na gare de Coimbra devem estar á minha espera o corpo cathedratico, o bispo conde, as auctoridades, civis e militares, e o Augusto Paes com a philarmonica *Bôa união.*

Incommodos... massadas... Não estou para isso. Vou evitar tudo telegraphando ao governador civil: «viajo incognito, dispenso honras officiaes».

As tricanas é que não ficam socegadas. E' o mesmo.

Que façam um modesto festival — uma serenata no rio, illuminações do Serio Veiga, raparigas das fogueiras, e as melhores musicas populares.

E' bastante.

A rainha santa pouco mais apanha e é mais rica do que eu.

Pegou nas libras, metteu-as na mão, fechada em concha, chocalhou-as, e, com o tilintar do oiro, fez musica para acompanhar a cantiga.

Tanta libra e eu tão livre d'ellas
Amarellas, são de cavallinho
São lindas, são delicadas
São leaes ao seu bemzinho;
....
....

XXXII

A gare de Coimbra não estavam as auctoridades nem a philarmonica, mas estava o Matos com um trem conforme as ordens recebidas em telegramma.

Antes da chegada do comboio o Matos passeava na sala d'espera com as mãos nos bolsos das calças, o espirito anciado no desejo de conhecer o motivo da inesperada vinda do Armindo a Coimbra.

E de mais a mais o telegramma acabava por dizer: — «o interesse é todo teu e da...» — Evidentemente da Soledade, nome que o Armindo não quizéra confiar ao telegrapho.

*

* *

Quando o comboio chegou, o Matos precipitou-se ao encontro do Armindo e desfechou-lhe a pergunta, engatilhada, desde que ouvira o silvo da machina á entrada das agulhas:

— Que temos?

— Um romance completo.

E o Armindo, enluvado, a manta de viagem no braço, foi furando por entre os passageiros, os carregadores, os moços e os corretores dos hoteis, furtando se a mais indagações alli, no meio de toda aquella gente, porque logo conheceu o desespero da curiosidade do Matos.

Metteram-se no carro e deram ordem ao cocheiro para levar os cavallos a passo.

Aconchegaram-se no fundo do trem, deitaram a manta de viagem sobre os joelhos, abriram um dos vidros para a sahida do fumo.

O Armindo offereceu ao Matos um charuto, e o lume d'outro que fumava, já meio consumido.

Mas o Matos não parava, roia se d'impaciencia:

— Então, vem a historia?

— Vamos a ella.

E o Armindo principiou vagarosamente, saboreando o assumpto, a contar o que sabia e a dizer a que vinha, conforme as instrucções do Soares, ainda repetidas e recommendadas na estação, á partida do comboio.

O Matos a meio da narração já não fumava, deixára apagar o charuto porque se esquecera de o levar á bocca, no meio da admiração que se lhe apossára do espirito, embebendo-o, enchendo-o, dominando-o por completo.

Só sahiu do assombro quando um fermento utilitario lhe principiou a revolver o pensamento, a acla-

rar-lhe idéas sobre situações da vida em que se come, bebe, gosa e representa papel d'importancia relativa á força monetaria do personagem.

Pensava na riqueza, na situação desafogada depois da formatura, facilitando-lhe o independente exercicio da actividade, sem curvaturas humilhantes; o trabalho livre sem as peias da necessidade immediata a estorvar-lhe a acção, e bastas vezes a fazer errar a carreira, a inutilisar um homem, porque não póde esperar, porque é necessario ganhar o primeiro logar que lhe apparece.

Depois, no céo da sua felicidade, todo azul, estrellado de esperanças, raiava o grande amor da Soledade como um sol a illuminar e a aquecer a vida.

Entravam em Samsão, o Armindo estendeu-se para fóra da janella e gritou ao cocheiro: — «hotel dos caminhos de ferro».

E dirigindo-se ao Matos:

— Fico aqui, não vou para cima por não ter o quarto arranjado, é questão d'uma noite. Vocês preparem-se para a partida, ámanhan á noite, para casa da D. Laura.

A Soledade espera alli as formalidades legaes do reconhecimento materno, e depois, no mesmo dia, de madrugada, na capella da quinta, o casamento dos paes e dos filhos — meus manos e senhores. — Até logo.

Saltou do carro, bateu á porta do hotel.

Quando o trem já andava gritou ao Matos:

— Olha, olha... esquecia-me...

O trem parou. O Matos com a cabeça de fóra escutava:

— Se vieres cedo para a Baixa dize á Esther dos Palacios Confusos que estou cá.



A' uma hora da tarde o Armindo sahiu do hotel para a rua dos Coutinhos.

Encontrou o Matos no quarto passeando agitado, nervoso, e a Soledade, a chorar, sentada n'uma cadeira de verga junto da cama.

— Temos scena.

o Armindo logo que entrou.

— E dramatica — accudiu o Matos — Não quer ir, ateima, põe os pés á parede e jura que não vai.

A Soledade não se podia conformar com a nova situação, sentia-se esmagada pela surpreza, temia o inesperado fastigio, obsecava-se com a revira-volta da fortuna.

Tinha-se habituado a odiar a mãe, que a engeitára, e seriam necessarias repetidas provas de carinhosa estima para conseguirem transformar aquelle sentimento em sincero affecto.

Dirigiu-se ao Armindo continuando na teima:

— Não vou. Essa mulher não me manda buscar para obedecer á propria consciencia ou ao amor materno.

Só escuta a voz das conveniencias — foi a conve-

niencia que a obrigou a enjeitar-me e é a conveniencia que hoje a leva a reconhecer-me.

Alijou, enjeitando-me, a responsabilidade do meu nascimento, preferiu o commodo d'uma vida, fingidamente honesta, ao sacrificio publico da propria honra a bem da filha que gerára.

Pensou em que a morte, boa ceifeira d'enjeitados, poucos mezes a sobrecarregaria com a mesada da ama.

Enganou-se, e agora, que a minha conhecida situação a desillustra, quer legitimal-a.

Não se importa por mim que eu esteja aqui. Se de mim se importasse não me deitaria para a rua quando nasci, nem estava dezoito annos sem me recolher.

O Armindo tentava convencel-a:

— Engana-se, Maria, sua mãe só agora soube da existencia da filha, que julgava morta.

— Mas pagava as mesadas á ama que a creava.

Volveu rapidamente a Soledade, satisfeita com o triumpho da sua argumentação.

— Engana-se ainda: as mesadas eram pagas pelo feitor da casa, que forjou a mentira da morte na boa intenção de poupar mais desgostos ao velho amo.

Não se convencia a Soledade, e procurava fortificar-se na teimosia:

— Succede assim em todos os romances: o auctor cria os personagens conforme as necessidades do enredo. Agora apparece um feitor a juntar á carga dos annos a das responsabilidades da ama.

E continuou por alli fóra contradizendo com vi-

vacidade, sem quasi as escutar, as respostas, pacientes, commedidas, sempre promptas, do Armindo.

O Matos passeava no quarto, sorrindo desdenhosamente de todo aquelle barulho, que elle esperava vêr acabar em breve.

Dava-lhe por isso pouca attenção e ia pensando na necessidade d'escrever ao pae, prevenindo-o do casamento.

Mas enganou-se d'esta vez, porque chegaram as horas de comboio, a obstinação persistiu, e o Armindo voltou para a terra só, e desgostoso, com o desastre da commissão.

Recostou-se nos coxins do compartimento de primeira classe, pôz na cabeça um gorro de seda, enrolou a manta nas pernas, metteu nos fechos os botões da luva direita, acabada de calçar, recompôz os episodios do dia, repetiu mentalmente todas as razões da Soledade e concluiu:

— Sim, senhores, bonito termo d'uma embaixada

Este resultado abriu-me a carreira: ou me faço diplomata ou erro a vocação.

XXXIII



O *Brado Solemne* publicou:

Auspicioso enlace

«Realisa-se brevemente a união matrimonial do nosso ex.^mo amigo dr. Marcos Brandão, meretissimo agente do ministerio publico n'esta comarca, com a ex.^ma sr.^a D. Mauricia Monteiro, irman do nosso saudoso amigo, prior e capitalista que foi n'esta terra. Appetecemos-lhes as venturas de que são dignos, e agouramos-lhes uma eterna lua de mel.»

A pharmacia n'esse dia regorgitou de frequentadores, freguezes de conversa que liam e commentavam a noticia.

E mais extraordinaria ella lhes parecia quando se lembravam da descompostura dada no Brandão pelo *Brado Solemne*, havia dois mezes.

O Salustiano disséra as ultimas ao delegado que desviára para outro semanario um annuncio judicial.

O Batalhoz ouviu, tossiu, arrastou a cadeira em que estava sentado, bateu no chão com os pés e a bengala, elucidou:

— Cem mil réis que o Salustiano devia ao padre não valem uma opinião?

E em tom confidencial:

— Aqui para nós: o doutor já mexe as massas da velha e já escorrega... Ora, ora, ora... boa vai ella... Póde muito o João da Cruz.

E esfregava o indicador no polegar em gesto vulgar, indicativo de dinheiro.

O Batalhoz fazia successo, acolhiam-lhe os ditos com gargalhadas.

Dos ouvintes uns approvavam-lhe francamente a opinião, rindo á vontade, abanando a cabeça em gesto affirmativo, esfregando as mãos em signal de satisfação; outros, hypocritas, reservados, sorriam levemente, destacavam-se para a porta, fingiam-se alheios ao assumpto, furtavam-se á responsabilidade.

Eram estes os mais regosijados porque era n'estes que mais embraveciam invejas e odios contidos nas represas da hypocrisia, sem espraiamentos de desabafo.

A contrastar com o movimento alegre, ruidoso, estavam sentadas, alheias a tudo que as cercava, duas mulheres contristadas de dôr intima, silenciosa, apenas entrecortada de tempos a tempos por gemidos

breves, lamentosos, que lhes sahiam do fundo da alma, retalhada por golpes de cruciante angustia.

Uma esperava o vesicatorio para o marido, que ficára a arder na febre da pneumonia.

A outra aguardava qualquer consolador palliativo para a filha, envenenada pelo sangue que não achava purificação nos pulmões tuberculosos.

Ninguem as via, ninguem as consolava, nem o proprio pharmaceutico, que lhes recebera a receita, frio, indifferente, sem uma palavra de conforto, sem se distrahir da conversa encetada, observando-lhes apenas:

— Teem de esperar.

Entrou o sub-delegado de saude.

Todos queriam ouvir-lhe a opinião sobre o *auspicioso enlace*, como diziam em tom ironico. O medico, sorria, falava pausadamente:

—Não vão longe em descendencia com certeza. Melhor seria dizer — o esteril enlace. Se a mãe Eva tivesse a edade da noiva Mauricia o genero humano tinha ficado na casca.

E desfructador, sempre curioso d'ouvir o pharmaceutico, dirigiu-se-lhe:

— O senhor Florindo, á vista do caso, que conteste, se póde, as vantagens da racionalisação do anthropoide.

O pharmaceutico atraz da urna, deixava apenas vêr o busto curto e largo com a calva amarellenta, luzidia, como uma abobora ao luar, os olhitos a revolverem-se em vivesas de rato, os dois bra-

ços erguidos, as mãos no ar, e em cada uma sua pillula rebolando entre os dedos.

N'esta attitude e movimento o senhor Florindo parecia que ia dançar acompanhando-se com estalidos de dedos em imitação de castanholas. A fala não lhe tolhia a manipulação :

— Não o humanisassem, que já o não estragavam

Olhem os irmãos estacionarios — o gibbon, o orango, o chimpanzé, o gorilla... vejam se esses, quando buscam a femea, vão primeiro á repartição de fazenda indagar-lhe do rendimento collectavel. E enche a bocca o anthropoide racionalisado com a transformação do cio em amôr!

Bonita obra... O chimpanzé cioso, cheio de ternuras sinceras, porque são naturaes, aperta com os dois braços a companheira, unico estimulo do indomavel cio.

O homem amoroso, cheio de caricias pensadas, cinge a mulher com o braço esquerdo, e com o direito conta-lhe o dinheiro, unico estimulo do malleavel amôr. Bonita obra!

As theorias do senhor Florindo tiveram, como sempre, festivo acolhimento.

O major Batalhoz não as entendia, chamava-lhes a metaphysica do boticario, mas quiz-lhe parecer que eram de molde a censurar o doutor delegado — amigo a quem devia, entre outros, o favor inalteravel da recusa em todas as audiencias em que era jurado. Veio por isso em defesa do amigo, bateu com a bengala no chão, vociferou :

— Boa vai ella. . Hade ir para deante, e muito longe. Pois saibam que vai pedir a demissão e entregar-se á politica.

Que tal? hein!

E, com ares superiores, olhava em redor a gosar o effeito da revelação.

Envaidecia-se por ter podido mostrar a intimidade que tinha com o doutor, já engrandecido e aureolado pelo brilho luminoso do dinheiro da Mauricia.

O senhor Florindo apoiou:

— Vai longe, vai. E' exemplar dos mais progressivos na escala da humanização.

Todos emmudeceram porque á porta assomou garrido, vistoso, collarinho alto, gravata vermelha, polaina amarella, fato branco e luvas verdes, o doutor Marcos Brandão.

Presumido, conscio da posse do dinheiro do prior, bamboleava-se de chapeu alto ao lado, e o fio do monoculo a correr entre os dedos.

E mais se ufanou quando os da botica o cercaram e encheram de felicitações pelo auspicioso enlace —«como era do dominio publico pela informação das gazetas.»

Agora eram serios, aduladores, e lisonjeiros, os que chasqueavam antes.

Havia quem aventasse:

— Aqui estava um bom deputado, intelligente, rico...

Logo outros:

— Porque o não hade ser?

— Só se não quizer dar essa honra ao nosso circulo.

— Então é que ficávamos bem servidos.

O senhor Florindo, atraz da urna, continuava manipulando as pillulas, silencioso, attento, sem perder uma palavra. Depois de muito ouvir criticou em voz baixa, só para elle :

— E deram ao anthropoide posição erecta, fala, razão, para este fingimento e hypocrisia.

O sub-delegado de saude não tinha sido dos louvaminheiros, afastára-se e espreitava de longe o gesto e a palavra do pharmaceutico.

Vendo o agora bichanar, n'um leve murmurio de beiços, aproximou-se, quiz ouvil-o :

— O que diz?

Respondeu-lhe o senhor Florindo, suspirando desgostos, desabafando revoltas de justiça :

— Dá vontade de ser orangotango.

XXXIV

AVIA em Coimbra recita de quintanistas.

Cruzavam-se na Baixa os carros para a Portella, para o Choupal, para as Lagrimas, para o Botanico.

As familias dos estudantes, vindas de fóra, visitavam as cercanias da cidade.

Os hoteis transbordavam de hospedes.

*

* *

A' noite, o theatro academico, luxuosamente ornamentado, representava um kiosque chinez.

Era mais do que completa a enchente. Nos camarotes e na platéa trajes de gala esculpturavam os bustos das senhoras, cingiam os homens em rigores de casaca.

Quasi a meio da primeira ordem, duas damas irradiavam attracções, prendiam binoculos, enchiam a sala com um esplendor de belleza pouco vulgar — a D. Laura e a Maria da Soledade.

Atraz, em pé, no fundo do camarote, os maridos —o Fernando Silvedo e o João de Matos, quintanista do curso da recita.

Tinham casado havia um mez, na mesma manhan, ao romper do sol, na capella da quinta do Carvalhosa.

A Soledade, já quasi convencida pelo Matos, resolvera-se a satisfazer a vontade da D. Laura, quando o Armindo, regressando de ferias, nunca mais lhe falára nem quizera voltar para a mesma casa, allegando envergonhar-se da irman, que era uma amante porque não queria ser legitima mulher.

Na platéa, a seguir ao Armindo, o Soares, costas voltadas para o palco, baboso, o beiço cahido, olhos enternecidos, fixados no camarote da Laura — «só estava bem a ver as suas meninas» — como elle dizia.

Depois de muito tempo, alvoraçado de contentamento intimo, contaminado pela alegria que o cercava, teve animo para despregar os olhos do fascinador alvo, e, n'um arrebatamento sincero, a abalar-lhe a alma toda, a dar-lhe á expressão ingenuidades infantis, voltou-se para o Armindo, apontando-lhe o camarote:

— Não ha no theatro duas caras mais lindas.

Dizia a verdade, não o atraiçoava o affecto com que as via.

A orchestra veio cortar-lhe o enlevo, tocando o hymno academico, regido pelo velho doutor Medeiros, auctor da musica.

Todos os espectadores se levantaram e a sala re-

vestiu um magestoso aspecto de brilhante solemnidade.

Nos camarotes as senhoras erguidas, por entre os damascos e as flôres da ornamentação do theatro, mais faziam realçar os adornos do vestuario, e as bellezas proprias.

E mais do que todas a Laura e a Maria da Soledade, de quem os binoculos não se despregavam.

Terminado o ultimo côro a batuta passou para a mão do maestro Ferreira da Silva, o panno levantou-se e a orchestra rompeu com o hymno do curso, todo reunido no palco.

Adeantou-se o Agostinho Rego para cantar:

Amigos, lançae ao vento
Alegres canções singelas,
Dispersas, como as estrellas
Na curva do firmamento.

Respondeu-lhe em côro todo o curso:

N'este amplexo fraterno,
Em que ha sincera amisade,
Formemos o verso eterno
Para o poema da saudade.

Seguiu-se o Taborda Ramos:

E os sonhos, depois, irão
No seu dormente socego
Como as aguas do Mondego
Serenas correndo vão.

E o Sebastião Horta: (1)

E nunca mais, nunca mais
A nossa velha batina
Irá na via latina
Cumprimentar os geraes. (2)

Desceu o panno, a orchestra tocou uma symhonia. E logo principiou a peça.

O primeiro quadro do 1.º acto passava-se no hotel do Paço do Conde onde se reuniam todos aquelles bachareis dez annos depois, e cada um sendo já o que a vocação parecia indicar.

Eram visitados no hotel pela Universidade — a senhora Leonarda Minerva — acompanhada pelos archeiros e pela charamela dos actos grandes.

No 2.º quadro visitavam á noite a cidade, faziam uma serenata, cantada pelo Santos Mello, e cumprimentavam velhas relações—tricanas dos seus tempos — deliciosamente representadas pelo Eduardo Almeida (3) e pelo Balthazar de Brito (4). Havia entre ellas uma scena de ciumes no largo da Sé.

Apparecia um policia — o Francisco Mesquita — o Pedro Penedo — vesgo, feio, bigodes de lan, bonnet ao lado, calça branca, grande chanfalho.

Separava-as e depois, cheio d'importancia, em-

1 Delegado.
2 Lettra de Costa Macedo.
3 Empregado na Bibliotheca de Lisboa.
4 Advogado em Benavente

pertigado, ensoberbecido, com a importancia do serviço, a assoprar, a puxar os grandes bigodes, perguntava á platéa:

— Ha *pelicia*, ou não ha *pelicia?*

Não tinham dinheiro para pagar no Paço do Conde a conta apresentada pelo José Macaco — o Luiz Fernandes. (1)

O Rollão, entendido em aerostatica, offerecia-se para lhes fornecer balões, em que todos subissem, sahindo assim de Coimbra e pagando ao hotel com o dinheiro dos espectadores da ascensão. Acceitava-se e no final do acto, em um ultimo quadro, subiam os balões levando os bachareis entre um côro geral acclamando o Rollão:

Bravo, Rollão feiticeiro,
Arrojado machinista,
Celebra-te um povo inteiro,
O, aeronauta jurista!

No intervallo do 1.º para o 2.º acto vinha substituir o panno de bocca um outro com um telegramma da China, para o conselheiro director do club e theatro, dizendo: — «que os bachareis tinham cahido proximo de Pekim.»

Os outros actos passavam-se n'um theatro da China onde os bachareis representavam para ganhar a vida.

1 Delegado

No theatro, em uma das frizas, um espectador europeu — o Osorio [1] exclamava logo depois da primeira scena:

— Olhem quem elles são!

O espectaculo interrompia-se. O espectador era o dono d'uma casa de prego em Coimbra, viéra á China tratar de um negocio d'usura, vira o espectaculo annunciado, fôra ao theatro e ao levantar do panno, cheio d'espanto, via nos actores conhecidos bachareis, seus antigos freguezes de prego.

Continuava o espectaculo que o dono do prego ia interrompendo a cada novo personagem que entrava e em quem reconhecia um devedor.

Uma das vezes em que a questão estava mais acesa entre o espectador e o actor, em um camarote de 1.ª ordem desmaiava com grande ruido uma dama — o Pedro Gaivão [2] — antiga apaixonada do homem terciario, em Coimbra, d'onde viéra para comprar ninhos d'andorinha.

O espectaculo acabou de madrugada no meio da recitação de poesias de despedida no palco, nos camarotes, em cima dos bancos da platéa, e nos camarins.

*

* *

A's oito horas da manhan sahiam do restaurante

1 Advogado no Portc.

2 Juiz.

do Antonio da Feira, d'uma ceia offerecida pelo Costa Macedo, alguns actores, vestidos e caracterisados como tinham entrado na recita.

Na fonte altercavam duas aguadeiras, o Mesquita, ainda fardado de guarda civil, foi reprehendel'as, e, no tom comico da peça, voltou-se para um policia verdadeiro que passava:

— Ha *pelicia* ou não ha *pelicia?*

XXXV

 recita realisára-se em Maio quando as seivas, em plena actividade, enramavam as arvores, enfloreciam os ramos, e fructificavam as flôres.

Coimbra surgia no meio de verduras matizadas— mantos de variados coloridos em que se envolviam as campinas rasas, esmaltadas de mosaicos, e os montes erguidos, delineados ao longe, no fundo celeste, como formas de mulher em coxins de seda azul.

*

* *

No Jardim Botanico, cheio de forasteiros, vindos para a recita, as rosas tinham delicadissimos aromas de chá, bebido por taças transparentes de porcellana de Sevres.

Dos lilazes e dos jasmins vinham cheiros doces, de mel fresco, a escorrer dos favos.

Os botões desabrochando em flôres, as flôres gerando os fructos, exalavam subtis fragrancias, sua-

vissimas emanações, que acalentavam os espiritos em doce entorpecimento.

Os ramos mais altos oscillavam, não resistiam á força das caricias, que iam pelos ninhos.

Em recanto fechado de bambus, na alameda das tilias, os cysnes ameigavam-se, e fugiam, para mais se desejarem. Com as azas enfunadas, cortavam a agua como airosas barcas, de velas estendidas, tripuladas por dois namorados, que corriam a disputar premios de beijos n'uma regata de galanteios.

Dois pardaes, ás bicadas, n'uma contenda assanhada, cahiram no meio da rua, levantando-se logo, espantados por encontrarem a terra tão proxima das alturas onde o ciume os embravecera.

Debaixo das arvores, largamente copadas, junto do lago grande, no plano inferior das estufas, em dois bancos, um em frente do outro, sentavam-se a Laura e o Fernando Silvedo, a Maria da Soledade e o João de Matos.

Invadia-os, embalava-os, a força fertilizadora que em volta d'elles se expandia.

O Silvedo recordava á Laura a fonte da Quinta dos Ulmeiros «e aquelle dia em que á entrada da gruta uma flôr abria carinhosamente o pistillo ao pollen d'outra no meio das petalas côr de rosa do seu vestido de noiva, e por entre perfumes glorificadores do maravilhoso hymeneu.

E um par de borboletas, de brancas azas abertas, adejava na vertingem nupcial d'uma manhan de bodas.»

O João de Matos repetia á Soledade a carta em que dizia ao Santos Mello «as aves cantaram o epithalamio das minhas nupcias, o perfume dos fenos incensou os cabellos da minha noiva, que era pura e immaculada como uma pomba á sahida do ninho onde nascera. O vento balouçou os thuribulos e o sol—o velho pontifice—irradiou sobre nós a benção da sua luz».

Pullulava a vida. Cumpria-se a lei fatal. Um movimento fecundadante fazia resurgimentos na incessante transformação das formas.

Eram comtudo bem diversos os estimulos da impulsão geradora.

Uma mysteriosa força de attracção, toda physica, um capricho da aragem, um trabalho de afanosa abelha levavam o pollen ao ovulo da flôr.

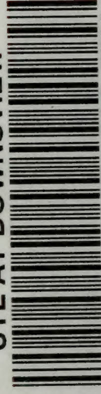
O cio sensualizava os insectos, que se perseguiam em voluptuosos adejos, e as aves, que se beijavam debicando-se.

E só elles—o Silvedo e a Laura, o Matos e a Soledade—se enterneciam, se acarinhavam, verdadeiramente AMOROSOS.

ERROS MAIS NOTAVEIS:

PAG.	ERRO	DEVE LER-SE
21	onde	aonde
51	jarro	tarro
79	A Laura	A Emilia
104	Na penultima linha falta a palavra	ter
113	para onde	para aonde
145	esperguiçavam-se	espreguiçavam-se
155	ensangrentado	ensanguentado
205	onde vinham	aonde vinham
217	conjugo	conjungo
286	Pinto	Ferreira da Silva.




UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 08 07 015 2